

PARNASO DE ALÉM-TÚMULO  
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER  
DITADO POR DIVERSOS ESPÍRITOS

## ÍNDICE

À guisa de prefácio

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Palavras minhas

De pé, os mortos!

CAPÍTULO 1 = ABEL GOMES – Temos Jesus

CAPÍTULO 2 = A. G. - Morte

CAPÍTULO 3 = ALBÉRICO LOBO - Do meu porto

CAPÍTULO 4 = ALBERTO DE OLIVEIRA – Jesus - Ajuda e passa - Do último dia

CAPÍTULO 5 = ALFREDO NORA - Carta ligeira

CAPÍTULO 6 = ALPHONSUS DE GUIMARÃENS - Aos crentes – Redivivo - Sinos - Santa Virgo Virginum

CAPÍTULO 7 = ALMA EROS - O cálice – O irmão

CAPÍTULO 8 = ÁLVARO TEIXEIRA DE MACEDO - Depois da festa

CAPÍTULO 9 = AMADEU (?) - O mistério da morte

CAPÍTULO 10 = AMARAL ORNELLAS - Ave Maria - O Tempo

CAPÍTULO 11 = ANTERO DE QUENTAL - Ciência ínfima - Rainha do Céu - À morte - Depois da morte – Soneto - O Remorso – Soneto – Deus – Consolai – Crença - Não choreis - Mão divina - Almas sofredoras - Supremo engano – Incognoscível – Fatalidade - Estranho concerto

CAPÍTULO 12 = ANTÔNIO NOBRE - Quadras de um poeta morto - Do Além – Soneto - Ao mundo - À Mocidade

CAPÍTULO 13 = ANTÔNIO TORRES - Esquife do sonho - Nada

CAPÍTULO 14 = ARTUR AZEVEDO - Miniaturas da Sociedade elegante

CAPÍTULO 15 = AUGUSTO DE LIMA - O doce missionário - O santo de Assis

CAPÍTULO 16 = AUGUSTO DOS ANJOS - Voz do Infinito - Vozes de uma sombra – Voz humana – Alma – Análise – Evolução – Homo - Incógnita - “Ego sum” - Dentro da noite - Homem-célula - Na imensidade - “Alter ego” - Aos fracos da vontade - Ao homem - Matéria cósmica - Raça adâmica - A subconsciência – Espírito - Vida e morte - Nos véus da carne - Homem da Terra - Nas sombras – Confissão - Homem-verme - Gratidão a Leopoldina - Civilização em ruínas - A Lei - A um observador materialista - Ante o Calvário - Atualidade

CAPÍTULO 17 = AUTA DE SOUZA - Almas dilaceradas – Contrastes – Mágoa – Hora extrema - Em paz - Em êxtase – Mãe – Prece – Adeus – Almas - Almas de virgens - Carta íntima – Maria - Mensagem fraterna - Vinde! - O Senhor vem

CAPÍTULO 18 = B. LOPES - Miragens celestes – Cromos

CAPÍTULO 19 = BATISTA CEPELOS – Sonetos

CAPÍTULO 20 = BELMIRO BRAGA - Rimas de Outro Mundo – Bilhetes - Quadras

CAPÍTULO 21 = BITTENCOURT SAMPAIO - À Virgem - À Maria - Às filhas da Terra - À Virgem

CAPÍTULO 22 = CÁRMEN CINIRA - Minha luz - Aos Espíritos consoladores - Cigarra morta - Era uma vez. - À Juventude - O viajor e a Fé - O sinal - Na noite de Natal

CAPÍTULO 23 = CASIMIRO CUNHA - Na eterna luz – Anjinhos - Ascensão – Quadras - Supremacia da Caridade – Versos – Símbolo - Pensamentos

espíritas - Sombra e luz - O beijo da morte - O engano - flores silvestres - Ao meu caro Quintão – Espiritismo - Aos companheiros da Doutrina

CAPÍTULO 24 = CASIMIRO DE ABREU - À minha terra - A Terra – Lembranças – Recordando

CAPÍTULO 25 = CASTRO ALVES - Marchemos! - A Morte

CAPÍTULO 26 = CORNÉLIO BASTOS - Não temas

CAPÍTULO 27 = CRUZ E SOUZA – Ansiedade – Heróis - Aos torturados - A sepultura - Anjos da Paz - Alma livre - “Gloria victis” - Nossa mensagem - Oração aos libertos – Céu - Aos tristes - Beleza da morte – Mensageiro - Se queres - À dor - Noutras eras – Sofre – Exaltação – Vozes – Soneto - Glória da Dor - Quanta vez - Ide e pregai – Caridade – Renúncia - Tudo vaidade - Ouvi-me - Felizes os que têm Deus - Glória aos humildes - Aos trabalhadores do Evangelho

CAPÍTULO 28 = EDMUNDO XAVIER DE BARROS – Vida - Diante da Terra

CAPÍTULO 29 = EMÍLIO DE MENEZES - Eu mesmo - Aos meus amigos da Terra

CAPÍTULO 30 = FAGUNDES VARELA – Imortalidade

CAPÍTULO 31 = GUERRA JUNQUEIRO - O padre João – Caridade – Romaria - Eterna vitima - A um padre - “Um Quadro da Quaresma”

CAPÍTULO 32 = GUSTAVO TEIXEIRA - A São Pedro de Piracicaba

CAPÍTULO 33 = HERMES FONTES – Soneto - Minha vida - Poema da amargura e da esperança

CAPÍTULO 34 = IGNÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO - Redivivo

CAPÍTULO 35 = JESUS GONÇALVES - Anjo de redenção

CAPÍTULO 36 = JOÃO DE DEUS - As lágrimas - O Céu – Morrer - O mau discípulo – Na estrada de Damasco - Parnaso de Além-Túmulo - Angústia materna - Lamentos do órfão - O leproso – Bondade – Oração - A Fortuna – Oração – Além – Soneto - A Prece – Fraternidade – Lembrai a chama - Eterna mensagem - No Templo da Educação - Na noite de Natal

CAPÍTULO 37 = JOSÉ DO PATROCÍNIO - Nova Abolição

CAPÍTULO 38 = JOSÉ DURO - Aos homens – Soneto

CAPÍTULO 39 = JOSÉ SILVÉRIO HORTA - Oração

CAPÍTULO 40 = JÚLIO DINIZ - O Esposo da Pobreza – Poesia - Aves e anjos

CAPÍTULO 41 = JUVENAL GALENO – Pobres – Sextilhas - De cá

CAPÍTULO 42 = LEÔNICIO CORREIA - Saudade

CAPÍTULO 43 = LUCINDO FILHO - Sem sombras

CAPÍTULO 44 = LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR – Soneto - Voltando

CAPÍTULO 45 = LUIZ MURAT - Além ainda

CAPÍTULO 46 = LUIZ PISTARINI - No estranho portal

CAPÍTULO 47 = MARTA - Nunca te isoles – Unidade - No Templo da Morte – Jesus - Lembra-te do Céu - Ao pé do altar - Mãe das mães

CAPÍTULO 48 = MÚCIO TEIXEIRA - Honra ao trabalho

CAPÍTULO 49 = OLAVO BILAC - Jesus ou Barrabás? – Soneto - No Horto - O beijo de Judas - A crucificação - Aos descrentes – Ideal – Ressurreição - O Livro - Brasil

CAPÍTULO 50 = PEDRO DE ALCÂNTARA - Meu Brasil - No exílio – Rogativa – Soneto - Página de gratidão - Oração ao Cruzeiro - Bandeira do Brasil - Brasil do Bem - Brasil

CAPÍTULO 51 = RAIMUNDO CORREIA - Sonetos

CAPÍTULO 52 = RAUL DE LEONI – Luta - Na Terra – Soneto – Nós - “Post

mortem” - Soneto

CAPÍTULO 53 = RODRIGUES DE ABREU - Vi-te, Senhor! - No Castelo encantado

CAPÍTULO 54 = SOUZA CALDAS - Ato de contrição - Versão do Salmo 12 - Versão do Salmo 18

CAPÍTULO 55 = UM DESCONHECIDO – Meditando - O nobre castelão - Nesga de Céu

CAPÍTULO 56 = VALADO ROSAS - Aos meus irmãos - Na paz do Além

CAPÍTULO 57 = NOTAS DA EDITORA

## À guisa de prefácio

A teoria, tanto quanto a prática espírita, apresenta, aos leigos e inscientes, aspectos e modismos inéditos, imprevistos, bizarros, surpreendentes.

Nos domínios da mediunidade, então, o reservatório de surpresas parece inesgotável e desconcerta, e surpreende até os observadores mais argutos e avisados.

Se fôssemos minudenciar, escarificar o assunto até às mais profundas raízes, poderíamos concluir que o comércio de encarnados e desencarnados, velho quanto o mundo, se indicia mais ou menos latente ou ostensivo, em todos os atos e feitos da Humanidade.

Inspirações, idéias súbitas ou perversidades, sonhos, premonições e atos havidos por espontâneos e propriamente naturais, radicam muito e mais na influência dos Espíritos que nos cercam — por força e derivativo da mesma lei de afinidade incoercível no plano físico, quanto no psíquico — do que a muitos poderia parecer.

E assim como se não desloca nem se precipita, isoladamente, um Átomo no concerto sideral dos mundos infinitos, assim também não há pensamento, idéia, sentimento, isolados no conceito consciencial dos seres inteligentes, que atualizam e vivificam o pensamento divino, em ascese indefinida — semper ascendens...

É o que fazia dizer a Luisa Michel: “um ser que morre, uma folha que cai, um mundo que desaparece, não são, nas harmonias eternas, mais que um silêncio necessário a um ritmo que não conhecemos ainda”.

Mas, não há daí concluir que a criatura humana se reduza à condição de autômato, sem vontade e sem arbítrio, porque nada à revelia da Lei se verifica; e no jogo dessa atuação constante, o ascendente dos desencarnados não vai além das lindes assinadas pela Providência; não ultrapassa, jamais, a capacidade receptiva do percipiente, seja para o bem, seja para o mal.

\* \* \*

Não é, contudo, desse mediunismo sutil, intrínseco, consubstancial à natureza humana, que importa tratar aqui.

Nem remontaríamos aos filões da História para considerar-lhe a identidade aos tempos da Índia, do Egito, da Grécia, das Gálias e de Roma. em trânsito para a Idade Média, na qual os médiuns eram imolados ao mais estúpido dos fanatismos — o religioso. Hoje, fogueira e potro foram substituídos pela difamação, pelo ridículo alvar, pago em boa espécie monetária, ou ainda pelo cerco caviloso e interditério de quaisquer vantagens sociais.

A luta tornou-se incruenta, mas, nem por isso, menos áspera e porfiosa.

Assoalha-se que a mediunidade é fonte de mercantilismo: entretanto, nenhum grande médium, que o saibamos, chegou a acumular fortuna e rendimentos.

Muitos, ao invés, quais Home, Slade. Eusápia e d’Espérance, morreram paupérrimos e, o que mais é, tendo a panejar-lhes a memória o labéu de charlatães.

Mas houvesse de fato esse mercantilismo e nunca se justificaria, senão por abusivo e espúrio, de vez que a Doutrina o não autoriza, sequer por hipótese.

Porque, na verdade, assim se escreve a História e o maior dos médiuns, o Médiun de Deus, só escapou ao estigma da posteridade pela porta escusa do concílio de Nicéia, numa divinização acomodaticia e rendosa ao formigamento parasitário e onímodo dos Constantinos, que, ainda hoje, lhe exploram os feitos e o nome augusto, com bulas políticas de vulpina retórica, factícios pruridos de grosseira mistificação, em bonsolatrias de cimento armado.

Entretanto, como a confirmar a tradição — “os Santos Apóstolos foram, em sua maioria, humildes pescadores” — e não só a tradição como a sentença de que os últimos seriam os primeiros —, não vêm hoje os vexilários da Verdade trazê-la aos magnatas da Terra. aos príncipes dos sacerdotes, escribas e fariseus hodiernos, disputantes à compita da magnífica carapuça e eles talhada e ajustada. de vinte séculos, no capítulo 23º de Mateus.

Ao contrário, esses esculcas do Além parece preterirem os operários modestos, modestos e rústicos, rústicos e bons, como tão sutilmente os define o Eça em magistral mensagem:

“Tipos originais, mãos calosas que se entregam aos rudes trabalhos braçais, a fazerem a literatura do além-túmulo; homens a que Tartufo chama bruxos e Esculápio qualifica de basbaques, mistificadores, ou simples casos patológicos a estudar...”

É verdade tudo isso; mas. Convenhamos, também o é para maior glória de Deus.

Não ignoramos que homens de alta cultura e renome científico têm versado o assunto, investigado, perquirido e proclamado a verdade, acima e além das conveniências e preconceitos políticos, científicos, religiosos. Nomeá-los aqui, seria fastidioso quanto inútil.

O vulgo que não lê, ou que lê pela cartilha do Sr. vigário nos conselhos privados da família beata, não deitaria os seráficos olhares a estas páginas e seguiria, clamoroso ou contente, de qualquer forma inconsciente, — *in finitum stultorum numerus* — a derrota do seu calvário, no melhor dos mundos, à Pangloss.

O outro, o vulgo que lê e compreende, mas para o qual o magister dixit é a melhor fórmula de concessão e acomodação consigo mesmo, estômago e vísceras em função, sofra a quem sofrer, doa a quem doer — esse, basofiando ciência em gestos largos de animalidade superior, se estas linhas chegasse a ler, haveria de esboçar aquele sorriso fino e bom que Bonnemère não sabia definir se seria de Voltaire, ou do mais refinado dos idiotas...

\* \* \*

Adiante, pois, na tarefa nada espartana de apresentar esta prova opima das esmoladas de luz que nos chegam em revoada de graças, a encher-nos o coração de alvissareiras esperanças.

Quem quiser certezas maiores, explanações técnicas e eruditas do fenômeno em apreço, que as procure no livro *Do País da Luz*, obra similar, editada há uma vintena de anos. psicografada pelo médiun português Fernando de Lacerda, e que fez, nas rodas profanas de Lisboa, o mais ruidoso sucesso.

Nessa obra, o ilustre Dr. Sousa Couto, em magistral prefácio, esgotou o assunto ao encará-lo sob todos os prismas de uma severa crítica, para concluir pela transcendência do fenômeno, rebelde a todos os métodos de classificação científica e, sem embargo. realíssimo em sua especificidade.

Pois, a nosso ver, maior é o mérito, por mais opulenta a polpa mediúnica, desta obra.

É que lá em Do Pais da Luz, avulta a prosa, com raras exceções; ao passo que aqui desborda o verso, mais original, mais difícil, mais precioso como índice de autenticidade autoral.

Lá, as mensagens características são exclusivas de escritores lusos, únicas que podem, a rigor, identificar pelo estilo os seus autores.

As de Napoleão 1º, Teresa de Jesus, etc., são incontestavelmente belas no fundo e na forma, mas não características de tais entidades.

Aqui, pelo contrário, não só concorrem poetas brasileiros e portugueses, como retinam cristalinas e contrastantes as mais variadas formas literárias, como a facilitarem de conjunto a identificação de cada um.

Romantismo. Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência dos seus intérpretes.

É ler Casimiro e reviver Primaveras; é recitar Castro Alves e sentir Espumas flutuantes; é declamar Junqueiro e lembrar a Morte de Dom João; é frasear Augusto dos Anjos e evocar Eu.

### Senão, vejamos:

Oh! que clarão dentro dalma.  
Constantemente cismando.  
O pensamento sonhando  
E o coração a cantar,  
Na delicada harmonia  
Que nascia da beleza,  
Do verde da Natureza,  
Do verde do lindo mar!  
É Casimiro...

Há mistérios peregrinos  
No mistério dos destinos  
Que nos mandam renascer;  
Da luz do Criador nascemos.  
Múltiplas vidas vivemos,  
Para à mesma luz volver.  
É Castro Alves...

Pairava na amplidão estranho resplendor.  
A Natureza Inteira em lúcida poesia  
Repousava, feliz, nas preces da harmonial...  
Era o festim do amor,  
No firmamento em luz,  
Que celebrava  
A grandeza de uma alma que voltava  
Ao redil de Jesus.  
É Junqueiro...

Descansa, agora vibrião das ruínas.

Esquece o verme, as carnes, os estrumes.  
 Retempera-te em meio dos perfumes  
 Cantando à luz das amplidões divinas.  
 É Augusto dos Anjos.

E todos, todos os mais, aí estão vivos, ardentes, inconfundíveis na modulação de suas líras encantadas e decantadas.

E na prosa — exceto a Fernando de Lacerda, cujo estilo não temos elementos para identificar — o mesmo traço de originalidade personalíssima se impõe.

Duvidamos que o mais solerte plumitivo, o mais Intelectual dos nossos literatos consiga Imitar, sequer, ainda que premeditadamente, esta produção.

E isto o dizemos porque o médium Xavier, um quase adolescente, sem lastro, portanto, de grande cultura e treino poético, recebe-a de jacto, e mais — quando de alguns autores não conhece uma estrofe!

É extraordinário, será maravilhoso, mas é a verdade nua e crua; verdade que, qual a Luz, não pode ficar debaixo do alqueire.

Foi por assim pensarmos que conseguimos vencer a relutância do médium em sua natural modéstia para lançar ao público, em geral, e aos confrades, em particular, esta obra mediúnica, que, certo estamos, ficará como baliza fulgurante, na história a tracejar do Espiritismo em nossa pátria.

\* \* \*

Mas, perguntarão: — quem é Francisco Cândido Xavier? Será um rapaz culto, um bacharel formado, um acadêmico, um rotulado desses que por aí vão felicitando a Família, a Pátria e a Humanidade?

Nada disso.

Omédium polígrafo Xavier é um rapaz de 21 anos, um quase adolescente, nascido ali assim em Pedro Leopoldo, pequeno rincão do Estado de Minas. Filho de pais pobres, não pôde ir além do curso primário dessa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em tese, um galopim eleitoral e não vai, também em tese, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com borrifos de catecismo católico, de contrapeso.

Órfão de mãe aos 5 anos, o pai infenso a literatices e, ao demais, pramido pelo ganha-pão, é bem de ver-se que não teve, que não podia ter o estímulo ambiente, nem uma problemática hereditariedade, nem um, nem dez cireneus que o conduzissem por tortuosos e torturantes labirintos de acesso aos altanados paços do Olimpo para o Idílico convívio de Caliope e Polímnia.

Tudo isso é o próprio médium quem no-lo diz, em linguagem eloquente, porque simples como a própria alma cedo esfolhada de sonhos e ilusões, para não pretender colimar renomes literários.

Ao lhe formularmos um questionário que nos habilitasse a pôr de plano estes detalhes essenciais — de vez que, em obra deste quilate o que se Impõe não é a apresentação dos operários, mas da ferramenta por eles utilizada, tanto quanto do seu manuseio; e não querendo, por outro lado, endossar um fenômeno cuja ascendência sobejamente conhecemos para não recusar, mas, cujo flagrante não presenciamos — ele, o médium, veio “candidamente” ao nosso encontro com Palavras minhas, nas quais estereotipa a sua figura moral, tanto quanto retrata as Impressões psicofísicas que lhe causa o fenômeno.



Nós mesmo vimos, certa vez, em São Paulo, o médium Mirabelli cobrir dezoito laudas de papel almaço, no exíguo tempo de 13 minutos marcados a relógio, enquanto conosco disqueteava em idioma diverso da mensagem escrita.

É um fato. Do seu mecanismo intrínseco e extrínseco, porém, nada nos disse o médium.

Agora, diz-nos este que também as produções são recebidas de jacto.

Não há ideação prévia, não há encadeamento de raciocínios, fixação de imagens.

É tudo inesperado, explosivo, torrencial!

Do que escreve e sabe que está escrevendo, também sabe que não pensou e não seria capaz de escrever.

Há vocábulos de étimo que desconhece; há fatos e recursos de hermenêutica. figuras de retórica, que ignora; teorias científicas, doutrinas, concepções filosóficas das quais nunca ouviu falar, de autores também ignorados e jamais lidos!

Como explicar, como definir e transfixar a captação, a realização essencial do fenômeno?

Só o médium poderia fazê-lo, e Isso ele o faz a seguir, de maneira impressionante, e de modo a satisfazer aos familiares da Doutrina.

Aos outros, aos cépticos, fica-lhes a liberdade de conjeturar, para melhor explicar, sem contudo negar, porque o fato aí está na plenitude de sua realidade, e um fato, por mais insólito que seja, vale sempre por mil e uma teorias, que nada explicam, antes complicam...

\* \* \*

Como nota final aos argos da crítica, Catões e Zoilos de compasso e metro, faisqueiros de nugas e nicas, na volúpia de escandir quand mêmme, diremos que, encarregado de apresentar esta obra, não nos dispusemos a escoimá-la de possíveis defeitos de técnica, não só por nos falecer autoridade e competência, como por julgar que tal ousio seria uma profanação.

Trata-se, precípuamente, de um trabalho de Identificação autOral, e de entidades hoje mais lúcidas e respeitáveis do que porventura o foram aqui na Terra.

Tal como no-lo deram, esse trabalho melhor corresponde à sua finalidade altíssima, e o que a legítima ética doutrinária aponta é que quaisquer lacunas, ou tallscas, devem ser atribuídas ou irrogadas ao possivelmente precário aparelhamento de transmissão, ou a fatores outros, em suma, que mal podemos imaginar e que, no entanto, racional e logicamente devem existir, mais sutis e delicados do que esses que, amiúde, ocorrem na telepatia, na radiofonia, em tudo, enfim, que participa do meio físico contingente.

Que os arautos da Boa Nova aqui escalonados, por vindos de tão alto, nos perdoem a vacuidade e a insulsice destas linhas, e que os leitores de boa vontade as desprezem como Inúteis, para só apreçarem a obra que ora lhes apresentamos, na pauta evangélica que diz: — A árvore se conhece pelo fruto.

M. Quintão (\*)

(\*) MANUEL Justiniano de Freitas QUINTÃO, nascido em 28 de maio de 1874, na Estação de Quirino, Marquês de Valença, RJ, e desencarnado em 16 de dezembro de 1954. no Rio de Janeiro. Foi guarda-livros, depois de lutar com imensas dificuldades, como jovem sem recursos financeiros, nas posições mais modestas do comércio. Chefe de família numerosíssima, Estudioso Incansável, conseguiu, como autodidata, invejável cultura humanística. Foi jornalista. Ingressou na FEB em 1903, Integrando-lhe o quadro social por 44 anos. Médiun curador e espírita militante durante mais de meio século, exerceu cargos na Diretoria da Federação Espírita Brasileira ao longo de vários decênios, inclusive a Presidência nos anos 1915, 1918. 1919 e 1929. Como membro do Grupo Ismael” foi sempre dos mais assíduos e proficientes no estudo do Evangelho de Jesus. Traduziu diversos livros espíritas e publicou alguns de sua autoria, muito apreciados, dentre eles “Cinzas do meu Cinzeiro” (coletânea de trabalhos publicados no “Reformador”) O Cristo de Deus. este último editado pela FEB. Em 1939, escreveu notas autobiográficas endereçadas ao Reformador, para serem publicadas após a sua desencarnação: estão estampadas na edição de janeiro de 1955. (Nota do Editor.)

## FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

NASCEU em Pedro Leopoldo, MG, em 2 de abril de 1910, onde residiu até dezembro de 1958. Transferiu-se para Uberaba, MG, em janeiro de 1959. Filho de João Cândido Xavier e de Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente. Aposentou-se como funcionário público federal. Médiun de atividade ininterrupta há quase meio século, publicou, através da Casa-Máter do Espiritismo — a Federação Espírita Brasileira —, em julho de 1932, o Parnaso de Além-Túmulo, primeiro livro de suas faculdades mediúnicas e já em 9ª edição. Seguiram-se-lhe mais de 110 livros mediúnicos, diversos deles publicados em Esperanto, Castelhana, Japonês, Inglês e Francês. Os romances psicografados (entre eles Paulo e Estêvão, Há Dois Mil Anos. .. e Renúncia) são periodicamente radiofonizados e televisionados. Criatura simples, afável e operosa, jamais se beneficiou dos direitos autorais da sua vasta produção mediúnica. Respeitado e estimado em todo o Brasil, onde é popularíssimo, goza ele ainda de sincera admiração em outros países. Viajou para o exterior algumas vezes, sempre no exercício do seu mediunato.

## Palavras minhas

Nasci em Pedro Leopoldo. Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todo os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades, e mesmo de sofrimentos.

Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor há muito já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas neste mundo.

E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor, quanto à sua formação.

Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente, a melhor boa vontade animou-me para o estudo. Mas, estudar como?

Matriculando-me, quando contava oito anos, num grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze horas às duas da manhã; cheguei quase a adoecer com um regime tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da atualidade.

Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. É verdade que, em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por diferenciar muito pouco essas questões. Também o meio em que tenho vivido foi sempre árido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu, com uma vida de múltiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu ocasião de conviver com os intelectuais da minha terra.

O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras.

Assim têm-se passado os dias sem que eu tenha podido, até hoje, realizar as minhas esperanças.

Prosseguindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha família era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui pois criado com as teorias da igreja, freqüentando-a mesmo com amor, desde os tempos de criança; quando ia às aulas de catecismo era para mim um prazer.

Até 1927, todos nós não admittamos outras verdades além das proclamadas pelo Catolicismo; mas, eis que uma das minhas irmãs, em maio do ano referido, foi acometida de terrível obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora, sequer. Vários dias consecutivos foram, para nossa casa, Pioras de amargos padecimentos morais. Foi quando

decidimos solicitar o auxílio de um distinto amigo, espírita convicto, o Sr. José Hermínio Perácio, que caridosamente se prontificou a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discípulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residência. Bem distante da nossa, tanto à sua família, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ela estudar as bases da doutrina espírita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. Aí, sob os seus caridosos cuidados e da sua Excelentíssima esposa Dona Carmen Pena Perácio, médium dotada de raras faculdades, minha irmã Háuria, para nosso benefício, os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutares, por intermédio da esposa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual à que a nossa genitora usava, quando na Terra.

Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria daí por diante nortear os nossos passos na vida.

Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semi-mecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando daí o ingresso do meu humilde nome nos jornais espíritas, para onde comecei a escrever sob a Inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam. (1)

Daí a pouco, a nossa alegria aumentava, pois o nosso confrade José Hermínio Perácio, em companhia de sua esposa, deliberou fixar residência junto a nós, e as nossas reuniões tiveram resultados melhores, controladas pela sua senhora, alma nobilíssima, ornada das mais superiores qualidades morais e que, entre as suas mediunidades, conta com mais desenvolvimento a clariaudiência. Nossas reuniões contavam, assim, grande número de assistentes, porém, a moral profunda que era ensinada, baseada nas páginas esplendorosas do Evangelho de Jesus, parece que pesava muito, como acontece na opinião de grande maioria de almas da nossa época, quase sempre inclinadas para as futilidades mundanas, e, decorridos dois anos, os assistentes de nossas sessões de estudos escassearam, chegando ao número de quatro ou cinco pessoas, o que perdura até hoje.

Não desanimamos, contudo, prosseguindo em nossas reuniões. constituindo para nós uma fonte de consolações isolarmo-nos das coisas terrenas em nosso recanto de prece, para a comunhão com os nossos desvelados amigos do Além. Continuei recebendo as idéias dos mesmos amigos de sempre, nas reuniões, psicografando-as, e que eram continuamente fragmentos de prosa sobre os Evangelhos. Somente duas vezes recebi comunicações em versos simples.

Em agosto, porém, do corrente ano, apesar de muito a contragosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contacto com essas

**(1) Só nos últimos dias de 1931, com a graça de Deus, desenvolveram-se**

**em mim, de maneira clara e mais intensamente, a vidência, a audição e outras faculdades mediúnicas. — (Nota do médium para a 4ª edição, em 1944.)**

entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comecei a receber a série de poesias que aqui vão publicadas, assinadas por nomes respeitáveis.

Serão das personalidades que as assinam? — é o que não posso afirmar, O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti, ao escrevê-las, era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas, e o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz freqüentemente comigo.

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalhos as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. Passavam-se às vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum, e dia houve em que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez.

Grande parte delas foram escritas fora das reuniões e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido.

Muitas vezes, ao recebermos uma destas páginas, era necessário recorrermos a dicionários, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus companheiros as desconhecíamos em nossa Ignorância, julgando minha obrigação, frisar aqui também, que, apesar de todo o meu bom desejo, jamais obtive outra coisa, na fenomenologia espírita, a não ser esses escritos. (\*)

Devo salientar o precioso concurso da bondosa médium Sra. Cármen P. Perácio, que através da sua maravilhosa clariaudiência me auxiliou muitíssimo, transmitindo-me as advertências e opiniões dos nossos caros mentores espirituais, e ainda o carinhoso interesse do distinto confrade Sr. M. Quintão, que tem sido de uma boa vontade admirável para comigo, não poupando esforços para que este desprezioso volume viesse à luz da publicidade.

E aqui termino.

Terei feito compreender, a quem me lê, a verdade como de fato ela é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e, noutros, rizinhas ridiculizadores. Há de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um desses que haja, entre mil dos primeiros, e dou-me por compensado do meu trabalho.

A todos eles, todavia, os meus saúdes, com os meus agradecimentos intraduzíveis aos boníssimos mentores do Além, que Inspiraram esta obra, que generosamente se dignaram não reparar as minhas incontáveis imperfeições,

transmitindo, por intermédio de Instrumento tão mesquinho, os seus salutares ensinamentos.

Pedro Leopoldo, dezembro de 1931.

Francisco Cândido Xavier

**(\*) Ao escrever estas palavras, o Autor não se lembrou de que as suas relações constantes com Espíritos desencarnados, mantidas desde os 5 anos de idade, pertencem igualmente à fenomenologia espírita. Pensou em fenomenologia somente como prática consciente da mediunidade nas sessões espíritas; mas todas as pessoas de sua intimidade sabem que ele, desde a infância, confunde os habitantes dos dois mundos e muitas vezes pergunta ao amigo que esteja passeando com ele “Estás vendo ali um homem de barbas brancas, etc.?” Pela resposta do companheiro é que ele fica sabendo se está, diante de um habitante do nosso mundo ou de habitante do mundo espiritual. Também isso são fenômenos espíritas. — A Editora.**

## De pé, os mortos!

Pede-me você uma palavra para o intróito do “Parnaso de Além-Túmulo”, que aparecerá brevemente em nova edição. (1)

A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos. Imagine se o aparelho visual do homem fosse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos inverossímeis e Inesperados.

Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

Decerto, os que receberem novamente o “Parnaso de Além-Túmulo” dirão mais ou menos o que eu disse (2). Não de estranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações.

Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivéssemos algemados nos tormentos do Inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo, como se os nossos amargores, daí não bastassem para nos inclinar à verdade compassiva.

Individualmente, é indubitável que possuímos no Além o reflexo das nossas virtudes ou das nossas misérias.

Mas é rasoável que apareçamos no mundo, gritando como alucinados?

Os habitantes dos reinos da Morte ainda apreciam o decoro e a decência, e o nosso presente é sempre a experiência do passado e a esperança no futuro.

“Parnaso de Além-Túmulo” sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Cármen Cinira aí está com os seus sonhos desfeitos, de mulher e de menina. Casimiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueiro com a sua Ironia, Antero com a sua rima austera e dolorosa.

Todos aí estão dentro das suas características.

Os mortos falam e a Humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.

Conta-se que na guerra russo-japonesa, terminada a batalha de Tsushima, o grande Togo reuniu os seus soldados no cemitério de Oogama, e na tristeza majestosa do ambiente. em nome da nacionalidade, dirigiu-se aos

**(1) Refere-se à 2ª edição, publicada em 1935. — (Nota da Editora)**

**(2) Alude às crônicas que ele, quando encarnado, escrevera no Diário Carioca, em julho de 1932. ao surgir a 1ª edição do Parnaso. — (Nota da Editora.)**

mortos em termos comovedores; concitou-os a auxiliar as manobras militares, a visitar os cruzadores de guerra, levantando o ânimo dos companheiros que haviam ficado nas pelepas.

Uma claridade nova cantou as energias espirituais do valente adversário da pátria de Stoessel e os filhos de Yoritomo venceram.

Na atualidade, afigura-se-nos que os brados de todos ad sofredores e infelizes da Terra se concentram numa súplica grandiosa que invade as vastidões como o grito do valoroso almirante.



— De pé, os mortos!... — exclama-se — porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.

Os Institutos da Civilização têm sido impotentes para resolver o problema do nosso ser e dos nossos destinos.

As filosofias e as religiões estenderam sobre nós o manto carinhoso das suas concepções, mas esses mantos estão rotos!... Temos frio, temos fome, temos sede!

E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de estranha purificação. A Ciência, zelosa de suas conquistas, ainda não ouviu a sua vibração misteriosa, mas os filhos do Infortúnio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo Glória in excelsis, e a Humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança.

Humberto de Campos (\*)  
(Espírito)

**(\*) HUMBERTO DE CAMPOS Veras, escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, nascido em Miritiba (hoje Humberto de Campos), MA, em 1886, e desencarnado no Rio de Janeiro, em 1934. Foi jornalista e deputado federal. Produção literária variada quão vultosa, Conheceu em vida física a 1ª edição do Parnaso de Além-Túmulo, manifestando-se a respeito dela pelo “Diário Carioca”, edições de 10 e 12 de julho de 1932, com os artigos Intitulados “Poetas do outro mundo” e “Como cantam os mortos” (apud “A Psicografia ante os Tribunais”, de Miguel Timponi, páginas 60 a 64, 4ª ed. FEB). Liberto dos liames da carne, dois anos depois passou ele a valer-se, como Espírito, das faculdades mediúnicas de Francisco Cândido Xavier para a transmissão de importantes mensagens, como a que se inseriu nesta página, acoplada ao mesmo “Parnaso” que ele conhecera aqui na Terra e oriunda do mesmo “Além-Túmulo” por ele tenuemente vislumbrado, entre o assombro e a esperança, Ditou-nos 12 livros, sendo? sob o pseudónimo de Irmão 10º, editados pela FEB. Vale destacar “BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO”, já em 9ª edição, o livro confirmador da missão espiritual do Brasil, que é a de levar as luzes do Evangelho do Cristo a todos os quadrantes do Mundo, visando à cristianização da Humanidade, sob a orientação do Anjo Ismael, o Legado do Governador Espiritual do Planeta em Terras de Santa Cruz. (Nota da Editora.)**

## 1

**ABEL GOMES**

Temos Jesus.

ESCRITOR, poeta e professor, nascido em Minas Gerais a 30 de dezembro de 1877 e falecido a 16 de agosto de 1934. Espírito dinâmico, posto que fisicamente inválido, deixou alguns livros inéditos, dos quais dois já editados pela Federação, além de copiosa obra esparsa.

**Temos Jesus**

Desaba o Velho Mundo em treva densa  
E a guerra, como lobo carniceiro,  
Ameaça a verdade e humilha a crença,  
Nas torturas de um novo cativo.

Mas vós, no turbilhão da sombra imensa,  
Tendes convosco o Excelso Companheiro,  
Que ama o trabalho e esquece a recompensa  
No serviço do bem ao mundo inteiro.

Eis que a Terra tem crimes e tiranos,  
Ambições, desvarios, desenganos,  
Asprezas dos homens da caverna;

Mas vós tendes Jesus em cada dia.  
Trabalhemos na dor ou na alegria,  
Na conquista de luz da Vida Eterna.

**2**  
**A. G.**  
Morte.

## **Morte**

Silenciosa madona da tristeza,  
A morte abriu-me as catedrais radiosas,  
Onde pairam as formas vaporosas  
Do país ignorado da Beleza.

Num dilúvio de lírios e de rosas,  
Filhos da luz de uma outra Natureza,  
Que entornavam no espaço a sutileza  
Dos incensos das naves harmoniosas!

Monja de olhar piedoso, calmo e austero,  
Que traz à Terra um ténue reverbero  
Da mansão das estrelas erradias...

Irmã da paz e da serenidade,  
Que abriu meus olhos na Imortalidade,  
À esperança de todos os meus dias!

### 3

## ALBÉRICO LOBO

Do meu porto.

NASCIDO na cidade do Rio de Janeiro em 1865 e desencarnado em fevereiro de 1942. Funcionário público, colaborou ativamente na imprensa e deixou opulenta obra esparsa, em prosa e em verso.

### Do meu porto

Ao caro amigo M. Quintão

Viajor vacilante e extenuado,  
Depois de atravessar a sombra imensa,  
Encontrei o país abençoado  
Onde vive a celeste recompensa.

Adeus mágoas da noite estranha e densa,  
Das angústias e sonhos do passado,  
Não conservo senão o Amor e a Crença,  
Ante o novo caminho ilimitado.

É doce descansar após a lida,  
Banhar o coração na luz da vida,  
Rememorando as dores que passaram...

E dos quadros risonhos do meu porto,  
Rogo a Jesus conceda reconforto  
Aos corações amados que ficaram!

## 4

**ALBERTO DE OLIVEIRA**

Jesus - Ajuda e passa - Do último dia.

FLUMINENSE, nascido em Palmital de Saquãrema, em 1859, e falecido em Niterói, em 1937. Farmacêutico, dedicou-se principalmente ao Magistério. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, parnasiano de escol, foi tido como Príncipe dos Poetas de sua geração.

**Jesus**

Quanta vez, neste mundo, em rumo escuro e incerto,  
 O homem vive a tatear na treva em que se cria!  
 Em torno, tudo é vão, sobre a estrada sombria,  
 No pavor de esperar a angústia que vem perto!...

Entre as vascas da morte, o peito exangue e aberto,  
 Desgraçado viajor rebelado ao seu guia,  
 Desespera, soluça, anseia e balucia  
 A suprema oração da dor do seu deserto.

Nessa grande amargura, a alma pobre, entre escombros,  
 Sente o Mestre do Amor que lhe mostra nos ombros  
 A grandeza da cruz que ilumina e socorre;

Do mundo é a escuridão, que sepulta a quimera...  
 E no escuro bulcão só Jesus persevera,  
 Como a luz imortal do amor que nunca morre.

**Ajuda e passa**

Estende a mão fraterna ao que ri e ao que chora:  
 O palácio e a choupana, o ninho e a sepultura,  
 Tudo o que vibra espera a luz que resplendor,  
 Na eterna lei de amor que consagra a criatura.

Planta a bênção da paz, como raios de aurora,  
 Nas trevas do ladrão, na dor da alma perjura;  
 Irradia o perdão e atende, mundo afora,  
 Onde clame a revolta e onde exista a amargura.

Agora, hoje e amanhã, compreende, ajuda e passa;  
 Esclarece a alegria e consola a desgraça,  
 Guarda o anseio do bem que é lume peregrino...

Não troques mal por mal, foge à sombra e à vingança,  
 Não te aflija a miséria, arrima-te à esperança.  
 Seja a bênção de amor a luz do teu destino.

## Do último dia

O homem, no último dia, abatido em seu horto,  
Sente o extremo pavor que a morte lhe revela;  
Seu coração é um mar que se apruma e encapela,  
No pungente estertor do peito quase morto.

Tudo o que era vaidade, agora é desconforto.  
Toda a nau da ilusão se destroça e esfacela  
Sob as ondas fatais da indômita procela,  
Do pobre coração, que é naufrago sem porto.

Somente o que venceu nesse mundo mesquinho,  
Conservando Jesus por verdade e caminho,  
Rompe a treva do abismo enganoso e perverso!

Onde vais, homem vão? Cala em ti todo alarde,  
Foge dessa tormenta antes que seja tarde:  
Só Jesus tem nas mãos o farol do Universo.

## 5 ALFREDO NORA

Carta ligeira.

ALFREDO José dos Santos Nora nasceu em 18 de novembro de 1881, no município de Piraí, Estado do Rio, e desencarnou em 13 de novembro de 1948. Depois de estudar Engenharia até ao 4º ano do curso, tornou-se funcionário da Central do Brasil, aposentando-se como Agente de 1ª classe. Poeta e jornalista, colaborou em várias revistas e jornais.

### Carta ligeira

Meu Lasneau, não é bilhete,  
Não é ofício, nem ata.  
É o coração que desata  
Meus pesares num lembrete.

1

Lasneau amigo, esta choça,  
Onde a carne, breve, passa,  
Cheia de lama e fumaça,  
É minúscula palhoça.

A Terra, ante o sol da Graça,  
É feio talhão de roça,  
Detendo por balda nossa  
Descrença, guerra e cachaça.

Agora é que entendo isso,  
Mas é triste a fé sem viço  
Que o sepulcro impõe à pressa...

Espere sem alvoroço,  
Além da prisão de osso,  
A vida real começa.

2

Oh! meu caro, se eu pudesse  
Dizer tudo o que não disse,  
Sem a velha esquisitice  
Que inda agora me entontece!

Entretanto, é clara a messe  
Da sementeira de asnice.  
Perdi tempo em maluquice  
E o tempo me desconhece.

É natural que padeça  
A minha pobre cabeça  
Perante a Luz, face a face.

Não me olvide em sua prece,  
Desejo que a luta cesse,  
Que a coisa melhore e... passe.



## 6

**ALPHONSUS DE GUIMARÃENS**

Aos crentes – Redivivo - Sinos - Santa Virgo Vírginum.

AFONSO Henrique da Costa Guimarães, poeta mineiro, natural de Ouro Preto. Nasceu aos 24 de julho de 1870 e desencarnou em 15 de julho de 1921. Magistrado, jornalista e poeta, notabilizou-se principalmente pela tonalidade mística do seu astro, qual se afirma em suas obras: Dona Mística, Septenário das Dores, Kiriale, Escada de Jacob, etc.

**Aos crentes**

Ó crentes de uma outra vida,  
Que andais no mundo exilados,  
Nos caminhos enevoados,  
Lendo o missal da amargura!

Esperai a sepultura,  
Ó crentes de uma outra vida! ...

Tangei harpas de esperança,  
Nas lutas de vossa esfera,  
Porque a Morte é a primavera  
Luminosa, eterna e imensa...

Filhos da paz e da crença  
Tangei harpas de esperança!...

**Redivivo**

Sou o cantor das místicas baladas  
Que, em volutas de flores e de incenso,  
Achou, no Espaço luminoso e imenso,  
O perfume das hóstias consagradas.

Almas que andais gemendo nas estradas  
Da amargura e da dor, eu vos pertença,  
Atravessai o nevoeiro denso  
Em que viveis no mundo, amortalhadas.

Almas tristes de freiras e sorores,  
Sobre quem a saudade despetala  
Os seus lírios de pálidos fulgores;

Eu ressurjo nos místicos prazeres,  
De vos cantar, na sombra onde se exala  
Um perfume de altar e misereres...

**Sinos**

Escuto ainda a voz dos campanários  
Entre aromas de rosas e açucenas,  
Vozes de sinos pelos santuários,  
Enchendo as grandes vastidões serenas...

E seguindo outros seres solitários,  
Retomo velhos quadros, velhas cenas,  
Rezando as orações dos Septenários,  
Dos Ofícios, dos Terços, das Novenas...

A morte que nos salva não nos priva  
De ir ao pé de um sacrário abandonado,  
Chorar, como inda faz a alma cativa!

Ó sinos dolorosos e plangentes,  
Cantai, como cantáveis no passado,  
Dizendo a mesma Fé que salva os crentes!

## **Santa Virgo Vírginum**

Sobe da Terra, em ondas luminosas,  
Um turbilhão de vozes e de lírios,  
Buscando-vos nas Luzes Harmoniosas,  
Oh! Virgem da Pureza e dos Martírios!

Imagens de turíbulos e rosas  
Aromatizam todos os empíreos...  
Há na Terra canções maravilhosas  
Entre as luzes e as lágrimas dos círios.

Senhora, o mundo inteiro vos festeja,  
Em magnificência ampla e radiosa,  
Nos altares simbólicos da Igreja!

Eis, porém, que vos vejo nos caminhos,  
Onde a vossa virtude carinhosa  
Consola e ampara os fracos pobrezinhos...

## 7

**ALMA EROS**

O cálice – O irmão.

**O cálice**

A chuva benéfica e abundante cai dos céus  
 Mitigando a sede da terra.  
 Assim também, o Amado faz chover sobre os homens  
 Os poderes e as bênçãos.  
 No entanto, choras e desesperas...  
 Por que não recolheste a tempo a tua parte?  
 — Nada vi — responderás...  
 É porque teus olhos estavam nevodados na atmosfera do sonho.

O Senhor passa todos os dias,  
 Distribuindo os dons celestiais,  
 Mas as ânforas do teu coração vivem transbordando de substâncias estranhas.

Aqui, guardas o vinagre dos desenganos,  
 Acolá, o envenenado licor dos caprichos.  
 O Amado é incapaz de violentar a tua alma.  
 Seu carinho aguarda a confiança espontânea,  
 Seu coração freme de júbilo,  
 Na expectativa de entregar-te os tesouros eternos...  
 Mas, até agora,  
 Persegues a fantasia e alimentas curiosamente a ilusão.  
 Todavia, o Amado espera.  
 E dia virá,  
 Na estrada longa do destino,  
 Em que estenderás ao seu amor infinito  
 O cálice do coração lavado e vazio.

**O irmão**

Por que ajuizas com ironia,  
 Sobre as obscuridades do irmão que sobe dificilmente a montanha?  
 Quando atravessava a floresta  
 O pobrezinho julgou que o Amado lhe falava à mente pela voz do trovão  
 E lhe erigiu altares  
 Enfeitados de flechas.  
 Depois,  
 Quando penetrou noutros círculos,  
 Acreditou que o Senhor pertencia somente ao seu grupo  
 E que as outras comunidades humanas eram condenadas...  
 Lutou, sofreu, feriu-se em dolorosas experiências.

O Amado, porém, jamais o deserdou por isso.  
Deu-lhe novas forças,  
Concedeu-lhe oportunidades diferentes.  
Por vezes,  
Buscou-o no fundo dos abismos,  
Como pai carinhoso,  
Em busca da criancinha abandonada.

De tempos a tempos,  
Fê-lo dormir no regaço,  
Ao influxo do bendito esquecimento,  
Para que o sol do trabalho lhe sorrisse outra vez.  
Não observas em seu caminho áspero a tua própria história?  
Não atormentes com palavras amargas o irmão que se eleva  
Laboriosamente,  
Dando ao mundo o que possui de melhor.  
Ama-o, faze-lhe o bem que possas.  
Se já atingiste  
Algum topo de colina,  
Contempla as culminâncias que te aguardam  
Entre as nuvens,  
E estende as mãos fraternas  
Aquele que ainda não pode ver o que já vê.

## 8

**ÁLVARO TEIXEIRA DE MACEDO**

Depois da festa.

ÁLVARO Teixeira de Macedo nasceu no Recife em 13 de janeiro de 1807 e desencarnou em 7 de dezembro de 1849, na Bélgica, onde era encarregado dos negócios do Governo Imperial do Brasil. Publicou, em livro, um poema heróico-burlesco — A Festa de Baldo.

**Depois da festa**

Não te entregues na Terra à vil mentira,  
Desfaze a teia da filúcia humana,  
Que a Morte, em breve, humilha e desengana  
A demência da carne que delira...

O gozo desfalece à própria gana,  
Toda vaidade ao báratro se atira,  
Sob a ilusão mendaz chameja a pira  
Da verdade, celeste, soberana.

Finda a festa de baldo riso infando,  
A alma transpõe o túmulo chorando,  
Qual folha solta ao furacão violento.

E quem da luz não fez templo e guarida,  
Desce gemendo, de alma consumida,  
Ao turbilhão de cinza e esquecimento.

## 9

**AMADEU (?)**

O mistério da morte.

**O mistério da morte**

O mistério da morte é o mistério da vida,  
Que abandona a matéria exãime e cansada;  
Que traz a treva em si e abre a porta dourada  
De um mundo que entre nós é a luz desconhecida.

Também tive a minha alma outrora perturbada,  
De dúvida, incerteza e angústias consumida,  
Mas a morte sanou-me a última ferida  
Desfazendo as lições utópicas do Nada.

A morte é simplesmente o lúcido processo  
Desassimilador das formas acessíveis  
A luz do vosso olhar, empobrecido e incerto.

Venho testemunhar a luz de onde regresso,  
Incitando vossa alma aos planos invisíveis,  
Onde vive e se expande o Espírito liberto.

## 10 AMARAL ORNELLAS

Ave Maria - O Tempo.

FUNCIONÁRIO público. Nasceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1885 e desencarnou a 5 de janeiro de 1923. Talento brilhante, deixou dois volumes de Poesia, consagrados pela crítica coeva, além de copiosa literatura teatral e doutrinária.

### Ave Maria

Ave Maria! Senhora  
Do Amor que ampara e redime,  
Ai do mundo se não fora  
A vossa missão sublime!

Cheia de graça e bondade,  
É por vós que conhecemos  
A eterna revelação  
Da vida em seus dons supremos.

O Senhor sempre é convosco,  
Mensagem da ternura,  
Providência dos que choram  
Nas sombras da desventura.

Bendita sois vós, Rainha!  
Estrela da Humanidade,  
Rosa mística da fé,  
Lírio puro da humildade!

Entre as mulheres sois vós  
A Mãe das mães desvalidas,  
Nossa porta de esperança,  
E Anjo de nossas vidas!

Bendito o fruto imortal  
Da vossa missão de luz,  
Desde a paz da Manjedoura,  
As dores, além da Cruz.

Assim seja para sempre,  
Oh! Divina Soberana,  
Refúgio dos que padecem  
Nas dores da luta humana.

Ave Maria! Senhora  
Do Amor que ampara e redime,  
Ai do mundo se não fora

A vossa missão sublime!

## O Tempo

O tempo é o campo eterno em que a vida enxameia  
Sabedoria e amor na estrada meritória.  
Nele o bem cedo atinge a colheita da glória  
E o mal desce ao paul de lama, cinza e areia.

Esquece a mágoa hostil que te oprime e alanceia.  
Toda amargura é sombra enfermiza e ilusória...  
Trabalha, espera e crê... O serviço é vitória  
E cada coração recolhe o que semeia.

Dor e luta na Terra — a Celeste Oficina —  
São portas aurorais para a Mansão Divina,  
Purifica-te e cresce, amando por vencê-las...

Serve sem perguntar por “ondê”, “como” e “quando”,  
E, nos braços do Tempo, ascenderás cantando  
Aos Píncaros da Luz, no País das Estrelas!



## 11

**ANTERO DE QUENTAL**

Ciência ínfima - Rainha do Céu - À morte - Depois da morte – Soneto - O Remorso – Soneto – Deus – Consolai – Crença - Não choreis - Mão divina - Almas sofredoras - Supremo engano – Incognoscível – Fatalidade - Estranho concerto.

NASCIDO na ilha de São Miguel, nos Açores, em 1842, e desencarnado por suicídio, em 1891. É vulto eminente e destacado nas letras portuguesas, caracterizando-se pelo seu espírito filosófico.

**Ciência ínfima**

Onde o grande caminho soberano  
Da. Ciência que abriu a nova era,  
Investigando a entranha da monera,  
A desvendar-se no capricho insano?

Ciência que se elevou à estratosfera  
E devassou os fundos do oceano,  
Fomentando o princípio desumano  
Da ambição onde a força prolifera...

Ciência de ostentação, arma de efeito,  
Longe da Luz, da Paz e do Direito,  
Num caminho infeliz, sombrio e inverso;

Sob o alarme guerreiro, formidando,  
Eis que a Terra te acusa, soluçando,  
Como a Grande Mendiga do Universo!...

**Rainha do Céu**

Excelsa e sereníssima Senhora,  
Que sois toda Bondade e Complacência,  
Que espalhais os eflúvios da Clemência  
Em caminhos lírios feitos de aurora!...

Amparai o que anseia, luta e chora,  
No labirinto amargo da existência.  
Sede a nossa divina providência  
E a nossa proteção de cada hora.

Oh! Anjo Tutelar da Humanidade.  
Que espargis alegria e claridade  
Sobre o mundo de trevas e gemidos;

Vosso amor, que enche os céus ilimitados,  
É a luz dos tristes e dos desterrados,

Esperança dos pobres desvalidos!...

## **À morte**

Ó Morte, eu te adorei, como se foras  
O Fim da sinuosa e negra estrada,  
Onde habitasse a eterna paz do Nada  
As agonias desconsoladoras.

Eras tu a visão idolatrada  
Que sorria na dor das minhas horas,  
Visão de tristes faces cismadoras,  
Nos crepes do Silêncio amortalhada.

Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,  
Escorraçada no padecimento,  
Batendo alucinado à tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,  
Por onde penetrei no Sofrimento,  
Numa senda mais triste e mais sombria.

## **Depois da morte**

1

Apenas dor no mundo inteiro eu via,  
E tanto a vi, amarga e inconsolável,  
Que num véu de tristeza impenetrável  
Multiplicava as dores que eu sofria.

Se vislumbrava o riso da alegria  
Fora dessa amargura inalterável  
Esse prazer só era decifrável  
Sob a ilusão da eterna fantasia.

Ao meu olhar de triste e de descrente,  
Olhar de pensador amargurado,  
Só existia a dor, ela somente.

O gozo era a mentira dum momento,  
Os prazeres, o engano imaginado  
Para aumentar a mágoa e o sofrimento.

2

Misantropo da ciência enganadora,  
Trazia em mim o anseio irresistível  
De conhecer o Deus indefinível,  
Que era na dor, visão consoladora.

Não o via e, no entanto, em toda hora,  
Nesse anelo cruciante e intraduzível,  
Podia ver, sentindo o Incognoscível

E a sua onisciência criadora.

Mas a insídia do orgulho e da descrença  
 Guiava-me a existência desolada,  
 Recamada de dor profunda e intensa;

Pela voz da vaidade, então, eu cria  
 Achar na morte a escuridão do Nada,  
 Nas vastidões da terra úmida e fria.

3

Depois de extravagâncias de teoria,  
 No seio dessa ciência tão volúvel,  
 Sobre o problema trágico, insolúvel,  
 De ver o Deus de Amor, de quem descreia,

Morri, reconhecendo, todavia,  
 Que a morte era um enigma solúvel,  
 Ela era o laço eterno e indissolúvel,  
 Que liga o Céu à Terra tão sombria!

E por estas regiões onde eu julgava  
 Habitar a inconsciência e a mesma treva  
 Que tanta vez os olhos me cegava,

Vim, gemendo, encontrar as luzes puras  
 Da verdade brilhante, que se eleva,  
 Iluminando todas as alturas.

## Soneto

Quisera crer, na Terra, que existisse  
 Esta vida que agora estou vivendo,  
 E nunca encontraria abismo horrendo,  
 De amargoso penar que se me abrisse.

Andei cego, porém, e sem que visse  
 Meu próprio bem na dor que ia sofrendo;  
 Desvairado, ao sepulcro fui descendo,  
 Sem que a Paz almejada conseguisse.

Da morte a Paz busquei, como se fora  
 Apossar-me do eterno esquecimento,  
 Ao viver da minha alma sofredora;

E em vez de imperturbáveis quietitudes,  
 Encontrei os Remorsos e o Tormento,  
 Recrudescendo as minhas dores rudes.

## O Remorso

Quando fugi da dor, fugindo ao mundo,  
 Divisei aos meus pés, de mim diante,  
 A medonha figura de gigante  
 Do Remorso, de olhar grave e profundo.

Era de ouvir-lhe o grito gemebundo,  
 Sua voz cavernosa e soluçante!...  
 Aproximei-me dele, suplicante,  
 Dizendo-lhe, cansado e moribundo: —

“Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,  
 Se enlouqueci no meu degredo estranho,  
 Acordando-me em lágrimas, gemendo?”

Ele riu-se e clamou para meus ais:  
 “Companheiro na dor, eu te acompanho,  
 Nunca mais te abandono! Nunca mais!”

## Soneto

Mais se me afunda a chaga da amargura  
 Quando reflexiono, quando penso  
 No mar humano, encapelado e imenso,  
 Onde se perde a luz em noite escura...

Nesse abismo de treva a bênção pura,  
 Do espírito de amor ao mal imenso,  
 Sente o assédio do mal. É o contra-senso  
 Da luz unida à lama que a tortura.

Mais se me aumenta a chaga dolorida,  
 Escutando o soluço cavernoso  
 Da pobre Humanidade escravizada;

Sentindo o horror que nasce dessa vida,  
 Que se vive no abismo tenebroso,  
 Cheio do pranto da alma encarcerada!

## Deus

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,  
 O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,  
 Onde se agitam turbilhões de esferas,  
 Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?

Quem, senão ele fez a esfinge estranha  
 No segredo inviolável das moneras,  
 No coração dos homens e das feras,  
 No coração do mar e da montanha!

Deus!... somente o Eterno, o Impenetrável,  
 Poderia criar o imensurável  
 E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,  
 E que habita na eterna claridade  
 Das torrentes da Luz e da Harmonia!

## Consolai

Se eu pudesse, diria eternamente,  
 Aos flagelados e desiludidos,  
 Que sobre a Terra os grandes bens perdidos  
 São a posse da luz resplandecente.

A dor mais rude, a mágoa mais pungente,  
 Os soluços, os prantos, os gemidos,  
 Entre as almas são louros repartidos  
 Muito longe da Terra impenitente.

Oh! se eu pudesse, iria em altos brados  
 Libertar corações escravizados  
 Sob o guante de enigmas profundos!

Mas, dissei-lhes, ó vós que estais na  
 Terra, Que a luz espiritual da dor encerra  
 A ventura imortal dos outros mundos!

## Crença

Minha vida de dor e de procela  
 Que se extinguiu na tempestade imensa,  
 Despedaçou-se à falta dessa crença,  
 Que as grandes luzes místicas revela.

E estraçalhei-me como alguém que sela  
 Com o supremo infortúnio a dor intensa,  
 Desvairado de angústia e de descrença,  
 Dentro da vida sem compreendê-la.

Ah! Crer! bem que, na Terra, não possuí,  
 Quando entre conjeturas me perdi,  
 De tão pequena dor fazendo alarde...

Crença! Luminosíssima riqueza  
 Que enche a vida de paz e de beleza,  
 Mas que chega no mundo muito tarde.

## **Não choreis**

Não choreis os que vão em liberdade  
 Buscar no Espaço o luminoso leito  
 Da paz, distante do caminho estreito  
 Desse mundo de dor e de orfandade.

O pranto é a flor de aromas da saudade,  
 Que perfuma e crucia o vosso peito,  
 Mas, transformai-o em gozo alto e perfeito,  
 Em santa e esperançosa claridade.

Chega um dia em que o Espírito descansa  
 Das aflições, angústias e cansaços,  
 Dos agulhões das dores absolutas:

Feliz de quem, na Crença e na Esperança,  
 Procura a luz sublime dos espaços,  
 Buscando a paz depois das grandes lutas.

## **Mão divina**

A luz da mão divina sempre desce,  
 Misericordiosa e compassiva,  
 Sobre as dores da pobre alma cativa,  
 Que está nas sendas lúcidas da Prece.

Se a amargura das lágrimas se aviva,  
 Se o tormento da vida recrudesce,  
 Aguardai a abundância da outra messe  
 De venturas, que é da alma rediviva.

Confiado, esperai a Providência  
 Com os sentimentos puros, diamantinos,  
 Lendo os artigos ríspidos da Lei!

Os filhos da Piedade e da Paciência  
 Encontrarão nos páramos divinos  
 A paz e as luzes que eu não alcancei.

## **Almas sofredoras**

Passam na Terra como as ventanias,  
 Ou como agigantadas nebulosas  
 Provindas de cavernas misteriosas,  
 Essas compactas legiões sombrias;

Turbas de almas escravas de agonias,  
 Com que andei entre queixas dolorosas,

Ao palmilhar estradas escabrosas,  
Entre as noites mais lúgubres e frias!

Oh! visões de martírios que apavoram,  
Miseráveis Espíritos que choram,  
Sob os grilhões de rude sofrimento!

Orai por eles, bons trabalhadores  
Que estais colhendo sobre a Terra as flores  
De um doce e temporário esquecimento.

## **Supremo engano**

Vê-se da Terra o Céu, em toda a vida,  
Como um vergel azul de lírios brancos,  
Onde mora a ventura, e em cujos flancos  
Repousa a grande mágoa adormecida.

Céu! quanta vez minha alma entristecida  
Anteviu tua paz, sob os arrancos,  
Sob os golpes da dor, rijos e francos,  
Na escuridão espessa e indefinida!

Não sonhei com teus deuses venturosos,  
Com teus grandes olimpos majestosos,  
Cheios de vida e de infinitos bens...

Antegozei, somente, em minhas dores,  
A paz livre de trevas é pavores,  
Do imperturbável nada que não tens!

## **Incognoscível**

Para o Infinito, Deus não representa  
A personalidade humanizada,  
Pelos seres terrenos inventada,  
Cheia, às vezes, de cólera violenta.

Deus não castiga o ser e nem o isenta  
Da dor, que traz a alma lacerada  
Nos pelourinhos negros de uma estrada  
De provação, de angústia e de tormenta.

Tudo fala de Deus nesse desterro  
Da Terra, orbe da lágrima e do erro,  
Que entre anseios e angústias conheci!

Mas, quanto o vão mortal inda se engana,  
Que em sua triste condição humana  
Fez a essência de Deus igual a si!

## Fatalidade

Crê-se na Morte o Nada, e, todavia,  
A Morte é a própria Vida ativa e intensa,  
Fim de toda a amargura da descrença,  
Onde a grande certeza principia.

O meu erro, no mundo da Agonia,  
Foi crer demais na angústia e na doença  
Da alma que luta e sofre, chora e pensa,  
Nos labirintos da Filosofia...

E no meio de todas as canseiras  
Cheguei, enfim, às dores derradeiras  
Que as tormentas de lágrimas desatam!...

Nunca, na Terra, a crença se realiza,  
Porque em tudo, no mundo, o homem divisa  
A figura das dúvidas que matam.

## Estranho concerto

Clamou o Orgulho ao homem: — “Goza a vida!  
E fere, brasonado cavaleiro,  
Coroadado de folhas de loureiro,  
Quem vai de alma gemente e consumida. .

Veio a Vaidade e disse: — “A toda brida!  
Dominarás, além, no mundo inteiro,  
Cavalga o tempo e corre ao teu roteiro  
De soberana glória indefinida!...

Mas a Verdade, sobre a humana fumaça,  
Gritou-lhe, angustiada, em voz soturna:  
— “Insensato! aonde vais, sem Deus, sem norte?”

E impeliu, sem detença e sem barulho,  
Cavaleiro e corcel, vaidade e orgulho,  
Aos tenebrosos pântanos da Morte.



## 12 ANTÔNIO NOBRE

Quadras de um poeta morto - Do Além – Soneto - Ao mundo - À Mocidade.

NASCEU na cidade do Porto e faleceu na Foz do Douro aos 33 anos de idade, em 18 de março de 1900. Distinguiu-se pela suavidade e melancolia do seu estro. Deixou um livro inconfundível e, ainda hoje, muito estimado — Só — e Despedidas, edição de 1902.

### Quadras de um poeta morto

Coração, não vos canseis  
De bater... que importa lá?  
Porque os amores fiéis,  
Nem a morte os vencerá.

Ó figuras de velinhos  
Que andais dormitando ao léu!  
Como são belos os Linhos  
Que vos esperam no Céu!

Dizem que os mortos não voltam...  
Voltam sim. E por que não?  
Os corpos daí nos soltam,  
Como às aves o alçapão.

Nem gritos e nem cantigas  
Entre vós que à noite andais;  
As almas das raparigas  
Inda sonham nos choupais.

Nas grandes mansões da morte  
Inda há romance e noivados,  
Venturas da boa sorte,  
Corações despedaçados.

Quem riu ontem, quem ri hoje,  
Nem sempre poderá rir...  
Um dia o riso lhe foge,  
Sem que o veja escapulir.

Riquezas, que valem elas  
Se estão na sombra ou sem luz?  
Tesouro são as estrelas  
Da bondade de Jesus.

Pode-se amar o veludo  
De uns olhos e os brilhos seus,  
Porém, acima de tudo

Devemos amar a Deus.

Vós que amais a luz da Lua,  
De vossa alma abri as portas  
Para os fantasmas da rua,  
Que choram nas horas mortas.

Pensei que a morte era o fim  
Das ânsias do coração;  
Contudo, não é assim...  
Nem pó e nem solidão.

As vezes acham-se fojos  
Onde há música e festins,  
E há muitos cardos e tojos  
Entre as flores dos jardins.

Se eu pudesse, estenderia  
Minhas capas de luar,  
Sobre os filhos da agonia  
Que andam no mundo a penar.

A morte só pode ser  
A vida risonha e pura,  
Para quem a padecer  
Vive aí na sepultura.

Mal vais, se vais caminhando  
Na ambição de ouro e glória;  
Nesse mundo miserando  
Toda ventura é ilusória.

Chorai! chorai orfãozinhos,  
Vossas dores amargosas:  
Achareis noutros caminhos  
As vossas mães extremosas.

Deixa cantar, ó menina,  
Teu coração sonhador...  
No sepulcro não termina  
O novelário do amor.

Um anjo cheio de encanto  
Vive sempre com quem chora,  
Guardando as gotas de pranto  
Numa urna cor da aurora.

No Universo há céus profundos,  
Cheios de vida e esplendor,  
Um céu é um ninho de mundos,

Um mundo é um ninho de amor.

A caridade é a beleza  
De um divino plenhlúnio,  
Luz que se estende à pobreza,  
Na escuridão do infortúnio.

Aos mendigos desprezados  
Não ridicularizeis,  
São senhores despojados  
Dos seus tesouros de reis.

Aqui, a alma inda espera  
O alguém que na Terra amou,  
O raio de primavera  
Que aí jamais encontrou.

Há quem faça aí mil contas,  
Que os interesses resuma,  
Mas morrem cabeças tontas,  
Sem fazer conta nenhuma.

Tecei sonhos, fiandeiras,  
Oh! almas enamoradas,  
Vivei aí nas clareiras  
De luzes alcandoradas.

Ah! que sinto aqui saudades  
Das noites de São João,  
Sonho, estrelas, claridades,  
Cantigas do coração.

Na minha vida de agora  
Não canto as festas louçãs,  
Naquelas toadas de outrora  
As moçoilas coimbrãs.

Acompanha-me a tristeza  
Das saudades, por meu mal;  
Minha terra portuguesa! ...  
Meu querido Portugal! ...

## **Do Além**

Pudesse o nosso olhar, vagueando os ermos,  
Ver através da própria soledade  
A expressão luminosa da Verdade,  
E da luz da Verdade não descremos...

Preocupar-se aí, porém, quem há de

Com o problema de sermos ou não sermos,  
 Pois que o ardente desejo de o sabermos  
 É sempre o anelo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos  
 Sem que a nossa miséria se desfaça  
 No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,  
 Até que a dor unindo-se à desgraça  
 Descerre os véus que encobrem outra vida.

## Soneto

“Quando cobrir-se o chão de folhas mortas  
 - Meu coração dizia em grave entono —  
 Extinguindo-se a vida que comportas,  
 Dormirás no meu seio o último sono...”

E murmurava a alma — “Findo o Outono,  
 A Primavera vem por outras portas;  
 Não existe no túmulo o abandono,  
 Ou a dor amarga e rude em que te cortas.”

Escutava essas vozes comovido,  
 Morto de angústia, morto de incerteza,  
 Aguardando o sol-posto, entristecido;

E além da amarga vida de segundos,  
 Ressurgi da tortura e da tristeza,  
 Sob os ares sadios de outros mundos!

## Ao mundo

A Terra é o vasto abismo onde a alma chora,  
 O vale de amarguras do Salmista,  
 Lodoso chavascal onde se avista  
 A podridão dos vermes que apavora.

Mas, para os grandes bens, para que exista  
 A perfeição da luz deslumbradora,  
 Precisamos da carne que aprimora  
 Com o camartelo mágico do artista.

Terra, tranqüilamente eu te abençôo...  
 Porque da tua dor alcei meu vôo  
 Para a mansão das luzes opulentas;

Teu rigor nos redime e nos eleva;  
 Mas és ainda o cárcere da treva,

Triste mundo de chagas pustulentas!

## À Mocidade

Cantai! cantai, ó mocidade! Moira  
Encantada que ri nos prados verdes,  
Cantai o amor que é luz que se entesoira,  
Vibrai na luz da vida em que viverdes.

Glorificai, ditosa, o sol que doira  
O riso que espalhais sem compreenderdes,  
Expandi-vos na primavera loira,  
Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,  
Alvorada em abril, do sol-nascente,  
Clareando o porvir almo e risonho;

Marchai sorrindo, doce juventude,  
Na exaltação do amor e da saúde,  
Ébria de aroma e luz, ébria de sonho!...

## 13 ANTÔNIO TORRES

Esquife do sonho – Nada.

NASCEU em Diamantina (Minas Gerais) em 1885, falecendo, em 1934, na cidade de Hamburgo, como cônsul adjunto do Brasil. Ordenou-se sacerdote, abandonando mais tarde a profissão eclesiástica. Poeta e escritor.

### Esquife do sonho

Tive um Sonho de Amor e de Inocência,  
Cheio de luz das coisas invulgares,  
Do qual perdi a luminosa essência  
Na cristalização dos meus pesares.

Tarde reconheci minha falência,  
Terminados os múltiplos azares,  
De minha quase inútil existência,  
No silêncio das cinzas tumulares.

E da Morte, no abismo indefinido,  
Tombei exausto, amargurado e cego,  
— Abismo tenebroso que eu transponho.

Infeliz do meu ser irredimido,  
Pois triste e atordoado inda carrego  
O negro esquife do meu próprio sonho.

### Nada...

Nada! ... Filosofia rude e amara,  
Na qual acreditei, com pena embora  
De abandonar a Crença que esposara,  
— A minha aspiração de cada hora.

Crença é o perfume dalma que se enflora  
Com a luz divina, resplendente e rara  
Da Fé, única Luz da única Aurora,  
Que as trevas mais compactas aclara.

Revendo os dias tristes do Passado,  
Vi que troquei a Fé pela Ironia,  
Nos desvios e excessos da Razão;

Antes, porém, não fosse tão ousado,  
Pois nem sempre a Razão profunda e fria  
Alivia ou consola o Coração.

## 14

**ARTUR AZEVEDO**

Miniaturas da Sociedade elegante.

NASCIDO em São Luis, no Maranhão, a 7 de julho de 1855 e falecido na cidade do Rio de Janeiro a 22 de outubro de 1908. Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Viação. Poeta, comediógrafo, jornalista e crítico. Membro e fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira de Martins Pena.

**Miniaturas da Sociedade elegante**

1

Adriano Gonçalves de Macedo,  
Homem de cabedais e alma sem siso,  
Penetrou no seu quarto com um sorriso  
As dez horas da noite, muito a medo.

Uma carta de amante — era um segredo —  
la abri-la, e, assim, era preciso  
Que a sua esposa, dama de juízo,  
Não na visse nem mesmo por brinquito:

Dona Corália Augusta Colavida  
Estaria nessa hora recolhida?  
Levantou a cortina, devagar...

Mas, que tragédia após esse perigo...  
Viu que a esposa beijava um seu amigo,  
Sobre o divã, da sala de jantar.

2

No belo palacete do Furtado,  
Palestrava a galante Mariquita  
Com um pelintra afetado, assaz catita,  
Bacharel delambido e enamorado.

De sobre a grande cômoda bonita,  
Toma o moço um livrinho encadernado,  
Revirando-o nas mãos, interessado,  
Mas a jovem retoma-o, muito aflita:

- “Esse livro, Antonico, é meu breviário!”  
Diz inquieta. E ele, cínico e falsário,  
Arrebata-o às frágeis mãos trementes

Abriu-o. Mais o olhava e mais se ria...  
Era um compêndio de pornografia,  
Recamado de quadros indecentes.

3

Dom Castilho, notável latinista,  
Realizara alentada conferência,  
Sobre rígido assunto moralista,  
Protegido dos membros da regência.

Foi um sucesso. E a esposa Ana Fulgência,  
Nele via uma grande alma de artista,  
Louvando-lhe a utilíssima existência  
De homem probo e notável publicista.

Que primor de moral! e os companheiros  
Escritores, poetas, conselheiros,  
Foram levar-lhe um abraço camarada.

Numa corrida louca, esses senhores  
Foram achá-lo em seus trajes menores,  
No apartamento escuro da criada...



## 15

**AUGUSTO DE LIMA**

O doce missionário - O santo de Assis.

POETA mineiro, nascido em Sabará, Minas, em 5 de abril de 1859 e desencarnado no Rio de Janeiro em 22 de abril de 1934. Magistrado íntegro, orador e publicista, militou na Política e foi membro de realce da Academia Brasileira de Letras, tendo ocupado a presidência dessa instituição.

**O doce missionário**

Sertão hostil. Agreste serra.

Tendo por companhia

A cruz do Nazareno, humilde e solitário,

Ali vivia Anchieta, o doce missionário,

Carinhoso pastor, espelho de bondade,

Abençoando o bem, perdoando a maldade,

Servo amado de Deus, imitador de Assis,

Que na humildade achara a vida mais feliz.

Naquele dia,

Era intenso o calor.

Ninguém! Nem uma sombra se movia,

Tudo era languidez, desânimo e torpor.

Além se divisava a solidão da estrada,

Amarela de pó, tristonha e desolada.

Na clareira, onde o Sol feria os vegetais,

Viam-se florescer bromélias e boninas,

E, elevando-se aos céus, esguios espinhais

Implorando piedade às amplidões divinas...

Eis que o irmão de Jesus, o humilde pegureiro

Avista um mensageiro.

Dirige-se-lhe a casa,

Pisando vagaroso o chão que o Sol abrasa.

— “Meu protetor — diz ele —, o bom pajé,

Convertido por vós à luz da vossa fé,

Que tem oferecido a Deus o seu amor,

Agoniza na taba, ao longe, em aflição.

Ele espera de vós a paz do coração

E implora lhe leveis a bênção do Senhor.”

- “Oh! doce filho meu, que vindes de passagem,  
Que Jesus vos ampare, ao termo da viagem...”

E isso dizendo, o pastor prestamente  
Toma da humilde cruz do Mártir do Calvário,

Abandonando o ninho agreste e solitário,  
Para arrancar à dor o pobre penitente.

Há solidão na estrada,  
Ferem-lhe os pés as pontas dos espinhos.  
Que penosa jornada,  
Em tão rudes e aspérrimos caminhos! ...

Pairam no ar excessos de calor,  
Nem árvores umbrosas e nem fontes,  
Somente o Sol ferino e destruidor,  
Que calcina, inflamando os horizontes.

Eis que a sede o devora;  
Entretanto, o pastor não se deplora;  
A terna e meiga efígie de Jesus  
É-lhe paz e alimento, amparo e luz.

Numa férvida prece,  
Ele ainda agradece:  
— “Sê bendito, Senhor, por tudo o que nos dás,  
Seja alegria ou dor, tudo é ventura e paz.  
Eu vejo-te no alvor das manhãs harmoniosas,  
No azulíneo do céu, no cálice das rosas,  
Na corola de luz de todas as florinhas,  
No canto, todo amor, das meigas avezinhas,  
Na estação outonal, na loura Primavera,  
No coração do bom, que te ama e te venera,  
Na vibração dos sons, na irradiação da luz,  
Na dor, no sofrimento, em nossa própria cruz...  
Tudo vive a mostrar tua pródiga bondade,  
Eterno Pai de amor, de luz e caridade.  
Abençoados são o Inverno que traz frio  
E os calores do Sol nas estações do estio...”

Terminando a sorrir a espontânea oração,  
Inspirada em tão santa devoção,  
Anchieta escuta em torno os mais sutis rumores.

Eis que nos arredores  
Congregam-se apressadas  
Todas as avezinhas,  
E, asas aconchegadas,  
Juntinhas,  
Numa ideal combinação  
Formam um pálio protetor,  
Cobrindo o doce irmão  
Que ia ofertar amor,  
Luz e consolação,  
Em nome do Senhor.

Pelos caminhos,  
 Foi-se aumentando  
 O alado bando  
 Dos bondosos e ternos passarinhos,  
 Aureolando com amor o Discípulo Amado,  
 Modesto, casto, humilde e isento de pecado,  
 Que ia seguindo,  
 Lábios sorrindo,  
 Em meiga mansuetude.

O enviado do Bem e da Virtude  
 Agradecia ao Céu, o coração em luz,  
 Evolando-se puro ao seio de Jesus.

Chegara ao seu destino. Ia caindo o dia  
 No poente de paz e de harmonia,  
 Brilhava nova luz, feita de crença e amor:  
 Era a bênção dos Céus, a bênção do Senhor.

### **O santo de Assis**

No suave mistério dos espaços,  
 Santa Maria dos Anjos inda existe,  
 Com a mesma luz divina dos seus traços,  
 Glorificando as dores da alma triste,  
 Repartindo a Virtude, a Graça e os Dons  
 Que a palavra divina do Cordeiro  
 Prometeu aos pacíficos e aos bons  
 Do mundo inteiro...

Uma nova Porciúncula, dourada  
 Pelos astros de mística alvorada,  
 Aí se rejubila,  
 Sob a paz de Jesus, terna e tranqüila,  
 Derramando no Além ignorado  
 Os sonhos de Virtude e Perfeição,  
 Daquela mesma Umbria do passado,  
 Cheia de encantamento e de oração.

A luz dos sóis da etérea Natureza,  
 Numa doce e ideal Eucaristia,  
 O Esposo da Pobreza  
 No seu manto de amor e de alegria  
 Inda abre os braços para os pecadores...

“Irmão Sol, irmãos Anjos, irmãs Flores,  
 Não nos cansemos de glorificar  
 A caridade imensa do Senhor,  
 Sua sabedoria e seu amor,  
 Procurando salvar

Os nossos irmãos Homens mergulhados  
Entre as noites sombrias dos Pecados!...

E à voz suave e dúlcida do Santo,  
A Terra escura e triste se povoa  
De anjos de amor, que enxugam todo o pranto  
E que levam consigo  
Todo o consolo amigo  
Da Esperança no Céu, singela e boa...

Das paragens etéreas  
Da sua ideal igreja,  
São Francisco de Assis abraça e beija  
O homem que sofre todas as misérias,  
Amparando-lhe a alma combalida  
Nos desertos de lágrimas da Vida...  
E o conduz  
Ao regaço divino de Jesus!...

Santo de Assis, divino "poverello",  
Nas amarguras do meu pesadelo  
De vaidade do mundo, que devasta  
Todo o bem, vi tua luz singela e casta  
Beijando as minhas lepras asquerosas...  
Uma chuva de lírios e de rosas  
Lavou-me o coração de pecador  
E guardei para sempre o teu amor.

Santo de Assis, irmão da Caridade,  
Que me curaste as lepras e a cegueira,  
Depois da morte, à luz da imensidade,  
Quero ainda abençoar-te a vida inteira...

## 16

**AUGUSTO DOS ANJOS**

Voz do Infinito - Vozes de uma sombra – Voz humana – Alma – Análise – Evolução – Homo - Incógnita - “Ego sum” - Dentro da noite - Homem-célula - Na imensidade - “Alter ego” - Aos fracos da vontade - Ao homem - Matéria cósmica - Raça adâmica - A subconsciência – Espírito - Vida e morte - Nos véus da carne - Homem da Terra - Nas sombras – Confissão - Homem-verme - Gratidão a Leopoldina - Civilização em ruínas - A Lei - A um observador materialista - Ante o Calvário – Atualidade.

PARAIBANO. Nasceu em 1884 e desencarnou em 1914, na cidade de Leopoldina. Minas. Era professor no Colégio Pedro 2º, inconfundível pela bizzarria da técnica bem como dos assuntos de sua predileção, deixou um só livro — Eu — que foi. alias. Suficiente para lhe dar personalidade original.

**Voz do Infinito**

1

No excêntrico labor das minhas normas  
Na Terra, muita vez me consumia  
Perquirindo nas leis da Biologia  
As expressões orgânicas das formas.

O fenômeno apenas, porque o fundo  
Do númeno às eternas rutilâncias,  
Eram partes do Todo nas Substâncias  
Desde o estado prodrômico do mundo.

Com o espírito absconso em paroxismos,  
No rubro incêndio de batalha acesa,  
Via Deus adstrito à Natureza,  
Deus era a lei de eternos transformismos.

Concepção panteística, englobando  
As substâncias todas na Unidade,  
Perpetuando-se em continuidade,  
A essência onicriadora reformando.

O corpo, desde o embrião inicial,  
Era um mero atavismo revivendo;  
A alma era a molécula, sofrendo,  
Afastada do Todo Universal;

Dominava-me todo o medo horrível,  
Do meu viver, que eu via transtornado:  
Eu era um átomo individuado  
Em cerebralidade putrescível.

A luz dessa dourada ignorância,

E com certezas lógicas, numéricas,  
 Notava as pestilências cadavéricas  
 Iguais à carne Angélica da infância,

A sutilez do arminho que se veste,  
 A coroa aromática das flores,  
 Irmanadas aos pútridos fedores  
 De emanações pestíferas da peste!

Extravagância e excesso jamais visto,  
 De idéia que esteriliza e desensina,  
 Loucura que igualava Messalina  
 A pureza lirial da Mãe do Cristo.

Assim vivi na presunção que via,  
 Dos cumes da Ciência e do saber,  
 Os princípios genéricos do ser,  
 No pantanal da lama em que eu vivia.

Vi, porém, a matéria apodrecer,  
 E na individualidade indivisível  
 Ouvi a voz esplêndida e terrível  
 Da luz, na luz etérica a dizer:

2

“Louco, que emerges de apodrecimentos,  
 Alma pobre, esquelético fantasma  
 Que gastaste a energia do teu plasma  
 Em combates estéreis, famulentos...

Em teus dias inúteis, foste apenas  
 Um corvo ou sanguessuga de defuntos,  
 Vendo somente a cárie dos conjuntos,  
 Entre as sombras das lágrimas terrenas.

Vias os teus iguais, iguais aos odres  
 Onde se guarda o fragmento imundo.  
 De todo o esterco que apavora o mundo  
 E os tóxicos letais dos corpos podres.

E tanto viste os corpos e as matérias  
 No esterquilínio generalizados.  
 E os instintos hidrófobos, danados,  
 Em meio de excrescências e misérias

Que corrompeste a íntima saúde  
 Da tua alma cegada de amargores,  
 Que na Terra não viu os esplendores  
 E as ignívolas luzes da virtude.

Olhos cegos às chamas da bondade

De Deus e à divina misericórdia,  
Que espalha o bem e as auras da concórdia  
No coração de toda a Humanidade.

Descansa, agora, vibrião das ruínas.  
Esquece o verme, as carnes, os estrumes.  
Retempera-te em meio dos perfumes  
Cantando a luz das amplidões divinas.”

3

Calou-se a voz. E sufocando gritos,  
Filhos do pranto que me espedaçava,  
Reconheci que a vida continuava  
Infinita, em eternos infinitos!

### **Vozes de uma sombra**

Donde venho? Das eras remotíssimas,  
Das substâncias elementaríssimas,  
Emergindo das cósmicas matérias.  
Venho dos invisíveis protozoários,  
Da confusão dos seres embrionários,  
Das células primevas, das bactérias.

Venho da fonte eterna das origens,  
No turbilhão de todas as vertigens,  
Em mil transmutações, fundas e enormes;  
Do silêncio da mônada invisível,  
Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,  
Vitalizando corpos multiformes.

Sei que evolvi e sei que sou oriundo  
Do trabalho telúrico do mundo,  
Da Terra no vultoso e imenso abdômen;  
Sofri, desde as intensas torpitudes  
Das larvas microscópicas e rudes,  
A infinita desgraça de ser homem.

Na Terra, apenas fui terrível presa,  
Simbiose da dor e da tristeza,  
Durante penosíssimos minutos;  
A dor, essa tirânica incendiária,  
Abatia-me a vida solitária  
Como se eu fora bruto entre os mais brutos.

Depois, voltei desse laboratório,  
Onde me revolvi como infusório,  
Como animálculo medonho, obscuro,  
Té atingir a evolução dos seres  
Conscientes de todos os deveres,  
Descortinando as luzes do futuro.

E vejo os meus incógnitos problemas  
 Iguais a horrendos e fatais dilemas,  
 Enigmas insolúveis e profundos;  
 Sombra egressa de lousa dura e fria,  
 Grito ao mundo o meu grito que se alia  
 A todos os anseios gemebundos: —

“Homem! por mais que gastes teus fosfatos  
 Não saberás, analisando os fatos,  
 Inda que desintegres energias,  
 A razão do completo e do incompleto,  
 Como é que em homem se transforma o feto  
 Entre os duzentos e setenta dias.

A flor da laranjeira, a asa do inseto,  
 Um estafermo e um Tales de Mileto,  
 Como existiram, não perceberás;  
 E nem compreenderás como se opera  
 A mutação do inverno em primavera,  
 E a transubstanciação da guerra em paz;

Como vivem o novo e o obsoleto,  
 O ângulo obtuso e o ângulo reto  
 Dentro das linhas da Geometria;  
 A luz de Miguel Angelo nas artes,  
 E o espírito profundo de Descartes  
 No eterno estudo da Filosofia.

Porque existem as crianças e os macróbios  
 Nas coletividades dos micróbios  
 Que fazem a vida enferma e a vida sã;  
 Os antigos remédios alopatas  
 E as modernas dosagens homeopatas,  
 Produto da experiência de Hahnemann.

A psíquico-análise freudiana  
 Tentando aprofundar a alma humana  
 Com a mais requintadíssima vaidade,  
 E as teorias do Espiritualismo  
 Enchendo os homens todos de otimismo,  
 Mostrando as luzes da imortalidade.

Como vive o canário junto ao corvo,  
 O céu iluminado, o inferno torvo  
 Nos absconsos refolhos da consciência;  
 O laconismo e a prolixidade,  
 A atividade e a inatividade,  
 A noite da ignorância e o sol da Ciência.



As epidermes e as aponevroses,  
 As grandes atonias e as nevroses,  
 As atrações e as grandes repulsões,  
 Que reunindo os átomos no solo  
 Tecem a evolução de pólo a pólo,  
 Em prodigiosas manifestações;

Como os degenerados blastodermas  
 Criam a descendência dos palermas  
 No lupanar das pobres meretrizes,  
 Junto dois palacetes higiênicos,  
 Onde entre gozos fúlgidos e edênicos  
 Cresce a alegre progênie dos felizes.

Os lombricóides mínimos, os vermes,  
 Em contraposição com os paquidermes,  
 Assombrosas antíteses no mundo;  
 É o gigante e o germe originário,  
 Os milhões de corpúsculos do ovário,  
 Onde há somente um óvulo fecundo.

A alma pura do Cristo e a de Tibério,  
 Vaso de carne podre, o cemitério,  
 E o jardim rescendendo de perfumes;  
 O doloroso e tetro cataclismo  
 Da beleza louçã do organismo,  
 Repleto de dejetos e de estrumes.

As coisas substanciais e as coisas ocas,  
 As idéias conexas e as loucas,  
 A teoria cristã e Augusto Comte;  
 E o desconhecido e o devassado,  
 E o que é ilimitado e o limitado  
 Na óptica ilusória do horizonte.

Os terrenos povoados e o deserto,  
 Aquilo que está longe e o que está perto;  
 O que não tem sinal e o que tem marca;  
 A funda simpatia e a antipatia,  
 As atrofias e a hipertrofia,  
 Como as tuberculoses e a anasarca.

Os fenômenos todos geológicos,  
 Psíquicos, científicos, sociológicos,  
 Que inspiram pavor e inspiram medo,  
 Homem! por mais que a idéia tua gastes,  
 Na solução de todos os contrastes,  
 Não saberás o cósmico segredo.

E apesar da teoria mais abstrusa

Dessa ciência inicial, confusa,  
 A que se acolhem míseros ateus,  
 Caminharás lutando além da cova,  
 Para a Vida que eterna se renova,  
 Buscando as perfeições do Amor em Deus.”

## **Voz humana**

Uma voz. Duas vozes. Outras vozes.  
 Milhões de vozes. Cosmopolitismos.  
 Gritos de feras em paroxismos,  
 Uivando subjugadas e ferozes.

É a voz humana em intérminas nevroses,  
 Seja nas concepções dos ateísmos,  
 Ou mesmo vinculada a gnosticismos  
 Nos singultos preagônicos, atrozes.

É nessa eterna súplica angustiada  
 Que eu vejo a dor em gozos, insaciada,  
 Nutrir-se de famélicos prazeres.

A dor, que gargalhando em nossas dores,  
 É a obreira que tece os esplendores  
 Da evolução onímoda dos seres.

## **Alma**

Nos combates ciclópicos, titânicos,  
 Que eu às vezes na Terra empreendia,  
 Nos vastos campos da Psicologia,  
 Buscava as almas, seres inorgânicos;

Nas lágrimas, nos risos e nos pânicos,  
 Nos distúrbios sutis da hipocondria,  
 Nas defectividades da estesia,  
 Nos instintos soezes e tirânicos,

Somente achava corpos na existência,  
 E o sangue em continuada efervescência  
 Com impulsos terríficos e tredos.

Enceguecido e louco então que eu era,  
 Que não via, dos astros à monera,  
 As luzes dalma em trágicos segredos.

## **Análise**

Oh! que desdita estranha a de nascermos

Nas sombras melancólicas dos ermos,  
 Nos recantos dos mundos inferiores,  
 Onde a luz é penumbra tênue e vaga,  
 Que, sem vigor, fraquíssima, se apaga  
 Ao furacão indômito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,  
 Apoucado Narciso que se orgulha  
 Na profundidade ignota dos abismos  
 Da carne, que, estrambótica, apodrece;  
 Que atrofiada, hipertrófica, parece  
 Cataclismo dos grandes cataclismos.

Prendermo-nos ao fogo dos instintos,  
 Serpentes entre escrófulas e helmintos,  
 Multiplicando as lágrimas e os trismos,  
 Tendo a alma — centelha, luz e chama —  
 Amalgamada em pântanos de lama,  
 Em sexualidades e histerismos.

Misturarmos clarões de sentimentos  
 Entre vísceras, nervos, tegumentos,  
 Na agregação da carne e dos humores,  
 Atrocidade das atrocidades;  
 Enegrecermos luminosidades  
 Na macabra esterqueira dos tumores.

E nisto achar fantásticos prazeres,  
 Ilusão hiperbólica dos seres  
 Bestializados, materializados;  
 Espíritos em ânsias retroativas,  
 No transcorrer das vidas sucessivas,  
 Nas ferezas do instinto, atassalhados..

Mas a análise crua do que eu via,  
 Hedionda lição de anatomia,  
 É mais que uma atrevida aberração:  
 Que se quebre o escalpelo de meus versos:  
 Entreguemos a Deus seus universos  
 Que elaboram a eterna evolução.

## **Evolução**

Se devassássemos os labirintos  
 Dos eternos princípios embrionários,  
 A cadeia de impulsos e de instintos,  
 Rudimentos dos seres planetários;

Tudo o que a poeira cósmica elabora  
 Em sua atividade interminável,

O anseio da vida, a onda sonora,  
Que percorrem o espaço imensurável;

Veríamos o evoluer dos elementos,  
Das origens às súbitas ascenses,  
Transformando-se em luz, em sentimentos,  
No assombroso prodígio das esteses;

No profundo silêncio dos inermes,  
Inferiores e rudimentares,  
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,  
A mesma luz dos corpos estelares!

É que, dos invisíveis microcosmos,  
Ao monólito enorme das idades,  
Tudo é clarão da evolução do cosmos,  
Imensidade nas imensidades!

Nós já fomos os germes doutras eras,  
Enjaulados no cárcere das lutas;  
Viemos do principio das moneras,  
Buscando as perfeições absolutas.

## Homo

1

Ao meu tétrico olhar abominável,  
O homem é fruto insólito da ânsia,  
Heterogeneidades da Substância,  
Argamassando um Todo miserável.

Psique dolorosa e inexpressável  
Na mais remota epíspase da infância,  
Desde a mais abscondita reentrância  
Da sua embriogenia detestável.

Do intravascular princípio informe,  
Larva repugnante e vermiforme,  
Nos íntimos recôncavos da placenta.

A quietação dos túmulos inermes,  
Era um feixe de mônadas de vermes,  
Dissolvidos na terra famulenta.

2

Após a introspecção do Além da Morte,  
Vendo a terra que os próprios ossos come,  
Horrente a devorar com sede e fome  
Minhas carnes em lúbrico transporte,

Vi que o “ego” era o alento flâmeeo e forte

Da luz mental que a morte não consome.  
 Não há luta mavórtica que o dome,  
 Ou venenada lâmina que o corte.

Depois da estercorária microbiana,  
 De que o planeta triste se engalana  
 Nas grilhetas do Infinitesimal,

Volve o Espírito ao páramo celeste,  
 Onde a divina essência se reveste  
 Da substância fluida, universal.

## **Incógnita**

Por que misterioso incompreensível  
 Vomito ainda em náuseas para o mundo  
 Todo o fel, toda a bÍlis do iracundo,  
 Se eu já não tenho a bÍlis putrescível?

Insondável arcano! por que inundo  
 Meu exótico ser ultra-sensível  
 Em plena luz e atendo ao gosto horrível  
 De apostrofar o pobre corpo imundo?

Fluidos teledinâmicos me servem,  
 Transmitindo as idéias que me fervem  
 No cérebro candente, igneo, em brasa...

De que concavidade do Universo  
 Vem-me o açoitado flamívomo do verso,  
 Chama da mesma chama que me abrasa?

## **“Ego sum”**

Eu sou quem sou. Extremamente injusto  
 Seria, então, se não vos declarasse,  
 Se vos mentisse, se mistificasse  
 No anonimato, sendo eu o Augusto.

Sou eu que, com intelecto de arbusto,  
 Jamais cri, e por mais que o procurasse,  
 Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,  
 Levantar-me do leito de Procusto.

Sou eu, que a rota etérica transponho  
 Com a rapidez fantástica do sonho,  
 Inexprimível nas termologias,

O mesmo triste e estrábico produto,  
 Atramente a gemer a mágoa e o luto,

Nas mais contrárias idiosincrasias.

## Dentro da noite

É noite. A Terra volvo. E, lúcido, entro  
Em relação com o mundo onde concentro  
O espírito na queixa atordoadora  
Da prisioneira, da perpétua grade,  
— A misérrima e pobre Humanidade,  
Aterradoramente sofredora!

Ausulto a humana dor, que hórrida sinto,  
Dalma quebrando o cárcere do instinto,  
Buscando ávida a luz. Por mais que sonde,  
Mais o enigma do mundo se lhe aviva,  
Em diferenciação definitiva,  
Mais a luz desejada se lhe esconde!

É o quadro mesológico, tremendo,  
De tudo o que ficou no abismo horrendo  
Da tenebrosa noite dos gemidos;  
São uivos dos instintos jamais hartos,  
As dores espasmódicas dos partos,  
A desgraça dos úteros falidos.

É a ânsia afrodíslaca das bocas,  
Que nas bestialidades se unem loucas,  
As bactérias mais vis ambas trocando;  
As dolorosas mágoas dos enfermos,  
Sentindo-se em seus leitos como em ermos,  
Deplorando o destino miserando.

São os ais dos leprosos desprezados,  
Tendo os seus organismos devastados  
Pela fome insaciável dos micróbios,  
Sentindo os próprios membros carcomidos,  
Verminados, cruéis, apodrecidos,  
Plantando a dor no chão dos seus cenóbios...

É o grito, o anseio, a lágrima do homem  
Agrilhado aos prantos que o consomem,  
Preso às dores que se lhe agrilhoaram;  
É a imprecação de todos os lamentos  
Dentro do mundo de padecimentos,  
Dos desejos que não se realizaram.

Pábulo sou dessa hórrida agonia  
E nos abismos de hiperestesia  
Experimento, além das catacumbas,  
Essa angústia indomável, atrocíssima,

Junto da emanção requintadíssima  
Do ácido sulfídrico das tumbas,

Trazendo dentro dalma, envoltos na ânsia,  
Asco e dó, piedade e repugnância  
Pelo espírito e o corpo nauseabundo;  
E com os meus pensamentos desconexos,  
Vejo a guerra pestífera dos sexos,  
Abominando as coisas deste mundo.

Terra!... e chegam-me fortes cheiros acres,  
Como o cheiro de sangue dos massacres,  
Fétido, coagulado, decomposto,  
Escorrendo num campo de batalhas  
Onde as almas se vestem de mortalhas,  
Desde o sol-posto, ao próximo sol-posto.

Apavora-me o horror dessa miséria  
E fujo da imundície da matéria,  
Onde traguei meus grandes amargores;  
Fujo... E ainda transpondo o Azul sereno,  
Sinto em minhalma o tóxico, o veneno  
E a desdita dos seres sofredores.

## **Homem-célula**

Homem! célula ainda escravizada  
Nos turbilhões das lutas cognitivas,  
Egressa do arsenal de forças vivas  
Que chamamos — estática do Nada.

Sob transformaçõeS consecutivas,  
Vem dessa Origem indeterminada,  
Onde se oculta a luz indecifrada  
Dos princípios das luzes coletivas.

Vem através do Todo de elementos,  
Em sucessivos aperfeiçoamentos,  
Objetivando a Personalidade,

Até achar a Perfeição profunda  
E indivisível, pura, e se confunda,  
No transcendentalismo da Unidade.

## **Na imensidade**

Alma humana, alma humana, tu que dormes  
Entre os grandes colossos desconformes  
Da carne, essa voraz liberticida,  
Desse teu escafandro de albuminas,

Em tua mesquinhez não imaginas  
A intensidade esplêndida da Vida!

Inda não vês e eu vejo panoramas  
De luz em gigantescos amalgamas  
De sóis, nas regiões imensuráveis,  
Auscultando os espaços mais profundos  
Na sinfonia harmônica dos mundos,  
Singrando a luz de céus incomparáveis.

Do teu laboratório de arterites,  
De gliomas, úlceras, nevrites  
Ao lado de humaníssimas vaidades,  
Não podes perceber as ressonâncias,  
Quinta-essências de todas as substâncias  
Na fluidez das eletricidades.

Aqui não há vertigens de nevróticos,  
Nem bisonhos aspectos de cloróticos  
Nas estradas de eternos otimismo!  
A vida imensa é coro de grandezas,  
Submersão nas fluídicas belezas,  
Envergando os etéreos organismos.

Ante a minha alma fulgem ideogramas,  
Pensamentos radiosos como chamas,  
Combinações no Mundo das Imagens;  
São vibrações das almas evolvidas  
E que, concretizadas e reunidas,  
Formam luminosíssimas paisagens...

Em pleno espaço — Imensidade de ânsias,  
Sem aritmologias das distâncias,  
Sem limites, sem número, sem fim.  
Deus e Pai, ó Artista Inimitável,  
Deixai meu ser esdrúxulo, execrável,  
No prolongado e edênico festim!

### **“Alter ego”**

Da morte estranha que devora as vidas,  
Eis-me longe dos rudes estertores,  
Sem guardar os micróbios homicidas  
De eternos atavismos destruidores.

Tenho outro ser talhado pelas dores  
De minhas pobres células falidas,  
Que se putrefizeram consumidas  
Com os seus instintos atordoadores.



Não sou o homúnculo da hominal espécie,  
 Da terrigena raça que padece  
 Das mais pungentes heteromorfias.

Mas contérmino à carne, que me aterra,  
 Envolve-me nos fluidos maus da Terra,  
 E sou o espectro das anomalias.

### **Aos fracos da vontade**

Homem, levanta o véu do teu futuro,  
 Troca o prazer sensualista e obscuro  
 Pelo conhecimento da Verdade.  
 Foge do escuro ergástulo do mundo  
 E abandona o Desejo moribundo  
 Pelo poder da tua divindade.

Teu corpo é todo um orbe grande e vasto:  
 Livra-o do mal unífero, nefasto,  
 Com a espada resplendente da virtude;  
 Que o sol da tua mente, eterno, esplenda,  
 Dando a teu mundo a mágica oferenda  
 Da alegria em divina plenitude.

Deixa o conjunto de ancestralidades  
 Da carne — o eterno símbolo do Hades —  
 Onde o espírito clama, sofre e chora;  
 Deixa que as tuas glândulas do pranto  
 Te salvem do cadinho sacrossanto  
 Da lágrima pungente e redentora.

Mas, sobretudo, observa o pensamento,  
 Fonte da força e altíssimo elemento,  
 Em que toda molécula se cria:  
 Da existência ele faz sepulcro abjeto  
 Ou jardim luminoso e predileto,  
 De arcangélicas flores de Harmonia.

Ouve-te sempre a ronda do mistério,  
 Mas faze de tua alma um grande império  
 De beleza, de paz e de saúde:  
 Que as tuas agregações moleculares  
 Vivam livres de todos os pesares,  
 Com os tónicos sagrados da Virtude.

Tua vontade esclarecida e forte  
 Triunfará das angústias e da morte  
 Além dos planos tristes da matéria,  
 Mas a tua vontade enfraquecida  
 É a meretriz no báratro da vida,

Amarrada no catre da miséria!

## **Ao homem**

Tu não és força nêurica somente,  
 Movimentando células de argila,  
 Lama de sangue e cal que se aniquila  
 Nos abismos do Nada eternamente;

És mais, és muito mais, és a cintila  
 Do Céu, a alma da luz resplandecente,  
 Que um mistério implacável e inclemente  
 Amortalhou na carne atra e intranqüila.

Apesar das verdades fisiológicas,  
 Reflexas das ações psicológicas,  
 Nas células primevas da existência,

És um ser imortal e responsável,  
 Que tens a liberdade incontestável  
 E as lições da verdade na consciência.

## **Matéria cósmica**

Glória à matéria cósmica, a energia  
 Potencial que dá vida aos elementos,  
 Base de portentosos movimentos  
 Onde a Forma se acaba e principia.

Sistematização dos argumentos  
 Que elucidam a Teleologia:  
 Dentro da força cósmica se cria  
 A fonte-máter dos conhecimentos.

É do mundo o Od ignoto, o éter divino,  
 Onde Deus grava a história do destino  
 Dos seus feitos de Amor no Amor imersos.

Livro onde o Criador Inimitável  
 Grava, com o pensamento almo e insondável,  
 Seus poemas de seres e universos.

## **Raça adâmica**

A Civilização traz o gravame  
 Da origem remotíssima dos Arias,  
 Estirpe das escórias planetárias,  
 Segregadas num mundo amargo e infame.

Árvore genealógica de párias,  
Faz-se mister que o cárcere a conclame,  
Para a reparação e para o exame  
Dos seus crimes nas quedas milenárias.

Foi essa raça podre de miséria  
Que fez nascer na carne deletéria  
A esperança nos Céus esquecidos;

Glorificando o Instinto e a inteligência,  
Fez da Terra o brilhante gral da Ciência,  
Mas um mundo de deuses decaídos.

## **A subconsciência**

Há, sim, a inconsciência prodigiosa  
Que guarda pequeninas ocorrências  
De todas as vividas existências  
Do Espírito que sofre, luta e goza.

Ela é a registradora misteriosa  
Do subjetivismo das essências,  
Consciência de todas as consciências,  
Fora de toda a sensação nervosa.

Câmara da memória independente  
Arquiva tudo rigorosamente  
Sem massas cerebrais organizadas,

Que o neurônio oblitera por momentos,  
Mas que é o conjunto dos conhecimentos  
Das nossas vidas estratificadas.

## **Espírito**

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários,  
No órgão morto, impassível, atro e mudo;  
No labor anatômico, no estudo  
Do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes-funcionários  
No seu trabalho infame, horrendo e rudo,  
De consumir as podridões de tudo,  
Nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas  
Acha-se apenas ruína sobre ruínas,  
Como o bolor e o mofo sob as heras;

A alma que é Vibração,

Vida e Essência, Está nas luzes da sobrevivência,  
No transcendentalismo das esferas.

### **Vida e morte**

A morte é como um fato resultante  
Das ações de um fenômeno vulgar,  
Desorganização molecular,  
Fim das forças do plasma agonizante.

Mas a vida a si mesma se garante  
Na sua eternidade singular,  
E em sua transcendência vai buscar  
A luz do espaço, fúlgida e distante!

Vida e Morte — fenômenos divinos,  
Na ascendência de todos os destinos,  
Do portentoso amor de Deus oriundos...

Vida e Morte — Presente eterno da ânsia,  
Ou condição diversa da substância,  
Que manifesta o espírito nos mundos.

### **Nos véus da carne**

Na ilusão material da carne espúria,  
Sob o acervo das células taradas,  
Choram de dor as almas condenadas  
Ao cárcere de lágrima e penúria.

Entre as sombras das míseras estradas,  
Vê-se a guerra da inveja e da luxúria,  
Esfacelando com medonha fúria  
O coração das almas bem formadas.

É nesse turbilhão de dor e de ânsia  
Que o homem procura a eterna substância  
Da verdade suprema, alta, imortal.

Deixando corpos pelos cemitérios,  
A alma decifra o livro dos mistérios  
De luz e amor da vida universal.

### **Homem da Terra**

Na sombra abjeta e espessa das estradas,  
Vive o homem da Terra adormecido,  
No horrendo pesadelo de um vencido  
Entre milhões de células cansadas.

Prantos sinistros! Loucas gargalhadas,  
 Pavorosos esgares de gemido,  
 E lá vai o fantasma embrutecido  
 Pelas sombras de lóbregas jornadas.

Homem da Terra! trágico segredo  
 De Miséria, de Horror, de ânsia e de Medo,  
 Feito à noite de enigma profundo!...

Anjo da Sombra, mísero e perverso,  
 És o sentenciado do Universo  
 Na grade organogênica do mundo.

## Nas sombras

Bombardeios. Canhões. Trevas. Muralhas.  
 E rasteja o dragão horrendo e informe,  
 Espalhando a miséria e o luto enorme  
 Em miserabilíssimas batalhas.

Visões apocalípticas do mal,  
 Desenhadas por corvos vagabundos,  
 Gritam a dor de povos moribundos  
 Na sinistra hecatombe universal.

A civilização do desconforto,  
 De mentira e veneno cerebrais,  
 Vai carpindo nos tristes funerais  
 Do seu fausto de sombra, amargo e morto.

Quadros de sangue, lágrimas e horrores  
 Avassalam de dor o mundo inteiro,  
 É o triunfo terrível do coveiro,  
 Ossuários tremendos sob as flores.

Enquanto a desventura chora inerme,  
 O homem, filosófico ou sem nome,  
 Morre de frio e fel, de sede e fome,  
 Nas vitórias fantásticas do verme.

Ai de vós nos abismos da aflição,  
 Sem o raio de luz da crença amiga:  
 Desventurado aquele que prossiga  
 Sem o Cristo de Amor no coração.

## Confissão

Também eu, mísero espectro das dores  
 No escafandro das células cativas,

Não encontrei a luz das forças vivas,  
Apesar de ingentíssimos labores.

Bem distante, das causas positivas,  
Na visão dos micróbios destruidores  
Senti somente angústias e estertores,  
No turbilhão das sombras negativas.

Foi preciso “morrer” no campo inglório,  
Para encontrar esse laboratório  
De beleza, verdade e transformismo!

A Ciência sincera é grande e augusta,  
Mas só a Fé, na estrada eterna e justa,  
Tem a chave do Céu, vencendo o abismo!...

### **Homem-verme**

Desolação. Terror e morticínio.  
O homem sôfrego e bruto, de ânsia em ânsia,  
Sofre agora a sinistra ressonância  
De sua inclinação para o extermínio.

É o doloroso e trágico domínio  
Do “homo homini lupus” da ignorância,  
Exaltando a vaidade sem substância,  
Ídolo podre sobre o esterquilínio.

Por toda a parte, escorre o sangue horrível,  
Ao crepitar de rúpidos incêndios,  
Sobre a idéia cristã medrando em germe.

Em quase tudo, o pântano terrível,  
De lodo e lama, em sombra e vilipêndios,  
Atestando as vitórias do homem-verme!

### **Gratidão a Leopoldina (\*)**

Sem o vulcão de dor de hórridas lavas,  
Beija, Augusto, este solo generoso,  
Que te guardou no seio carinhoso  
O escafandro das células escravas.

Aqui, buscaste o campo de repouso,  
Depois das vagas ríspidas e bravas  
No mundo áspero e vão, que detestavas,  
E onde sorveste o cálice amargoso.

Volta, Augusto, do pó que envolve as tumbas,  
Proclama a vida além das catacumbas,

Nas maravilhas de seus resplendores.

Ajoelha-te e lembra o último abrigo,  
Esquece o travo do tormento antigo  
E oscula a destra de teus benfeitores.

**(\*) Poesia recebida em 18 de junho de 1940, em Leopoldina, onde foi sepultado o poeta.**

### **Civilização em ruínas**

Todo o mundo moderno horrendo, em ruínas,  
Deixa agora escapar o horrendo fruto  
De miséria e de dor, de pranto e luto,  
Feito de sânie e de cadaverinas.

Em vão, sobre o Calvário áspero e bruto,  
Sangrou Jesus em lágrimas divinas,  
Sob as ofensas torpes e tigrinas  
A tentarem-lhe o espírito incorruto.

Saturada de treva, angústia e pena,  
A Civilização que se condena  
Suicida-se num bátraco profundo...

Porque na luz dos círculos da Terra,  
Nos turbilhões fatídicos da guerra,  
Ainda é Caim que impera sobre o mundo.

### **A Lei**

Em reflexões misérrimas, absorto,  
Raciocinava: — “O último tormento  
É regressar à carne e ao sofrimento  
Sem o triste fenômeno do aborto! ...

Toda a amargura dalma é o desconforto  
De retornar ao corpo famulento,  
E apagar toda a luz do pensamento  
Nas células de um mundo amargo e morto!...”

Mas, uma voz da luz dos grandes mundos,  
Em conceitos sublimes e profundos,  
Respondeu-lhe em acentos colossais:

— “Verme que volves dos esterquilínios,  
Cessa a miséria de teus raciocínios,  
Não insultes as leis universais.”

## A um observador materialista

Busca o talão dos velhos calendários.  
Desde o instante infeliz de Adão e Eva,  
Encontrarás teus gritos solitários,  
Enfrentando o pavor da mesma treva.

Sempre a dúvida estranha que se ceva  
De terríveis problemas multifários,  
O mistério da célula primeva,  
Os impulsos dos sonhos embrionários.

Pára, amigo... Não sigas na consulta:  
O detalhe anatômico te insulta,  
A molécula morta desafia.

Se não tens coração que aceite a crença,  
Espera a mão da morte excelsa, e pensa,  
Que a carne volve ao pó, exangue e fria.

## Ante o Calvário

Da terra do Calvário ardente e adusta,  
Entre prantos pungentes, o Cordeiro  
Da Verdade e da Luz do mundo inteiro  
Vive o martírio de sua alma augusta.

Sobre a cruz infamérrima se ajusta  
A crueldade do espírito rasteiro  
Do homem, que é sempre o tigre carniceiro,  
Enquanto grita a turba ignara e injusta.

Depois de vinte séculos ingratos,  
Multiplicando Herodes e Pilatos,  
Correm de novo as lágrimas divinas;

Pois, embora o Direito, o Livro e a Toga,  
A Humanidade triste inda se afoga  
No sangue escuro das carnificinas.

## Atualidade

Torna Caim ao fausto do proscênio.  
A Civilização regressa à taba.  
A força primitiva menoscaba  
A evolução onímota do Gênio.

Trevas. Canhões. Apaga-se o milênio.  
A construção dos séculos desaba.



Ressurge o crânio do morubixaba  
Na cultura da bomba de hidrogênio.

Mas, acima do império amargo e exangue  
Do homem perdido em pântanos de sangue,  
Novo sol banha o pélago profundo.

É Jesus que, através da tempestade,  
Traz ao berço da Nova Humanidade  
A consciência cósmica do mundo.

## 17

**AUTA DE SOUZA**

Almas dilaceradas – Contrastes – Mágoa – Hora extrema - Em paz - Em êxtase  
 – Mãe – Prece – Adeus – Almas - Almas de virgens - Carta íntima – Maria -  
 Mensagem fraterna - Vinde! - O Senhor vem.

NASCIDA em 12 de setembro de 1876, em Macaíba, Rio Grande do Norte, desencarnou em 7 de fevereiro de 1901, portanto, aos 24 anos, em Natal. Deixou um único livro, Horto, cuja primeira edição, prefaciada por Olavo Bilac, em outubro de 1899, apareceu em 1900 e se esgotou em três meses. A segunda edição, feita em Paris, em 1910, traz uma biografia da Autora por H. Castriano. Finalmente, teve uma terceira edição no Rio de Janeiro, em 1936, prefaciada por Alceu de Amoroso Lima. Espírito melancólico, sotredor, muito místico. Seu estilo simples e triste se reproduz perfeitamente nestes versos mediúnicos.

**Almas dilaceradas**

Quando, em dores, na Terra inda, vivia  
 Caminhando em aspérrimas estradas,  
 Via presas do pranto e da agonia,  
 Almas feridas e dilaceradas.

Escutava a miséria que gemia  
 Dentro da noite de ânsias torturadas,  
 Treva espessa da senda tão sombria  
 Das criaturas desesperançadas.

E eu, que era irmã dos grandes sofredores,  
 Sofria, crendo que tais amargores  
 Encontrariam termos desejados.

E confiada na crença que tivera,  
 Cheguei à luz da eterna primavera,  
 Onde há paz para os pobres desgraçados.

**Contrastes**

Existe tanta dor desconhecida  
 Ferindo as almas pelo mundo em fora,  
 Tanto amargor de espírito que chora  
 Em cansaços nas lutas pela vida;

E há também os reflexos da aurora  
 De ventura, que torna a alma florida,  
 A alegria fulgente e estremecida,  
 Aureolada de luz confortadora.

Há, porém, tanta dor em demasia,

Sobrepujando instantes de alegria,  
 Tal desalento e tantas desventuras,  
 Que o coração dormente, a pleno gozo,  
 Deve fugir das horas de repouso,  
 Minorando as alheias amarguras.

## **Mágoa**

Muitas vezes sonhei na Terra ingrata  
 O paraíso doce da ventura,  
 Vendo somente o espinho da amargura  
 Que as nossas tristes lágrimas desata;

Somente a dor intérmina que mata  
 A alegria mais lúcida e mais pura,  
 O veneno da acerba desventura  
 Que fere em nós a aspiração mais grata.

Se apenas vi, porém, a mágoa intensa  
 Que rouba a luz, o amor, a paz e a crença,  
 É que a dor da minha alma em tudo eu via.

E aumentava minha íntima tristeza  
 Vendo em tudo, na própria Natureza,  
 A mesma dor que eu tanto padecia.

## **Hora extrema**

Quando exalei meus últimos alentos  
 Nesse mundo de mágoas e de dores,  
 Senti meu ser fugindo aos amargores  
 Dos meus dias tristonhos, nevoentos.

A tortura dos últimos momentos  
 Era o fim dos meus sonhos promissores,  
 Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,  
 Que se extinguia em atos sofrimentos.

Senti, porém, minha alma sofredora  
 Mergulhada nas brisas de uma aurora,  
 Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,  
 Em demanda da estrada esplendorosa  
 Que nos conduz às plagas da harmonia!

## **Em paz**

Tanto roguei a paz consoladora,  
 Durante os meus amargos sofrimentos,  
 Elevando a Jesus meus pensamentos,  
 Que recebi a paz confortadora!

Sentindo-me feliz, ditosa agora,  
 Nessas paragens de deslumbramentos,  
 Onde terminam todos os tormentos  
 Que inundam de amargor a alma que chora.

Jesus! doce Jesus meigo e bondoso,  
 Quanto agradeço a paz que concedestes  
 Ao meu viver tristonho e doloroso!

E desse lindo oásis encantado,  
 Canto de luz dos páramos celestes,  
 Bendigo o vosso amor ilimitado!

### **Em êxtase**

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,  
 Abrasada de amor eu viveria,  
 Sorvendo a luz no cálix da harmonia,  
 Em paz serena, eterna e derradeira!...

Por teu amor, Jesus, inda quisera  
 Volver ao pó da carne dos mortais,  
 Para cantar a terna primavera  
 Do teu amor nas lutas terrenais

Depois da treva espessa da amargura:  
 Para exaltar as luzes que me deste  
 Na cariciosa e doce paz celeste,  
 Meu tesouro de fúlgida ventura;

Para contar tua bondade imensa  
 Aos meus irmãos, os homens pecadores,  
 Mergulhados na noite da descrença,  
 Nos abismos dos males e das dores;

Para falar a todas as criaturas,  
 Da tua alma esplendente de bondade,  
 Afastando as amargas desventuras  
 Do coração da pobre Humanidade!

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,  
 Abrasada de amor eu viveria,  
 Sorvendo a luz no cálix da harmonia,  
 Em paz serena, eterna e derradeira!...

## Mãe

Ó minha santa mãe! era. bem certo  
 Que entre as preces maternas estendias  
 As tuas mãos sobre os meus tristes dias,  
 Quando na Terra — que era o meu deserto.

Nos instantes de dor, bem que eu sentia  
 As tuas asas de Anjo da Ternura,  
 Pairando sobre a minha desventura  
 Feita de prantos e melancolia.

Flor ressequida eu era, e tu o orvalho  
 Que me nutria, pobre e empalecida;  
 Era a tua alma a luz da minha vida,  
 Meu tesouro, meu dólcido agasalho!...

Ai de mim sem a tua alma bondosa,  
 Que me dava a promessa da esperança,  
 Raio de luz, de amor e de bonança,  
 Na, escuridão da vida dolorosa.

E que felicidade doce e pura,  
 A que senti após a treva e a morte,  
 Findo o terror da minha negra sorte,  
 Quando vi. teu sorriso de ventura!

Então, senti que as Mães são mensageiras  
 De Maria, Mãe de anjos e de flores,  
 E Mãe das nossas Mães cheias de amores,  
 Nossas meigas e eternas companheiras!...

## Prece

Estendei vossa mão bondosa e pura,  
 Mãe querida dos fracos pecadores,  
 Aos corações dos pobres sofredores  
 Mergulhados nos prantos da amargura.

Derramai vossa luz, toda esplendores,  
 Da imensidade, da radiosa altura,  
 Da região ditosa da ventura,  
 Sobre a sombra dos cárceres das dores!

Ó Mãe! excelsa Mãe de anjos celestes,  
 Mais amor, desse amor que já nos destes,  
 Queremos nós em cada novo dia;

Vós que mudais em flores os espinhos,  
 Transformai toda a treva dos caminhos

Em clarões refulgentes de alegria.

## Adeus

O sino plange em terna suavidade,  
No ambiente balsâmico da igreja;  
Entre as naves, no altar, em tudo adeja  
O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;  
E a alma que regressou do exílio beija  
A luz que resplandece, que viceja,  
Na catedral azul da imensidade.

“Adeus, Terra das minhas desventuras...  
Adeus, amados meus...” — diz nas alturas  
A alma liberta, o azul do céu singrando...

— Adeus... — choram as rosas desfolhadas,  
— Adeus... — clamam as vozes desoladas  
De quem ficou no exílio soluçando...

## Almas

Ó solitário das estradas,  
Desventurado pensador,  
Há no caminho “almas penadas”  
Que vão clamando desoladas  
A dor e o pranto, o pranto e a dor!...

Vós, que o silêncio amais no mundo,  
Em orações ao pé do altar,  
Sob as arcadas silenciosas,  
Almas feridas, desditosas,  
Oram convosco a soluçar.

Ao descansardes, meditando,  
A sombra de árvores em flor,  
Sabei que às vezes sois seguidos  
Pelas angústias dos gemidos,  
De almas chagadas no amargor.

Clareie a luz do sol-nascente,  
Negreje a treva na amplidão,  
Gemem na Terra muitos seres  
Pelos amargos padeceres  
Depois da morte, na aflição.

Dai-lhes dos vossos pensamentos  
Consolação que adoce a dor,

Dai um conforto à desventura,  
A prece cheia de ternura,  
Algo de afeto, algo de amor!...

## **Almas de virgens**

Andam sombras errando abandonadas  
Ao pé das lousas e das covas frias,  
Almas de pobres freiras desamadas,  
Perambulando pelas sacristias.

Almas das que não foram desposadas,  
Como bandos de rolas erradias,  
Angélicas visões de bem-amadas,  
Mortas na aurora rútila dos dias...

Virgens mortas! Tristíssimas oblatas  
De um sacrário de luz piedoso e santo,  
Que sonhais entre os tálamos celestes,

Entoai nos céus as tristes serenatas  
Com as vossas roxas túnicas de pranto,  
Cantando à luz do amor que não tivestes!..

## **Carta íntima**

Escuta, meu irmão! Pelo caminho  
Da miséria terrestre, há muitas dores;  
Muito fel, muita sombra, muito espinho,  
Entre falsos prazeres tentadores.

Há feridas que sangram... Há pavores  
De órfãos sem lar, sem pão e sem carinho:  
Confortemos os pobres sofredores,  
Almas saudosas do Celeste Ninho!

Jesus há de sorrir com o teu sorriso,  
Quando faças no mundo o bem preciso,  
Pelo que sofre em desesperação.

Todo o bem que plantares nessa vida,  
Há de esperar tua alma redimida  
Nos caminhos de luz e redenção!

## **Maria**

Toda a expressão de ternura  
Do mundo de provação,  
Nos Céus ditosos procura

A sua excelsa afeição.

Consolo das mães piedosas,  
Cheias de mágoa e de pranto,  
Sobre quem atira as rosas  
Do seu Amor sacrossanto.

Ninguém diz, ninguém traduz  
Essa visão da Harmonia,  
Visão de paz e de luz,  
Paz dos Céus! Ave-Maria!

## **Mensagem fraterna**

Meu irmão: Tuas preces mais singelas  
São ou vidas no espaço ilimitado,  
Mas sei que às vezes choras, consternado,  
Ao silêncio da força que interpelas.

Volve ao teu templo interno abandonado,  
- A mais alta de todas as capelas —  
E as respostas mais lúcidas e belas  
Hão de trazer-te alegre e deslumbrado.

Ouve o teu coração em cada prece.  
Deus responde em ti mesmo e te esclarece  
Com a força eterna da consolação;

Compreenderás a dor que te domina,  
Sob a linguagem pura e peregrina  
Da voz de Deus, em luz de redenção.

## **Vinde!**

Todo anseio da crença acalma as dores,  
Toda prece é uma luz para quem chora,  
A oração é o caminho cor de aurora  
Para o sonho dos pobres pecadores!...

Ó corações que a lágrima devora!  
Vinde, através dos rudes amargores,  
Cantar na luz dos grandes esplendores  
Vossa iluminação de cada hora!...

Vinde recordar no espaço infindo,  
Neste Lar de Jesus, ditoso e lindo,  
As desventuras para bendizê-las...

Feliz o coração sereno e forte,  
Que triunfa da lágrima e da morte,



Palpitando na esfera das estrelas!...

## O Senhor vem...

E eis que Ele chega sempre de mansinho.  
Haja sol, faça frio ou tempestade;  
Veste o manto do amor e da verdade,  
E percorre o silêncio do caminho.

Vem ao nosso amargoso torvelinho,  
Traz às sombras da vida a claridade,  
E os próprios sofrimentos da impiedade  
São as bênçãos de luz do seu carinho,

Como o Sol que dá vida sem alarde,  
Vem o Senhor que nunca chega tarde,  
E protege a miséria mais sombria.

Ele chega. E o amor se perpetua...  
É por isso que o homem continua  
Ressurgindo da treva a cada dia.

## 18 B. LOPES

Miragens celestes – Cromos.

NASCEU Bernardino da Costa Lopes em Boa Esperança, município de Rio Bonito, no Estado do Rio, a 19 de janeiro de 1859, falecendo em 1916, no Rio de Janeiro, quando funcionário do Correio Geral. Notabilizou-se no gênero descritivo, ficando célebre com o seu livro “Cromos” (1881).

### Miragens celestes

1

Sublimes atmosferas,  
Luminosas, rarefeitas,  
Sem as medidas estreitas  
Das horas que marcam eras.

E as almas puras, eleitas,  
Quais flores das primaveras,  
Buscando vão as esferas  
Das alegrias perfeitas.

Vão todas, espaço em fora,  
Como lírios cor da aurora,  
Modeladas pela dor.

E onde passam sorridentes  
Abrem-se rosas virentes,  
Rosas de paz e de amor.

2

Uma campina de flores  
Em pleno espaço infinito,  
Onde desperta um precito  
De um pesadelo de dores.

Envergara o sambenito  
Dos pedintes sofredores,  
Vivera entre os amargores  
De um sofrimento bendito.

E nessa etérea campina  
Recebe a esmola divina,  
Nesse batismo de luz;

Recebendo entre outros gozos,  
Dos lábios de anjos formosos,  
O ósculo de Jesus.

### Cromos

## 1

Na alcova desguarnecida,  
Sobre uma enxerga, a doente  
Soluça como quem sente  
O fim nevoento da vida.

Beija-lhe a filha inocente,  
Minúscula, embevecida,  
Mirando-a enternecida,  
Dizendo-lhe docemente: —

“Não chores mais mamãezinha:  
Vou dar minha bonequinha  
À santa lá do altar;

E com esta minha promessa,  
Ela há de vir bem depressa  
Para a senhora sarar.”

## 2

O mendigo desprezado  
Olha as estrelas e chora,  
Pois sente que se enamora  
Do firmamento estrelado.

Ao seu Jesus bem-amado,  
Cheio de lágrimas, ora,  
E pede, suplica, implora  
Perdão para o seu pecado.

Vêm-se raios formosos,  
Dimanando luminosos,  
Do clarão da sua fé;

E lá dos céus abençoa  
Sua alma singela e boa,  
O Jesus que ele não vê.

## 19 BATISTA CEPELOS

Sonetos.

POETA paulista, desencarnou no Rio de Janeiro, em 1915, atribuindo-se a suicídio o encontro do seu corpo entre pedras de uma rocha, na rua Pedro Américo. Esta versão parece confirmar-se agora nestes sonetos. Olavo Bilac, ao prefaciá-lo Os Bandeirantes, exalta-lhe o estro espontâneo, original e simples.

### Sonetos

1

Eu fui pedir à Natureza, um dia,  
Que me desse um consolo a tantas dores;  
Desalentado e triste, pressenti-a  
Cansada e triste como os sofredores.

Encaminhei-me à porta da Agonia,  
Corroído por chagas interiores,  
Buscando a morte que me aparecia  
Como o termo anelado aos dissabores,

Desvendando esse trágico segredo  
Que a alma decifra, pávida de medo,  
Com ansiedade e temores dos galés...

Mas ah! que atroz remorso me persegue!  
Choro, soluço, clamo e ele me segue  
Nesse abismo que se abre ante os meus pés.

2

Ninguém ouve na Terra esse lamento  
Da minha dor imensa, incompreendida,  
Nas pavorosas trevas desta vida  
Em que eu julgava achar o Esquecimento.

Tenebrosa, essa noite indefinida,  
Cheia de tempestade e sofrimento,  
No país do Pavor e do Tormento  
Onde chora a minha alma enceguecida.

Onde o não-ser, a paz calma e serena,  
Que me traria o bálsamo a esta pena  
Interminável, rude, dolorosa?

Ninguém! Uma só voz não me responde!  
Sinto somente a treva que me esconde  
Na vastidão da noite tormentosa...

3

Sirva-vos de escarmento a dor que trago  
Na minha alma infeliz e sofredora,  
Este padecimento com que pago  
O desvio da estrada salvadora.

Aqui somente ampara-me esse vago  
Pressentimento de uma nova aurora,  
Quando terei os bens, o brando afago  
Da Luz, que está na dor depuradora.

Agora, sim! depois de tantos anos  
De tormentos, em meio aos desenganos,  
Espero o sol de novas alvoradas

De existências de pranto e de miséria,  
Para beber no cálix da matéria  
As essências das dores renegadas!

## 20

**BELMIRO BRAGA**

Rimas de Outro Mundo – Bilhetes – Quadras.

NASCEU a 7 de janeiro de 1870, em Juiz de Fora, Minas, e aí desencarnou em 1937. Iniciou-se na vida comercial e foi, depois, notário público. Poeta, comediógrafo e jornalista nato. Popularizou-se, sobretudo, pela singeleza e espontaneidade da sua musa. Era membro de realce da Academia Mineira de Letras, da qual foi um dos fundadores. Chamaram-lhe — “Rouxinol Mineiro”.

**Rimas de Outro Mundo**

1

Ceguei feliz ao meu porto,  
Estou mais moço e mais forte,  
Encontrei paz e conforto  
Na vida, depois da morte.  
Eis as rimas de outro norte,  
Que escreve o poeta morto.

2

Com a ignorância proterva,  
Que a morte é o fim, o homem pensa,  
Julgando no talo de erva  
A paisagem linda e imensa.  
Ah! feliz o que conserva  
As luzes doces da crença.

3

Quanta gente corre, corre,  
Ansiosa atrás do prazer,  
Sonha e chora, luta e morre  
Sem jamais o conhecer.  
Não há ninguém que se forre,  
Sobre a Terra, ao padecer.

4

Fecha a bolsa da ambição,  
Não corras atrás da sorte,  
Venera a mão que te exorte  
Nos dias de provação.  
Tem coragem, meu irmão,  
Ninguém se acaba com a morte.

5

No mundo vale quem tem  
Um cifrão de prata ou de ouro;  
Mas, da morte ao sorvedouro,  
Jamais escapa ninguém!  
No Céu só vale o tesouro  
Daquele que fez o bem.

6

Que tua alma em preces arda  
 No fogo da devoção.  
 Deus é Pai que nunca tarda  
 No caminho da aflição.  
 Nas mágoas do mundo, guarda  
 A fé do teu coração.

7

Entre a fé e o fanatismo,  
 Muito espírito se engana:  
 A primeira ampara e irmana,  
 O segundo é o dogmatismo,  
 Goela aberta de um abismo  
 Na estrada da vida humana.

8

A Terra, para quem sente,  
 Inda é torre de Babel,  
 Onde a prática desmente  
 As ilusões do papel:  
 Muita boca sorridente,  
 Corações de lodo e fel.

9

Suporta a dor que te cobre  
 Na estrada espinhosa e má,  
 Quem é rico, quem é nobre,  
 A essa estrada voltará.  
 É uma ventura ser pobre,  
 Com a bênção que Deus nos dá.

10

Na vida sempre supus,  
 Sem muita filosofia,  
 Que, em prol do Reino da Luz,  
 Basta, na Terra sombria,  
 Que o homem siga a Jesus,  
 Que a mulher siga a Maria.

## Bilhetes

Se tens o leve agasalho  
 Do santo calor da crença,  
 Exemplifica o trabalho  
 Sem cuidar da recompensa.

Não peças aprovação  
 Do mundo pobre e enganado,  
 Recorda que o mundo vão  
 É grande necessitado.

Vais procurar a ventura?  
 Toma cuidado: os caminhos  
 São crivados de amargura,

Atapetados de espinhos.

Acalma-te na aflição,  
Modera-te na alegria,  
Não prendas o coração  
Nos laços da fantasia.

No curso de aquisições,  
Não vivas correndo a esmo;  
Esquece as inquietações,  
Toma posse de ti mesmo.

Recorda que tua vida  
É sempre uma grande escola;  
Muita frente encanecida  
É frente de criança.

Não perguntes ao passado  
Pela sombra, pela dor,  
O caminho é ilimitado,  
Eterna a fonte do amor.

Olha o monte luminoso,  
Que símbolo sacrossanto!...  
Quem desce é riso enganoso,  
Quem sobe é suor e pranto.

Não te aflijas. A bonança  
É flor de sabedoria,  
Não te esqueças que a esperança  
É a bênção de cada dia.

No impulso que te conduz,  
Age sempre com bondade,  
Todo esforço com Jesus  
É vida na eternidade.

## Quadras

1

Ai de quem busca o deserto  
De torturas da descrença:  
Morrer é sentir de perto  
A vida profunda e imensa.

2

Depois da miséria humana  
Sobre a Terra transitória,  
Lastimo quanto se engana  
O ouro da falsa glória.

3



Dinheiro do mundo vão,  
Mentiras da vaidade,  
Não trazem ao coração  
A luz da felicidade.

4

Bem pobre é a cabeça tonta  
Dos perversos e usurários,  
Que morrem fazendo conta  
Nas cruzes de seus rosários.

5

É ditosa no caminho,  
Alegre como ninguém,  
A mão terna do carinho  
Que vive espalhando o bem.

6

Angústias, derrotas, danos,  
Tudo isso tenho visto.  
Só não vejo desenganos  
Na estrada de Jesus-Cristo.

## 21

**BITTENCOURT SAMPAIO**

À Virgem - À Maria - Às filhas da Terra - À Virgem.

SERGIPANO, nascido na cidade de Laranjeiras, em 19 de fevereiro de 1834, desencarnou no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1895. Foi político ativo, deputado por sua província em duas legislaturas e Presidente do Espírito Santo. Diretor da Biblioteca Nacional e jornalista de mérito.

A fonte de onde respigamos estes dados, aponta Poesias (1859) e Flores Silvestres (1860), mas omite a maior das suas obras, que é A Divina Epopéia, ou seja o Evangelho de João, em magníficos versos brancos, tais como estes. Mas... é que Bittencourt Sampaio foi, no último quartel da vida terrena, um dos mais brilhantes e destemerosos paladinos da Revelação Espírita. E, como tal, ainda hoje se manifesta, por dar-nos obras como Jesus perante a Crisandade, verdadeiro poema em prosa. Reformador, de 1937 (página 494), publicou-lhe a biografia.

**À Virgem**

Vós sois no mundo a estrela da esperança,  
 A salvação dos náufragos da vida;  
 A custódia das almas sofredoras,  
 Consolação e paz dos desterrados  
 Do venturoso aprisco das ovelhas  
 De Jesus-Cristo, o Filho muito amado!  
 Fanal radioso aos pobres degredados,  
 Anjo guiador dos homens desgarrados  
 Do Evangelho de luz do Filho vosso.  
 Virgem formosa e pura da bondade,  
 Providência dos fracos pecadores,  
 Astro de amor na noite dos abismos,  
 Clarão que sobre as trevas da cegueira  
 Expulsa a escuridão das consciências!  
 Virgem da piedade e da pureza,  
 Estendei vossos braços tutelares  
 À Humanidade inteira, que padece,  
 Espíritos na treva das angústias,  
 No tenebroso bátrio das dores,  
 Mergulhados nas tredas tempestades  
 Do mal, que lhes ensombra a mente e a vista;  
 Cegos desventurados, caminhando  
 Em busca de outras noites mais escuras.  
 Legião de penitentes voluntários,  
 Afastados do amor e da verdade,  
 Fugitivos da luz que os esclarece!  
 Anjo da caridade e da virtude,  
 Estendei vossas asas luminosas  
 Sobre tanta miséria e tantos prantos.  
 Dai fortaleza àqueles que fraquejam,

Apiedai-vos dos frágeis caminhantes,  
 Iluminai os cérebros descrentes,  
 Fortalecei a fé dos vacilantes,  
 Clareai as sendas obscurecidas  
 Dos que se vão nos pântanos dos vícios!...  
 Existem almas míseras que choram  
 Amarradas ao potro das torturas,  
 E corações farpeados de amarguras...  
 Enxugai-lhes as lágrimas penosas!  
 Virgem imaculada de ternura,  
 Abençoai os mansos e os humildes  
 Que acima de ouropéis enganadores  
 Põem o amor de Jesus, eterno e puro!  
 Dulcificai as mágoas que laceram  
 Pobres almas aflitas na voragem  
 Das provações mais rudes e amargas.  
 Estendei, Virgem pura, o vosso manto  
 Constelado de todas as virtudes,  
 Sobre a nudez de tantos sofrimentos  
 Que despedaçam almas exiladas  
 No orbe da expiação que regenera...  
 Ele será a luz resplandecente  
 Sobre a miséria dos padecimentos,  
 Afastando amarguras, concedendo  
 Claridades a estradas pedregosas...  
 Conforto às almas tristes deste mundo,  
 Porto de segurança aos viajantes,  
 Clarão de sol nas trevas mais espessas,  
 Farol brilhante iluminando os trilhos  
 De todos os viajores que caminham  
 Pela mão de Jesus, doce e bondosa;  
 O pão miraculoso, repartido  
 Entre os esfomeados e os sedentos  
 De paz, que os acalente e os conforte!  
 Virgem, Mãe de Jesus, anjo de amor,  
 Vinde a nós que na luta fraquejamos,  
 Ajudai-nos a fim de que a vençamos...  
 Vinde, piedosa Virgem de bondade,  
 Cremos em vós, na vossa alma divina!  
 Vinde! ... dai-nos mais força e mais coragem,  
 Derramai sobre nós o eflúvio santo  
 Do vosso amor, que ampara e que redime...  
 Vinde a nós! nossas almas vos esperam,  
 Almas de filhos míseros que sofrem,  
 Atendei nossas súplicas, Senhora,  
 Providência da pobre Humanidade!...

## **À Maria**

Eis-nos, Senhora, a pobre caravana

Em fervorosas súplicas, reunida,  
Implorando a piedade, a paz e a vida,  
De vossa caridade soberana.

Fortalecei-nos a alma dolorida  
Na redenção da iniquidade humana,  
Com o bálsamo da crença que promana  
Das luzes da bondade esclarecida.

Providência de todos os aflitos,  
Ouvi dos Céus, ditosos e infinitos,  
Nossas sinceras preces ao Senhor...

Que a nossa caravana da Verdade  
Colabore no Bem da Humanidade,  
Neste banquete místico do amor.

### **Às filhas da Terra**

Do Seu trono de luzes e de rosas,  
A Rainha dos Anjos, meiga e pura,  
Estende os braços para a desventura,  
Que campeia nas sendas espinhosas.

Ela conhece as lágrimas penosas  
E recebe a oração da alma insegura,  
Inundando de amor e de ternura  
As feridas cruéis e dolorosas.

Filhas da Terra, mães, irmãs, esposas,  
No turbilhão dos homens e das coisas,  
Imitai-a na dor do vosso trilho!...

Não conserveis do mundo o brilho e as palmas,  
E encontrareis, em vossas próprias almas,  
A alegria do reino de Seu Filho!

### **À Virgem**

Do teu trono de róseas alvoradas,  
Estende, mãe bendita, as mãos radiosas  
Sobre a angústia das sendas escabrosas  
Onde choram as mães atormentadas.

Mãe de todas as mães infortunadas,  
Com tua alma de unos e de rosas,  
Mitiga a dor das almas desditosas  
Entre as sombras de míseras estradas.

Anjo consolador dos desterrados,

Conforta os corações encarcerados  
Nas algemas do mundo amargo e aflito.

Ao teu olhar, as lágrimas da guerra  
E os quadros de amargor, que andam na Terra,  
São caminhos de luz para o Infinito.

## 22

**CÁRMEN CINIRA**

Minha luz - Aos Espíritos consoladores - Cigarra morta - Era uma vez. - À  
Juventude - O viajor e a Fé - O sinal - Na noite de Natal.

NOME literário de Cinira do Carmo Bordini Cardoso: nasceu no Rio de Janeiro, em 1902, e faleceu em 30 de agosto de 1933. Sua espontaneidade poética era tão grande que ela própria acreditava serem os seus versos de origem mediúnica. Glorificou o Amor, a Renúncia, o Sacrifício e a Humildade, em obras como: Crisálida, Grinalda de Violetas, Sensibilidade.

**Minha luz**

Eu era, Dor, a alma rubra e inquieta,  
A pomba predileta  
Do prazer, da ilusão e da alegria...  
Meu coração, alegre cotovia,  
Saudava alvoroçado  
O segredo da noite e a luz clara do dia,  
Quando chegaste de mansinho,  
Pisando sutilmente o meu caminho...

E eu te enxerguei, despreocupada,  
Em meu engano, em minha fantasia:  
Primeiramente,  
Foste, austera e inclemente,  
A um dos belos tesouros que eu possuía  
E mo roubaste para sempre...  
Em fúria iconoclasta,  
Como o simum que arrasta  
As cidades repletas de tesouros  
Confundindo-as no pó,  
Foste aos meus ídolos mais caros,  
Destruindo-os sem dó.

Prosseguiste, á divina estatuária,  
Na tua obra silente e solitária,  
E quebraste  
Minhas cítaras de ouro,  
Meus mármores de Paros,  
Meus cofres de alabastros,  
Minhas bonecas de biscoí,  
Minhas estatuetas singulares...  
E humilhaste  
Meus sonhos de mulher e de menina,  
Que eu pusera nos astros  
Em meio às melodias estelares!

Mas, desde que chegaste,

Foste a sombra divina  
Que acompanhou meus passos ao sepulcro...

Tudo sofri,  
Ó Dor, por te querer,  
Porque depois que vieste  
Qual pássaro celeste  
Para abrir rosas de sangue no meu peito,  
Encheste a minha vida  
De um estupendo prazer, quase perfeito!

Aos poucos me ensinaste a abandonar  
Meus prazeres fictícios,  
Trocando-os pela luz dos sacrifícios!  
Por tudo eu te bendigo, á Dor depuradora,  
Porque representaste em meu destino,  
De alma sofredora,  
O fanal peregrino  
Que me guiou constantemente  
Através das estradas espinhosas  
Para as manhãs riosas  
Da Luz Resplandecente...

Sê, pois, bendita, á Dor linda e gloriosa,  
Pois da volúpia estranha dos teus braços,  
Vim pelas mãos da morte complacente  
Para a vida sublime dos Espaços!...

### **Aos Espíritos consoladores**

Donde éreis vós, á formas imprecisas  
De arcanjos tutelares,  
Cujas vozes suaves como brisas  
Trouxeram-me nas dores,  
No auge do meu sofrer, nos meus penares,  
A irradiação de brando refrigério!...

Frontes aureoladas de esplendores,  
Seres cheios de amor e de mistério,  
Cujas mãos compassivas  
Ungiram meu coração resignado  
Com o bálsamo do olvido do passado,  
E com os místicos olores  
Das meigas sempre-vivas  
Da fé mais luminosa e mais ardente...

Seríeis o fantasma imaginário  
Da mórbida exaltação dalma do crente?  
Não, porque sois os cireneus piedosos  
Dos que vão em demanda do Calvário

Da Redenção, nos sofrimentos rudes;  
 Vindes das mais remotas altitudes  
 De sublimados mundos luminosos!...

Seres do Amor, jamais traduziria  
 O cântico de luz  
 Que trouxestes ao leito da agonia  
 Que eu transpus,  
 Cheia de desenganos e gemidos!...  
 Verto ainda os meus prantos comovidos  
 Lembrando-me do vosso Stradiváriu,  
 Repetindo as cadências dos hinários  
 Dos orbes da Ventura e da Harmonia,  
 Onde habitais, glorificando o Amor  
 Que dalma faz um ninho de alegria  
 E um foco de esplendor!

Em que sol deslumbrante, em qual esfera  
 Viveis a vossa eterna primavera?  
 Ó irmãos consoladores,  
 Que vindes confortar os pecadores  
 Penitentes da vida transitória,

Dai-me um pouco de luz da vossa glória,  
 Estendei-me uma única migalha  
 Da vossa paz, que nutre e que agasalha  
 Os corações iguais ao meu!...

Tenho sede do amor que enfeita o Céu!  
 Espíritos da luz radiosa e infinda,  
 Minhalma é fraca e pobre ainda;  
 Todavia, imortal,  
 Quero ter dessa luz resplandecente,  
 E quero embriagar-me inteiramente  
 Com os vinhos da alegria celestial.

## **Cigarra morta**

Chamam-me agora aí  
 Cigarra morta,  
 E não podia haver melhor definição,  
 Porque caí estonteada à porta  
 Do castelo em ruínas,  
 Do desencanto e da desilusão!...

Minhas futilidades pequeninas...  
 Meus grandes desenganos...  
 Eu mesma inda não sei  
 Se é ventura morrer na flor dos anos...  
 Sei apenas que choro



O tempo que perdi,  
 Cantando em demasia a carne inutilmente;  
 E vivo aqui, somente,  
 De quanto idealizei  
 De belo, de perfeito, grande e santo,  
 Que inda hei de realizar  
 Com a rima do meu verso e a gota do meu pranto.

Dá-me força, Senhor,  
 Para concretizar meu anseio de amor:  
 Evita-me a saudade  
 Da minha improdutiva mocidade!

Eu não quero sentir,  
 Como cigarra que era,  
 A falta das canículas doiradas  
 Sob a luz de ridente primavera.  
 Já que tombei cansada de cantar,  
 Calando amargamente,  
 Perdoa, Deus de Amor, o meu pecado:  
 Que eu olvide a cigarra do passado,  
 Para ser uma abelha previdente.

### **Era uma vez...**

Era uma vez Cármen Cinira, Um coração  
 Cheio de sonho e flor, que mal se abria  
 Nos jardins encantados da ilusão...  
 Estraçalhou-se para sempre  
 Na voragem  
 Das trevas, dos abrolhos!...

Era uma vez Cármen Cinira...  
 Uma suposta imagem  
 Da perene alegria,  
 Mas que trouxe em seus olhos,  
 Eternamente,  
 Essa amarga expressão de alma doente,  
 Cheia de pranto e de melancolia!...  
 Cármen Cinira! Cármen Cinira!  
 Que é da minha cigarra cantadeira?  
 Embalde te procuro.  
 Por que cantaste assim a vida inteira,  
 Cigarra distraída do futuro?

Perturbada,  
 Aturdida,  
 Busco a mim mesma aqui nestoutra vida...  
 Onde estou, onde estou?  
 Minha vida terrena se acabou

E sinto outra existência revelada!

Não sei por que me sinto amargurada...  
 Sinto que a luz me guia  
 Para a paz, para um mundo de alegria.  
 Mas, á imortalidade  
 Se na Terra eu te via  
 Como a aurora divina da verdade,  
 Não julguei que inda a morte me abriria  
 Esse cenário deslumbrante  
 De outros sóis e de outros seres,  
 E vejo agora  
 Que não amei bastante,  
 E não cumpri à risca os meus deveres!

A fagulha de crença  
 Que eu possuía,  
 Devia transformar numa fornalha imensa  
 De fé consoladora,  
 E incendiar-me para ser luzeiro.

Mas, ó Senhor da paz confortadora,  
 Eu vi chegar o dia derradeiro  
 Em minha dor, na máscara de festa,  
 E a morte me apanhou  
 Como se apanha uma ave na floresta.  
 Experimento a grande liberdade!  
 Todavia, Senhor, ampara-me e protege  
 Minha triste humildade!

Eu te agradeço a paz que já me deste,  
 Mas eis que ainda te imploro comovida,  
 Porque me sinto em fraca segurança;  
 Deixa que eu guarde ainda nesta vida  
 Meu escrínio de estrelas da Esperança.

## **À Juventude**

Juventude linda e ardente,  
 Mocidade querida que eu exorto,  
 Meu coração de carne, esse está morto,  
 Mas minha alma que é eterna está presente.  
 Zelai pelo plantio, ó juventude,  
 Das flores perfumadas da virtude,  
 Porque depois dos sonhos terminados  
 Em nossos ermos e últimos caminhos,  
 Ai! como nos ferem os espinhos  
 Das belas rosas rubras dos pecados!

## O viajor e a Fé

— “Donde vens, viajor triste e cansado?”

— “Venho da terra estéril da ilusão.”

— “Que trazes?”

— “A miséria do pecado,

De alma ferida e morto o coração.

Ah! quem me dera a bênção da esperança,  
Quem me dera consolo à desventura!”

Mas a fé generosa, humilde e mansa,

Deu-lhe o braço e falou-lhe com doçura:

— “Vem ao Mestre que ampara os pobrezinhos,

Que esclarece e conforta os sofredores!...

Pois com o mundo uma flor tem mil espinhos,

Mas com Jesus um espinho tem mil flores!”

## O sinal

Quando chegamos do País do Gozo,

Nossa alma sem repouso

Traz o sinal das trevas do pecado.

Nossa alegria é um riso envenenado.

A palavra disfarça o coração

E a nossa dor é desesperação.

Tudo é sombra. A verdade não tem voz.

Muita vez, tudo é queda dentro em nós.

Mas os que vêm do Mundo dos Deveres

Guardam a luz de místicos prazeres.

Não têm palmas da Terra impemtentente...

Como tudo, porém, é diferente!...

Sua alegria é um fruto adocicado,

Sua palavra é um livro iluminado,

Sua dor alivia as outras dores.

Trazem o amor de todos os amores,

Revelando na vida transitória

O sinal do Calvário aberto em glória!

## Na noite de Natal

Noite de paz e amor! Repicam sinos,

Doces, harmoniosos, cristalinos,

Cantando a excelsitude do Natal!...

A estrela de Belém volta, de novo,

A brilhar, ante os júbilos do povo,  
Sob a crença imortal.

De cada lar ditoso se irradia  
A glória da amizade e da harmonia,  
Em festiva oração;  
Une-se o noivo à noiva bem-amada,  
Beija o filho a mãezinha idolatrada,  
O irmão abraça o irmão.

Dentro da noite, há corações ao lume  
E há sempre um bolo, em vagas de perfume,  
Sob claro dossel...  
Nascem canções e flores de mansinho,  
Em édenes fechados de carinho,  
De esperança e de mel.

Mas, lá fora, a tristeza continua...  
Há quem chora sozinho, em plena rua,  
Ao pé da multidão;  
Há quem clama piedade e passa ao vento,  
Ralado de tortura e sofrimento,  
Sem a graça de um pão.

Há quem contempla o céu maravilhoso,  
Rogando à morte a bênção do repouso  
Em terrível pesar!  
Ah! como é triste a imensa caravana,  
Que segue, aflita, sob a treva humana  
Sem consolo e sem lar...

Tu, que aceitaste a luz renovadora.  
Do Rei que se humilhou na manjedoura  
Para amar e servir,  
Volve o olhar compassivo à senda escura,  
Vem amparar os filhos da amargura,  
Que não podem sorrir.

Desce do pedestal que te levanta  
E estende a mão miraculosa e santa  
Ao desalento atroz;  
Para unir-nos no Amor, fraternalmente,  
Desceu Jesus do Céu Resplandecente  
E imolou-se por nós.

Vem medicar quem geme na calçada!...  
Oferece à criança abandonada  
Um velho cobertor;  
Traze a quem sofre a lúcida fatia  
Do teu prato de sonho e de alegria,

Temperado de amor.

Visita as chagas negras da mansarda  
Onde a miséria súplice te aguarda  
Em nome de Jesus.  
Há muita crença enferma, quase morta,  
Que só pede um sorriso brando à porta,  
Para tornar à luz.

Natal!... Prossegue o Mestre, de viagem,  
Em vão buscando um quarto de estalagem,  
Um ninho pobre, em vão!...  
E encontra sempre a cruz, ao fim da estrada,  
Por não achar socorro, nem pousada  
Em nosso coração.

## 23

**CASIMIRO CUNHA**

Na eterna luz – Anjinhos - Ascensão – Quadras - Supremacia da Caridade –  
Versos – Símbolo - Pensamentos espíritas - Sombra e luz - O beijo da morte -  
O engano - flores silvestres - Ao meu caro Quintão – Espiritismo - Aos  
companheiros da Doutrina.

POETA vassourense, nasceu aos 14 de abril de 1880 e desencarnou em 1914. Pobre, ao demais espírita confesso, não teve maior projeção no cenáculo literário do seu tempo, mau grado à suavidade da sua musa e inatos talentos literários. Há, na sua existência terrena, uma triste particularidade a assinalar, qual a de haver perdido uma vista aos 14 anos, por acidente, para de todo cegar da outra aos 16. Órfão de pai aos 7 anos, apenas freqüentou escolas primárias. Era um espírito jovial e forte no infortúnio, que ele sabia aproveitar no enobrecimento da sua fé. Se tivesse tido maior cultura, atingiria as maiores culminâncias do firmamento literário.

**Na eterna luz**

Quando parti deste mundo  
Em busca da Imensidade,  
A alma ansiosa da Verdade,  
Do azul imenso dos céus,  
Fugi do pesar profundo,  
Lamentando os sofrimentos,  
As mágoas, os desalentos,  
Confiado no amor de Deus.

Mal, porém, abri os olhos  
Em meio de luzes puras,  
Nas radiantes alturas,  
Em célico esplendor,  
Compreendi que os abrolhos  
Que a, Terra me oferecera,  
Eram mesmo a primavera  
Do meu sonho todo em flor.

Disseram-me então: — “Ó crente  
Que chegais a estas plagas,  
Fugindo das grandes vagas  
Do mar revolto das lutas,  
Aportai serenamente  
Nesta estância do Senhor,  
Pois aqui existe o amor  
Nestas almas impolutas!

Aqui existe a pureza,  
A meiga flor da Bondade,  
O aroma da Caridade

Perfumando os corações;  
Não se conhece a torpeza  
Da lâmina — hipocrisia,  
Que mata toda a alegria,  
Provocando maldições.

Aqueles que já sofreram  
No dever nobilitante,  
Cujo peito sempre amante  
Só conheceu dissabores;  
Aqueles que conheceram  
As feridas dolorosas,  
Dessas mágoas escabrosas  
De um triste mundo de dores,

Encontram nestas moradas  
Tão formosas, resplendentes,  
Os clarões resplandecentes  
De afetos imorredouros!  
As almas imaculadas  
São flores das boas-vindas,  
Luminosas, sempre lindas,  
Ofertando-lhes tesouros:

Os tesouros peregrinos,  
Formados de amor e luz  
Do Mestre Amado — Jesus,  
Arauto do Onipotente;  
Os reflexos divinos  
Quais lírios iluminados,  
Alvos, belos, deificados,  
Penetrarão sua mente.

Acordai, pois, ó vivente,  
Contemplai-vos nesta vida,  
Que vossa alma ensandecida  
Procure a luz que avigora.  
O Senhor sempre clemente,  
Concede-vos neste instante  
A bênção dulcificante  
Do seu amor — doce aurora.

Sacudi o pó da estrada  
Que trilhastes na amargura,  
Pois agora na ventura  
Fruires consolações;  
Nesta esfera iluminada,  
Que aportais neste momento,  
Não vereis o sofrimento  
Retalhando os corações.

## Anjinhos

Só vereis clarões de luz  
A despontar nestas almas,  
Tornadas em belas palmas  
Das mansões do Criador!  
Bendizei, pois, a Jesus,  
O Mestre da Caridade,  
O Luzeiro da Bondade,  
O grande Mestre do Amor!”

Então, eu vi que na Terra  
Em meio da iniquidade,  
Na tremenda tempestade  
Das dores e expiações,  
A nossa alma que erra,  
Tão longe das grandes luzes,  
Só aproveita das cruzes,  
Das amargas provações.

Venturoso, abençoei  
A dor que amaldiçoara,  
Que renegar eu tentara  
Como os míseros ateus,  
E feliz então busquei  
As bênçãos, flores brilhantes,  
Alvoradas fulgurantes  
Do amor imenso de Deus.

Ó mães que chorais na vida  
Os vossos ternos anjinhos,  
Que quais meigos passarinhos  
Cindiram o espaço azul,  
Deixando-vos sem conforto,  
O peito dilacerado,  
O coração desolado,  
A alma tristonha e exul,

Reconhecei que na Terra  
Só se conhecem as dores,  
Os prantos, os amargores,  
As frias noites sem luz;  
E os vossos filhinhos ternos,  
Quais centelhas luminosas,  
São as flores mais formosas  
Das moradas de Jesus.

São mensageiros felizes  
Nas radiantes alturas,



Em meio das luzes puras,  
 De outras rútilas esferas,  
 Resplandecendo imortais  
 Nos espaços deslumbrantes,  
 Quais reflexos brilhantes  
 Das celinas primaveras.

Visitam os vossos lares  
 Como gênios protetores,  
 Ofertando-vos as flores  
 Do seu afeto eternal;  
 Osculam-vos ternamente,  
 Insuflando-vos coragem,  
 Ao transpordes a voragem  
 Do abismo negro do mal;

Alegrai-vos, pois, ao verdes  
 Quando partem sorridentes,  
 Venturosos, inocentes,  
 Como fúlgidos clarões;  
 Eles farão despertar  
 As alvoradas formosas,  
 De luzes esplendorosas  
 Dentro em vossos corações.

## **Ascensão**

Perguntai à flor virente,  
 De pétalas multicores,  
 Que com mágicos olores  
 Perfumam vosso ambiente,

O que fazem cá no mundo,  
 Tão viçosas, perfumadas,  
 Pelas sendas desoladas  
 Deste abismo tão profundo.

Como sorrisos dos Céus,  
 Essas flores perfumosas  
 Responderiam formosas:  
 — “Nós marchamos para Deus!”

A ave que poetiza  
 Com seus cânticos maviosos  
 Vossos campos dadivosos  
 Em beleza que harmoniza,

Se perguntásseis também,  
 Ela vos retrucaria:  
 - “Caminhamos na alegria,

Para a Luz e para o Bem.”

Tudo pois, em ascensão,  
 Marcha ao progresso incessante,  
 A alvorada rutilante  
 Da sublime perfeição.

Segui pois, irmãos terrenos,  
 Nessas trilhas luminosas,  
 Caminhai sempre serenos,  
 Entre lírios, entre rosas;

Entre os lírios da Bondade,  
 Entre as rosas da Ternura,  
 Espargindo a caridade,  
 Consolando a desventura.

Só assim caminharemos  
 Nessa eterna evolução,  
 E no Bem conquistaremos  
 A suprema perfeição.

### **Quadras**

Ser cego e nada ver  
 Na triste noite escura,  
 E ver depois a luz  
 Da aurora de ventura;

Chorar na escuridão  
 Em dores mergulhado,  
 E após o sofrimento  
 Ter gozo ilimitado;

Sorver dentro da treva  
 O fel das amarguras,  
 Depois, buscar o amor  
 Nas lúcidas alturas;

É possuir tesouros  
 De paz, de vida e luz,  
 No sacrossanto abrigo  
 Do afeto de Jesus.

### **Supremacia da Caridade**

A fé é a força potente  
 Que desponta na alma crente,  
 Elevando-a aos altos Céus:  
 Ela é chama abrasadora,

Reluzente, redentora,  
Que nos eleva até Deus.

A esperança é flor virente,  
Alva estrela resplendente,  
Que ilumina os corações,  
Que conduz as criaturas  
As almeçadas venturas  
Entre célicos clarões.

A caridade é o amor,  
É o sol que Nosso Senhor  
Fez raiar claro e fecundo;  
Alegrando nesta vida  
A existência dolorida  
Dos que sofrem neste mundo!

A fé é um clarão divino,  
Refulgente, peregrino,  
Que irrompe, trazendo a luz;  
A caridade é a expressão  
Da personificação  
Do Mestre Amado — Jesus!

A esperança é qual lume,  
Ou capitoso perfume  
Que nos alenta na dor;  
A caridade é uma aurora  
Que resplende a toda hora,  
Nada empana o seu fulgor.

Seja, pois, abençoada  
Essa fúlgida alvorada  
A raiar eternamente!  
Caridade salvadora,  
Pura bênção redentora  
Do Senhor Onipotente.

## **Versos**

Vivi na mansão das sombras,  
Desterrado;  
Na noite das trevas densas,  
Sepultado.

Entrei no sepulcro escuro,  
Nascendo;  
E dele fugi feliz,  
Morrendo.

É que a vida material  
 É a prisão,  
 Onde a alma é encarcerada  
 Na aflição;

E a vida da alma é a nossa  
 Liberdade,  
 Onde as luzes recebemos  
 Da Verdade.

## **Símbolo**

Sobre a lama de um monturo  
 Um branco lírio sorria,  
 Alvo, belo, delicado,  
 Perfumando a luz do dia.

Vendo essa flor cariciosa  
 No pantanal sujo e imundo,  
 Via o símbolo do Bem  
 Entre os males deste mundo.

Pois entre as trevas e as dores  
 Da vida de provações,  
 Pode existir a bondade  
 Irradiando clarões.

E o coração que cultiva  
 A caridade e o amor,  
 É a flor cheia de aromas,  
 Cheia de viço e frescor.

Que mesmo dentro da treva  
 Do mundo ingrato, sem luz,  
 É lírio resplandecente  
 Do puro amor de Jesus.

## **Pensamentos espíritas**

Dobram sinos a finados,  
 Com mágoa e desolação...  
 Porque não sabem que a morte  
 É a nossa libertação.

Toda a esperança da fé,  
 Que vive com a caridade,  
 É realizada no mundo  
 Da eterna felicidade.

A palavra que reténs

É tua serva querida,  
Mas aquela que te foge  
É dona da tua vida.

Todo suicida presume  
Que a morte é o fim do amargor,  
Sem saber que o desespero  
É porta para outra dor.

Quem sofre resignado,  
Após a morte descansa  
Quem luta, sem naufragar,  
Verá decerto a bonança.

Quem tem a flor da humildade,  
Medrando no coração,  
Tem o jardim das virtudes  
Da suprema perfeição.

Volve ao Céu todo piedoso,  
Coração que andas ferido!.  
Deus cura todas as chagas  
Do mal que tens padecido.

### **Sombra e luz**

Vem a noite, volta o dia,  
Cresce o broto, nasce a flor,  
Vai a dor, surge a alegria  
Dourando a manhã do Amor.

Assim, depois da amargura  
Que a vida terrena traz,  
A alma encontra na Altura  
A luz, a ventura e a paz.

### **O beijo da morte**

Para quem viveu na Terra  
Em meio dos sofredores  
E somente frias dores  
No mundo ingrato colheu,  
O frio beijo da morte  
É o beijo da liberdade,  
É um raio de claridade  
Que vem da altura do Céu.

A vida terrena é a noite  
Que precede as madrugadas  
Das regiões aureoladas

De amor, de verdade e luz:  
 Sem paradoxo, portanto,  
 O gozo é o próprio martírio,  
 Que se fez excelso Lírio  
 Na devoção de Jesus.

A morte é a deusa celeste  
 Da vida, da plenitude,  
 Que a alegria da Virtude  
 Faz, linda, desabrochar;  
 Seu beijo é um raio de luz  
 Do dealbar das alturas,  
 Que na noite de amarguras  
 As almas vem despertar.

## O engano

As vezes diz a Ciência  
 Que a crença é engano profundo,  
 Esperando uma outra vida  
 Noutros planos, noutro mundo...

E diz arrogante à Fé:

— “Estás louca! A morte apenas  
 É o sono eterno e tranqüilo  
 Depois das lutas terrenas.”

Ao que ela replica, humilde:

— “Mais tarde, Ciência amiga,  
 Serás o sócia da Fé,  
 Andarás ao Lado meu.  
 Se for sono, dormiremos,  
 Mas se não for, pois não é,  
 De quem será esse engano?  
 Será meu ou será teu?”

## Flores silvestres

Já viste, filho, a floresta  
 Varrida pelas tormentas?  
 Partem-se troncos anosos,  
 Caem copas opulentas.

Mil árvores grandiosas  
 Esfacelam—se nos ares  
 Tombam gigantes da selva,  
 Venerandos, seculares.

Mas as florinhas silvestres

São apenas baloiçadas,  
Continuando graciosas  
A tapetar as estradas.

Zune o vento? geme a selva?  
Não sabe a pequena flor,  
Que perfumando o caminho  
Compõe um hino de amor.

Flores silvestres!... Imagem  
Dos bons e dos pequeninos,  
Que sobre o mundo derramam  
As graças dos dons divinos.

Na selva da vida humana  
Caem grandes, poderosos:  
Arcas repletas de ouro,  
E fronteas ébrias de gozos.

Mas, os humildes da Terra,  
Dentro da fé que os conduz,  
Não caem... São refletores  
Da bondade de Jesus.

Flores silvestres da vida,  
Não sabem se há tempestade  
De ambições e se há no mundo  
Leis de ódio e iniquidade.

Nos dias mais tormentosos,  
Sê, filho, como esta flor:  
Chore o homem, grite o mundo,  
Palmilha a estrada do amor.

### **Ao meu caro Quintão (\*)**

Quintão, eu sei da saudade  
Que te aperta o coração,  
Dos nossos dias passados,  
Que tão distantes se vão.

**(\*) Ver nota 1 no final do volume.**

Vassouras!... belas paisagens  
Cheias de vida e de cor,  
Um céu azul e estrelado  
Cobrindo uns ninhos de amor.

Árvores fartas e verdes  
Pela alfombra dos caminhos,

A ermida branca e suave  
De ternos, doces carinhos.

O nosso amigo Moreira  
E a sua barbearia,  
Onde uma vez me encontraste  
Na minha noite sombria.

Detalhes cariciosos  
Da vida singela e calma,  
Vida de encantos divinos  
Que eu via com os olhos dalma.

Meus pobres versos — “Singelos”, “  
Aves implumes” da dor,  
Que traduziam no mundo  
O meu pungente amargor.

A minha pobre Carlota,  
A companheira querida,  
O raio de claridade  
Da noite da minha vida.

Os artigos do Bezerra  
De outros tempos, no “O Pais”,  
O mestre da Velha Guarda,  
Unida, forte e feliz.

A tua doce amizade  
A luz do Consolador,  
Teu coração generoso  
De amigo, irmão e mentor.

Ah! Quintão, hoje os meus olhos  
Embebedam-se de luz,  
Pelas estradas sublimes  
Da santa paz de Jesus!

Mas não sei onde a saudade  
É mais forte nos seus véus,  
Se pelas sombras da Terra,  
Se pelas luzes dos Céus.

## **Espiritismo**

Espiritismo é uma luz  
Gloriosa, divina e forte,  
Que clareia toda a vida  
E ilumina além da morte.



É uma fonte generosa  
De compreensão compassiva,  
Derramando em toda parte  
O conforto d'Água Viva.

É o templo da Caridade  
Em que a Virtude oficia,  
E onde a bênção da Bondade  
É flor de eterna alegria.

É árvore verde e farta  
Nos caminhos da esperança,  
Toda aberta em flor e fruto  
De verdade e de bonança.

É a claridade bendita  
Do bem que aniquila o mal,  
O chamamento sublime  
Da Vida Espiritual.

Se buscas o Espiritismo,  
Norteia-te em sua luz:  
Espiritismo é uma escola,  
E o Mestre Amado é Jesus.

## **Aos companheiros da Doutrina**

Examinada de perto,  
A luz da nossa Doutrina  
É sempre a lição que ensina  
A paz do caminho certo.

Necessário é discernir  
A mistura, a ganga, o véu;  
Muita vez a água do céu  
Torna-se em lama, ao cair.

O mal vem de ouvidos moucos  
Ou de olhos nevodados,  
Há sempre muitos chamados;  
Escolhidos? muito poucos.

Verdade é que o coração,  
Que abraça a nossa Doutrina,  
Penetra numa oficina  
De esforço, luta, e ação.

Já não deve andar a esmo  
Nas estradas da ilusão,  
Mas buscando a perfeição

Na perfeição de si mesmo.

Portanto, é nossa divisa  
Oração e Vigilância,  
No bem que é bem substância  
Da crença que diviniza.

No Evangelho de Jesus,  
Feliz quem pode guardar  
A força de realizar  
Os grandes feitos da Luz.

Que no altar do coração  
Tenhamos o amor profundo  
Daquele que é a Luz do Mundo,  
— Eis meu desejo de irmão.

## 24

**CASIMIRO DE ABREU**

À minha terra - A Terra – Lembranças – Recordando.

POETA fluminense, desencarnou aos 18 de outubro de 1860, na Fazenda de Indaiáçu, no então município de Barra de São João, hoje denominado Casimiro de Abreu, com 21 anos de idade, acometido de tuberculose pulmonar. Figura literária das mais típicas do seu tempo, o autor malgrado de Primaveras ainda aqui se afirma no seu profundo quão suave nativismo lírico. Suas composições possuem “um saboroso estilo colorido, sensível e personalíssimo” — disse Ronald de Carvalho.

**À minha terra**

Que terno sonho dourado  
Das minhas horas fagueiras,  
No recanto das palmeiras  
Do meu querido Brasil!  
A vida era um dia lindo  
Num vergel cheio de flores,  
Cheio de aroma e esplendores  
Sob um céu primaveril.

A Infância, um lago tranqüilo  
Onde começa a existência,  
Onde os cisnes da inocência  
Bebem o néctar do amor.  
A mocidade era um hino  
De melodias suaves,  
Formadas de trinos de aves  
E de perfumes de flor.

O dia, manhã ridente,  
Numa canção de alvorada;  
A noite toda estrelada  
Após o doce arrebol;  
E na, paisagem querida,  
Os ramos das laranjeiras  
E das frondosas mangueiras  
Douradas à luz do Sol!

Oh! que clarão dentro dalma,  
Constantemente cismando,  
O pensamento sonhando  
E o coração a cantar,  
Na delicada harmonia  
Que nascia da beleza,  
Do verde da Natureza,  
Do verde do lindo mar!

Oh! que poema a existência  
 De infância e de mocidade,  
 De ternura e de saudade,  
 De tristeza e de prazer;  
 Igual a um canto sublime,  
 Como uma estrofe inspirada  
 Na noite e na madrugada,  
 Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!  
 A transparência dos lagos,  
 As carícias, os afagos  
 E os beijos de minha mãe!  
 Dos trinos dos pintassilgos,  
 Da melodia das fontes,  
 As nuvens nos horizontes  
 Perdidos no azul do além.

Quando eu cruzava as campinas,  
 Sem sombras de sofrimento,  
 Descalço, com o peito ao vento,  
 Num tempo doce e feliz!  
 Os pessegueiros floridos,  
 As frondes cheias de amora,  
 O manto de luz da aurora,  
 Os pios das juritis!

Se a morte aniquila o corpo,  
 Não aniquila a lembrança:  
 Jamais se extingue a esperança,  
 Nunca se extingue o sonhar!  
 E à minha terra querida,  
 Recortada de palmeiras,  
 Espero em horas fagueiras  
 Um dia poder voltar.

## **A Terra**

(Aos pessimistas)

Se há noite escura na Terra,  
 Onde rugem tempestades,  
 Se há tristezas, se há saudades,  
 Amargura e dissabor,  
 Também há dias dourados  
 De sol e de melodias,  
 Esperanças e alegrias,  
 Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,

Um paraíso de amores,  
 Jardim de risos e flores  
 Rolando no céu azul.  
 Um hino de força e vida  
 Palpita em suas entranhas,  
 Retumba pelas montanhas,  
 Ecoa de Norte a Sul.

Os sonhos da mocidade,  
 As galas da Natureza,  
 Livro de excelsa beleza  
 Com páginas de esplendor,  
 Onde as histórias são cantos  
 De gárrilos passarinhos,  
 Onde as gravuras são ninhos  
 Estampados no verdor;

Onde há reis que são poetas,  
 E trovadores alados,  
 Heróis ternos, namorados,  
 Gargantas de ouro a cantar,  
 Saudando a aurora que surge  
 Como ninfa luminosa,  
 A olhar-se toda orgulhosa  
 No espelho do grande mar!

Onde as princesas são flores,  
 Que se beijam luzidias,  
 Perfumando as pradarias  
 Com seu hálito de amor;  
 Desabrochando às centenas,  
 Na estrada onde o homem passa,  
 Oferecendo-lhe graça,  
 Sorrindo, cheias de olor.

O dia todo é alvorada  
 De doces encantamentos;  
 A noite, deslumbramentos  
 Da Lua, em seus brancos véus!  
 A tarde Oscula as estrelas,  
 Os astros o Sol-nascente,  
 O Sol o prado ridente,  
 O prado perfuma os céus!...

Quem vive num éden desses,  
 É sempre risonho e forte,  
 Jamais almeja que a morte  
 Na vida o venha tragar;  
 Sabe encontrar a ventura  
 Nesse jardim de pujanças,

E enche-se de esperanças  
Para sofrer e lutar.

Se há noite escura na Terra,  
Abarrotada de dores,  
De lágrimas e amargores,  
De triste e rude carpir,  
Também há dias dourados  
De juventude e esplendores,  
De aromas, risos e flores,  
De áureos sonhos no porvir!...

## **Lembranças**

No sacrário das lembranças,  
Revejo-te, trigueirinha,  
De negras e longas tranças,  
Moreninha.

Teus lindos pés descalçados,  
Pisando de manhãzinha  
A verde relva dos prados,  
Moreninha.

Os primorosos cabelos  
Enfeitados, à tardinha,  
De miosótis singelos,  
Moreninha.

De olhar sedutor e insonte,  
Quando o teu passo ia e vinha  
Em busca da água da fonte,  
Moreninha.

Teu vulto de camponesa  
Era o porte de rainha,  
Rainha da Natureza,  
Moreninha.

Inda ouço os sons primeiros  
Da tua voz na modinha  
Modulada nos terreiros,  
Moreninha.

Lavando a roupa às braçadas,  
Nos fios dágua fresquinha,  
Sob as mangueiras copadas,  
Moreninha.

Os teus risos adorados,

Desferidos à noitinha,  
Nos bandos de namorados,  
Moreninha.

A tua oração ditosa,  
Nas missas da capelinha,  
Tão faceira! tão formosa!  
Moreninha.

A placidez do teu rosto  
Com teus modos de avezinha,  
Fitando a luz do sol-posto,  
Moreninha.

O teu samburá de flores  
Que levavas à igrejinha,  
Enchendo a nave de odores,  
Moreninha.

O vestidinho de chita,  
De rosas estampadinha,  
Fazendo-te mais bonita,  
Moreninha.

O nosso idílio encantado,  
Quando te achavas sozinha,  
Sob o luar prateado,  
Moreninha.

Que terna recordação  
De minhalma se avizinha!  
De saudade, de paixão,  
Moreninha.

Ai! Ai! meu Deus, quem me dera  
Rever-te, doce rainha,  
Rainha da Primavera,  
Moreninha.

## **Recordando**

Meu Deus, deixai que eu me esqueça  
Da minha vida de agora,  
Que apenas o meu passado  
Eu possa alegre rever;  
Deixai que me identifique  
Com os raios da luz de outrora,  
Daquela risonha aurora  
Do meu passado viver.

Que eu sinta de novo a vida  
Na infância Linda e ditosa,  
Na alegria inalterável  
Do lugar onde nasci;  
Quero rever novamente  
A paisagem luminosa,  
Sentir a emoção grandiosa  
De tudo o que já senti!...

Ah! que eu possa hoje olvidar  
Imensidades, esferas,  
Concepções mais perfeitas  
No progresso que alcancei;  
Que das ruínas, dos escombros,  
Minhalma retire as heras,  
E contemple as primaveras  
Da vida que já deixei.

Quero aspirar os perfumes  
Dos cendais cheios de flores,  
Na fresca sombra dos vales,  
Sob a luz do céu de anil!  
Rever o sítio encantado  
Da minha estância de amores,  
Meus sonhos encantadores,  
Minha terra, meu Brasil!

Escutar os sinos calmos  
Sob a alvura das capelas,  
Enchendo as longes devesas,  
De convites à oração;  
Sentar-me no prado agreste,  
Beijar as flores singelas,  
Mirar a luz das estrelas,  
Ouvir a voz da amplidão!

Correr sob o sol-nascente  
Até que chegue o luar,  
Procurando os passarinhos  
E as borboletas tafuis;  
Que esperança, que ventura!  
Viver, sofrer, e amar  
A campina, o Sol, o mar,  
Campos verdes, céus azuis

Ser homem e ser criança,  
Toucar-se a alma das galas  
Da poesia inexprimível,  
Da alvorada e do arrebol...  
Oh! Natureza da Terra,



Que tesouros não exalas,  
Na, carícia dessas falas  
Do passarinho e do Sol!

Eu gozo de quando em quando,  
Revedo essa claridade,  
Da existência transcorrida  
Guardada no coração;  
E dos cimos desta vida,  
Na excelsa Imortalidade,  
Verto prantos de saudade  
A luz da recordação.

## 25 CASTRO ALVES

Marchemos! - A Morte.

POETA baiano, desencarnou a 6 de julho de 1871, com 24 anos de idade. Mocidade radiosa, o autor consagrado de Espumas Flutuantes exerceu nas rodas literárias do seu tempo a mais justa e calorosa das projeções. Nesta poesia sente-se o crepitar da lira que modulou — O Livro e a América.

### Marchemos!

Há mistérios peregrinos  
No mistério dos destinos  
Que nos mandam renascer:  
Da luz do Criador nascemos,  
Múltiplas vidas vivemos,  
Para à mesma luz volver.

Buscamos na Humanidade  
As verdades da Verdade,  
Sedentos de paz e amor;  
E em meio dos mortos-vivos  
Somos míseros cativos  
Da iniquidade e da dor.

É a luta eterna e bendita,  
Em que o Espírito se agita  
Na trama da evolução;  
Oficina onde a alma presa  
Forja a luz, forja a grandeza  
Da sublime perfeição.

É a gota d'água caindo  
No arbusto que vai subindo,  
Pleno de seiva e verdor;  
O fragmento do estrume,  
Que se transforma em perfume  
Na corola de uma flor.

A flor que, terna, expirando,  
Cai ao solo fecundando  
O chão duro que produz,  
Deixando um aroma leve  
Na aragem que passa breve,  
Nas madrugadas de luz.

É a rija bigorna, o malho,  
Pelos fainas do trabalho,  
A enxada fazendo o pão;

O escopro dos escultores  
Transformando a pedra em flores,  
Em Carraras de eleição.

É a dor que através dos anos,  
Dos algozes, dos tiranos,  
Anjos puríssimos faz,  
Transmutando os Neros rudes  
Em arautos de virtudes,  
Em mensageiros de paz.

Tudo evolui, tudo sonha  
Na imortal ânsia risonha  
De mais subir, mais galgar;  
A vida é luz, esplendor,  
Deus somente é o seu amor,  
O Universo é o seu altar.

Na Terra, às vezes se acendem  
Radiosos faróis que esplendem  
Dentro das trevas mortais;  
Suas rútilas passagens  
Deixam fulgores, imagens,  
Em reflexos perenais.

É o sofrimento do Cristo,  
Portentoso, jamais visto,  
No sacrifício da cruz,  
Sintetizando a piedade,  
E cujo amor à Verdade  
Nenhuma pena traduz.

É Sócrates e a cicuta,  
É César trazendo a luta,  
Tirânico e lutador;  
É Cellini com sua arte,  
Ou o sabre de Bonaparte,  
O grande conquistador.

É Anchieta dominando,  
A ensinar catequizando  
O selvagem infeliz;  
É a lição da humildade,  
De extremosa caridade  
Do pobrezinho de Assis.

Oh! bendito quem ensina,  
Quem luta, quem ilumina,  
Quem o bem e a luz semeia  
Nas fainas do evoluir:

Terá a ventura que anseia.  
 Nas sendas do progredir.

Uma excelsa voz ressoa,  
 No Universo inteiro ecoa:  
 “Para a frente caminhai!  
 “O amor é a luz que se alcança,  
 “Tende fé, tendes esperança,  
 “Para o Infinito marchai!”

## A Morte

No extremo pólo da vida  
 Diz a Morte: — “Humanidade,  
 Sou a espada da Verdade  
 E a Têmis do mundo sou;  
 Sou balança do destino,  
 O fiel desconhecido,  
 Lanço Cômodo no olvido  
 E aureolo a frente de Hugo!

O cronômetro dos séculos  
 Não me torna envelhecida;  
 Sou morte — origem da vida,  
 Prêmio ou gládio vingador.  
 Sou anjo dos desgraçados  
 Que seguem na Terra errantes,  
 Desnorteados viajam antes  
 Dos Niágaras da dor!

Também sou braço potente  
 Dos déspotas e opressores,  
 Que trazem os sofredores  
 No jugo da escravidão;  
 Aos bons, sou compensação,  
 Consolo e alívio aos precitos,  
 E nos maus aumento os gritos  
 De dores e maldição.

Sepultura do presente,  
 Do porvir sou plenitude,  
 Da alegria sou saúde  
 E do remorso o amargor.  
 Sou águia libertadora  
 Que abre, sobre as descrenças,  
 O manto das trevas densas,  
 E sobre a crença o esplendor.

Desde as eras mais remotas  
 Coso láureas e mortalhas,

E sobre a dor das batalhas  
 Minha asa sempre pairou;  
 Meu verbo é a lei da Justiça,  
 Meu sonho é a evolução;  
 Meu braço — a revolução,  
 Austerlitz e Waterloo.

Homem, ouve-me; se às vezes  
 Simbolizo a guilhotina,  
 Minha mão abre a cortina  
 Que torna o mistério em luz;  
 E por trabalhar com Deus,  
 Na absoluta eqüidade,  
 Sou prisão ou liberdade,  
 Nova aurora ou nova cruz.

Se o cristal que imita o céu  
 Da consciência tranqüila  
 É o luzeiro que cintila  
 Na noite do teu viver,  
 Oásis — dou-te o repouso,  
 Estrela — estendo-te lume,  
 Flor — oferto-te perfume,  
 Luz da vida — dou-te o ser!

Mas, também se a tirania  
 Arvora-se em lei na Terra,  
 Eu mando a noite da guerra  
 Fazer o sol do porvir;  
 Arremesso a minha espada,  
 Ateio fogo aos canhões,  
 Faço cair as nações  
 Como fiz Roma cair.

Foi assim que fiz um dia,  
 Ao ver o trono imperfeito  
 Estrangulando o Direito;  
 Busquei Danton, Mirabeau...  
 E junto ao vulto de Têmis  
 Tomei o carro de Jove,  
 E fiz o Oitenta e Nove  
 Quando a França me ajudou.

Então, implacavelmente,  
 Fiz a Europa ensangüentada  
 Ajoelhar-se humilhada,  
 Diante de tanto horror.  
 Das cidades fiz ossuários,  
 Dos campos Saaras ardentes,  
 Trucidei réus inocentes,

Apaguei a luz do amor,

Até que um dia o Criador  
Sempre amoroso e clemente,  
Que jamais teve presente,  
Nem passado nem porvir,  
Bradou do cume dos céus  
Num grito piedoso e forte:  
“Não prossigas! Basta, Morte,  
Agora é reconstruir.”

Portanto, homem, se tens  
Por bússola o Bem na vida,  
Olha o Sol de frente erguida,  
Espera-me com fervor.  
Abrir-te-ei meus tesouros,  
Serei tua doce amante,  
Cujo seio palpitante  
Guardar-te-á — paz e amor.

Se às vezes se te afigura  
Que sou a foice impiedosa,  
Horrenda, fria, orgulhosa,  
Que espedaça os teus heróis,  
Verás que sou a mão terna  
Que rasga abismos profundos,  
E mostra biliões de mundos,  
E mostra biliões de sóis.

Conduzo seres aos Céus,  
À luz da realidade;  
Sou ave da Liberdade  
Que ao lodo da escravidão  
Venho arrancar os espíritos,  
Elevando-os às alturas:  
Dou corpos às sepulturas,  
Dou almas para a amplidão!”

A Morte é transformação,  
Tudo em seu seio revive:  
Esparta, Tebas, Nínive,  
Em queda descomunal,  
Revivem na velha Europa;  
E como faz às cidades,  
Remodela humanidades  
No progresso universal.

## 26 CORNÉLIO BASTOS

Não temas.

PROFESSOR, poeta e jornalista. Nascido na capital de São Paulo, a 26 de setembro de 1844 e desencarnado em Campos em 31 de janeiro de 1909. Foi grande abolicionista e espírita militante.

### **Não temas**

Somente com Jesus a alma cansada  
Volve à praia do amor no mar da vida,  
O viajor errante encontra a estrada,  
Que o reconduz à terra estremecida.

A esperança, adiada e emurchecida,  
Refloresce ao clarão de outra alvorada;  
Todo o trabalho e dor da humana lida  
São luzes da vitória desejada.

Sem Jesus, cresce a treva entre os escombros;  
Ama a cruz que te pesa sobre os ombros,  
Vence o deserto áspero e inclemente.

A aflição inda é grande em cada dia?  
Não desprezes a Doce Companhia,  
Vai com Jesus! não temas! crê somente!

## 27

**CRUZ E SOUZA**

Ansiedade – Heróis - Aos torturados - A sepultura - Anjos da Paz - Alma livre -  
 “Gloria victis” - Nossa mensagem - Oração aos libertos – Céu - Aos tristes -  
 Beleza da morte – Mensageiro - Se queres - À dor - Noutras eras – Sofre –  
 Exaltação – Vozes – Soneto - Glória da Dor - Quanta vez - Ide e pregai –  
 Caridade – Renúncia - Tudo vaidade - Ouvi-me - Felizes os que têm Deus -  
 Glória aos humildes - Aos trabalhadores do Evangelho.

CATARINENSE. Funcionário público, encarnou em 1861 e desprendeu-se em 1898, no Estado de Minas. Poeta de emotividade delicada, soube, mercê de um simbolismo inconfundível, marcar sua individualidade literária. Sua vida foi toda dores.

**Ansiedade**

Todo esse anseio que tortura o peito,  
 Estrangulando a voz exausta e rouca,  
 Que em cada canto estruge e em cada boca  
 Faz o soluço do ideal desfeito;

Ansiedade fatal de que se touca  
 A alma do homem mau e do perfeito,  
 Sobe da Terra pelo espaço eleito,  
 Numa imensa espiral, estranha e louca,

Formando a rede eterna e incompreendida,  
 Das ilusões, dos risos, das quimeras,  
 Das dores e da lágrima incontida;

Essa ansiedade é a mão de Deus nas eras,  
 Sustentando o fulgor da luz da Vida,  
 No turbilhão de todas as esferas!...

**Heróis**

Esses seres que passam pelas dores,  
 As geenas do pranto acorrentados,  
 Aluviões de peitos sofredores,  
 No turbilhão dos grandes desgraçados;

Corações a sangrar, ermos de amores,  
 Revestidos de acúleos acerados,  
 Nutrindo a luz dos sonhos superiores  
 Nos ideais maiores esfaimados;

Esses pobres que o mundo considera  
 Os humanos farrapos dos vencidos,  
 Prisioneiros da angústia e da quimera,



São os heróis das lutas torturantes,  
Que são, sendo na Terra os esquecidos,  
Coroados nas Luzes Deslumbrantes!

### **Aos torturados**

Torturados da vida, um passo adiante,  
Nos desertos dos áridos caminhos,  
Abandonados, trêmulos, sozinhos,  
Infelizes na dor a cada instante!

Sobre a luz que vos guia, bruxuleante,  
E além dos trilhos de ásperos espinhos,  
Fulgem no Além os deslumbrantes ninhos,  
Mundos de amor no claro azul distante...

Chorai! que a imensidade inteira chora,  
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora  
Que idealizais chorando nas algemas!

Vibrai no mesmo anseio em que palpita  
A alma universal, sonhando, aflita,  
As perfeições eternas e supremas!

### **A sepultura**

Como a orquídea de arminho quando nasce,  
Sobre a lama ascorosa refulgindo,  
A brancura das pétalas abrindo,  
Como se a neve alvíssima a orvalhasse;

Qual essa flor fragrante, como a face  
Dum querubim angélico sorrindo,  
Do monturo pestífero emergindo,  
Luz que sobre negrumes se avistasse;

Assim também do túmulo asqueroso,  
Evolva-se a essência luminosa  
Da alma que busca o céu maravilhoso;

E como o lodo é o berço vil de flores,  
A sepultura fria e tenebrosa  
É o berço de almas — senda de esplendores.

### **Anjos da Paz**

Ó luminosas formas alvadias  
Que desceis dos espaços constelados

Para lenir a dor dos desgraçados  
Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,  
De lindos firmamentos estrelados,  
Céus distantes que vemos, dominados  
De esperanças, anseios e alegrias.

Anjos da Paz, radiosas formas claras,  
Doces visões de etéricos carraras  
De que o espaço fúlgido se estrela!

Clarificai as noites mais escuras  
Que pesam sobre a terra de amarguras,  
Com a alvorada da Paz, ditosa e bela

### **Alma livre (\*)**

Um soluço divino de alegria  
Percorre a todo Espírito liberto  
Das pesadas cadeias do deserto,  
Desse mundo de sombra e de agonia.

A alma livre contempla o novo dia,  
Longe das dores do passado incerto,  
Mergulhada no esplêndido concerto  
De outros mundos, que a luz acaricia!

**(\*) Vide nota 2 no final do volume.**

Alma liberta, redimida e pura,  
Vê a aurora depois da noite escura,  
Numa visão mirífica, superna...

Penetra o mundo da imortalidade,  
Entre canções de luz e liberdade,  
Forçando as portas da Beleza Eterna.

### **“Gloria victis”**

Glória a todas as almas obscuras  
Que caíram exânimes na estrada,  
Onde a pobre esperança abandonada  
Morre chorando sob as desventuras.

Glória à pobre criatura desprezada,  
Glória aos milhões de todas as criaturas,  
Sob a noite das grandes amarguras,  
Sem conhecer a luz de uma alvorada.

Glória Victis! Hosana aos desgraçados  
 Que tombaram sem vida, aniquilados,  
 Nos sofrimentos purificadores;

Que o Céu é a pátria eterna dos vencidos,  
 Onde aportam ditosos, redimidos,  
 Como heróis dos deveres e das dores!

### **Nossa mensagem**

Essa mensagem de esperança e vida  
 Que endereçamos da imortalidade,  
 É a lição luminosa da Verdade  
 Que a Humanidade espera comovida.

Guardai a voz da Terra Prometida,  
 Nos exílios do pranto e da saudade;  
 Conservai essa vaga claridade  
 Da luz da eternidade indefinida.

Todo o nosso trabalho objetiva  
 Dar-vos a fé, a crença persuasiva  
 Nos caminhos da prova dolorosa.

Sabei vencer entre as vicissitudes,  
 Como arautos de todas as virtudes,  
 Sobre as ressurreições da alma gloriosa.

### **Oração aos libertos**

Alma embriagada do imortal falerno,  
 Segue cantando, no horizonte claro,  
 O teu destino esplendoroso e raro,  
 Cheio das luzes do porvir eterno.

Mas não te esqueças desse mundo avaro,  
 O escuro abismo, o tormentoso Averno,  
 Sem as doces carícias do galerno  
 Das esperanças — sacrossanto amparo.

Volve os teus olhos ternos, compassivos,  
 Para os pobres Espíritos cativos  
 As grilhetas do corpo miserando!

Abre os sacrários da Felicidade,  
 Mas lembra-te do orbe da impiedade,  
 Onde venceste a carne soluçando.

## Céu

Há um céu para o Espírito que luta  
No oceano dos prantos salvadores,  
Céu repleto de vida e de fulgores,  
Que coroa de luz a alma impoluta.

A canção da vitória ali se escuta,  
Da alma livre das penas e das dores,  
Que faz da vida a rede de esplendores,  
Na paz quase integral e absoluta.

Considerai, ó pobres caminheiros,  
Que na Terra viveis como estrangeiros,  
De alma ofegante e coração aflito:

Considerai, fitando a imensa altura,  
Os deslumbrantes orbes da ventura  
Por entre os sóis suspensos no Infinito!

## Aos tristes

Alma triste e infeliz que se tortura  
No tormento que punge e dilacera,  
Para quem nunca trouxe a Primavera  
Dos seus pomos dourados de ventura;

Sou teu irmão, e intrépido quisera  
Trazer-te a luz que esplende pela Altura,  
Afastando essa dor que te amargura  
Nas ansiedades de uma longa espera.

Mas há quem guarde as gotas do teu pranto  
No tesouro sublime e sacrossanto  
Dos arcanos de luz da Divindade!

Há quem te faça ver as cores do íris  
Da fagueira. esperança, até partires  
Nas asas brancas da Felicidade.

## Beleza da morte

Há no estertor da morte uma beleza  
Transcendente, ignota, luminosa.  
Beleza sossegada e silenciosa,  
Da Luz branca da Paz, trêmula e acesa.

É o augusto momento em que a alma, presa  
As cadeias da carne tenebrosa,

Abandona a prisão, dorida e ansiosa,  
Sentindo a vida de outra natureza.

Um mistério divino há nesse instante,  
No qual o corpo morre e a alma vibrante  
Foge da noite das melancolias!.

No silêncio de cada moribundo,  
Há a promessa de vida em outro mundo,  
Na mais sagrada das hierarquias.

## **Messageiro**

Abri minha alma para os sofredores  
Na vastidão serena dos Espaços,  
Eu que na Terra tive sempre os braços  
Presos à cruz tantálica das dores.

Epopéias de Sons e de Esplendores,  
E os prazeres mais pobres, mais escassos,  
E o mistério dos célicos abraços,  
Dos Perfumes, das Preces e das Cores;

Tudo isso não vejo e vejo apenas  
O turbilhão das lágrimas terrenas  
— Taça imensa de gotas amargosas!

Da piedade e do amor eu trago o círio,  
Para afastar as trevas do martírio  
Do silêncio das noites tenebrosas.

## **Se queres**

Se queres a ventura doce, etérea,  
De outro mundo de luz, indefinido,  
Serás na Terra o filho incompreendido  
Do Tormento casado com a Miséria.

Viverás na mansão triste, funérea,  
Do Soluço, do Pranto, do Gemido;  
Dos prazeres mundanos esquecido,  
Outro Job pelas chagas da matéria.

Serás em toda a Terra o feio aborto  
Das amarguras e do desconforto,  
Encarcerado nas sinistras grades;

Mas um dia abrirás as portas de ouro  
E encontrarás o fúlgido tesouro,  
De benditas e eternas claridades.

## À dor

Dor, és tu que resgatas, que redimes  
Os grandes réus, os míseros culpados,  
Os calcetas dos erros, dos pecados,  
Que surgem do pretérito de crimes.

Sob os teus pulsos, fortes e sublimes,  
Sofri na Terra junto aos condenados,  
Seres escarnecidos, torturados,  
Entre as prisões da Lágrima que exprimes!

Da perfeição és o sagrado Verbo,  
Ó portadora do tormento acerbo,  
Aferidora da Justiça Extrema...

Bendita a hora em que me pus à espera  
De ser, em vez do réprobo que eu era,  
O missionário dessa Dor suprema!

## Noutras eras

Também marchei pelas estradas flóreas,  
Cheias de risos e de pedrarias;  
Onde todas as horas dos meus dias  
Eram hinos de esplêndidas vitórias.

Tive um passado fúlgido de glórias,  
De maravilhas de ouro e de alegrias,  
Sem reparar, porém, noutras sombrias  
Sendas tristes, das dores meritórias.

E abusei dos deveres soberanos  
Sucumbindo aos terríveis desenganos  
Do destino cruel, fatal e avaro;

Para encontrar-me a sós no mesmo horto  
Que deixara, sem luz e sem conforto,  
Sentindo as dores desse desamparo.

## Sofre

Toda a dor que na vida padeceres,  
Todo o fel que tragares, todo o pranto,  
Ser-te-ão como trevas, e, entretanto,  
Serás pobre de luz se não sofreres.

É que dos sofrimentos nasce o canto

De alegria dos mundos e dos seres,  
 Pois que a dor é a saúde dos prazeres,  
 O hino da luz, misterioso e santo.

Doma o teu coração, e, no silêncio,  
 Foge à revolta, humilha-o, dobra-o, vence-o,  
 Chorando a mesma dor que o mundo chora;

Abre a tua consciência para as luzes  
 E, no mundo que o mal encheu de cruces,  
 Do Bem encontrarás a eterna aurora.

## **Exaltação**

Harmonias do Som, vibraí nos ares,  
 Nos horizontes, nas atmosferas;  
 Exaltai minhas dores de outras eras,  
 Meus passados, recônditos pesares.

Desdobrai-vos luzeiros estelares,  
 Sobre o aroma das novas primaveras;  
 Cantem no mundo todas as quimeras,  
 Aves e flores, amplidões e mares!

Vibraí comigo, multidões de seres,  
 Na concretização desses prazeres  
 Do meu sonho de luzes e universos...

Exaltai-vos na vida de minha alma,  
 E na grandeza infinda que se espalma  
 Sobre a glória sublime dos meus versos!

## **Vozes**

Há sobre os prantos, há sobre as humanas  
 Vozes que se lamentam nas torturas,  
 Outras vozes mais doces e mais puras,  
 Como um coro dulcíssimo de hosanas.

As primeiras são feitas de amarguras,  
 As segundas, de bênçãos soberanas,  
 Sobre as dores sagradas ou profanas  
 Que pululam nas sendas mais escuras.

Sobe da Terra a queixa soluçando,  
 Silenciosa, muda, suplicando,  
 Remontando aos Espaços constelados;

Desce dos Céus a voz amiga e mansa,  
 Fortificando a vida da Esperança

— Patrimônio dos seres desgraçados.

## Soneto

Nos labirintos dessa eternidade  
Que nós vivemos luminosa e pura,  
A alma vive na intérmina procura  
Do filão de ouro da felicidade.

Quanto mais sofre, tanto mais se apura  
No pensamento excelso da Verdade,  
Vendo na auréola da Imortalidade  
A alvorada risonha da ventura.

E ao fim de cada noite tormentosa,  
Que é a existência na prova dolorosa,  
Canta e vibra num dia de bonança.

Em torno da Verdade a alma gravita  
Buscando a Perfeição pura, infinita,  
Nessa jornada eterna da Esperança.

## Glória da Dor

Para aquém dessas cruzes esquecidas  
Nas sepulturas ermas e desertas,  
Há o turbilhão frenético das vidas  
Sobre as estradas ásperas, incertas...

Inda há sânie das úlceras abertas  
No coração das almas combalidas,  
Gozadores de outrora entre as refertas  
Das ilusões que tombam fenecidas.

Só uma glória mirífica perdura  
Concretizando os sonhos da criatura  
Cheia de crenças e de cicatrizes:

É a vitória da Dor que aperfeiçoa,  
Luminosa e divina, humilde e boa,  
Glória da Dor, que é pão dos infelizes.

## Quanta vez

Quanta vez eu fitei essas fronteiras,  
Horizontes, estrelas, firmamentos,  
Presas de sonhos e estremecimentos  
De esperança, nas horas derradeiras!...



Ah! meus longínquos arrebatamentos,  
 Amarguras e dores e canseiras,  
 Que vos fostes nas lágrimas ligeiras,  
 Como folhas levadas pelos ventos...

Quanta vez, abafando os meus soluços,  
 Como o errado viajor que cai de bruços  
 Sobre a íngreme estrada da agonia,

Ensináveis-me a ler a Bíblia santa  
 Desta vida imortal que se levanta  
 Numa alvorada eterna de alegria!

### **Ide e pregai**

Vós que tendes as rosas da bonança  
 Enlaçadas na fé mais doce e pura,  
 Ide e pregai, na noite da amargura,  
 O evangelho do amor e da esperança.

Toda luz da verdade que se alcança  
 É um reduto de paz firme e segura:  
 Dai dessa paz a toda criatura,  
 Sobre a qual vossa vida já descansa.

Espalhai os clarões da vossa crença  
 Na pedregosa estrada dessa imensa  
 Turba de irmãos famintos, torturados!

Conduzi a mensagem luminosa  
 Da caridade, lúcida e piedosa,  
 Redentora de todos os pecados.

### **Caridade**

Caridade é a mão terna e compassiva  
 Que ampara os bons e aos maus ama e perdoa,  
 Misericórdia, a qual para ser boa,  
 De bens paradisíacos se priva.

Mão radiosa, que traz a verde oliva  
 Da paz, que acaricia e que abençoa,  
 Voz da eterna verdade que ressoa  
 Por toda a parte, promissora e ativa.

A caridade é o símbolo da chave  
 Que abre as portas do céu claro e suave,  
 Das consciências libertas da impureza;

É a vibração do espírito divino,

Em seu labor fecundo e peregrino,  
Manifestando as glórias da Beleza!

## Renúncia

Renuncia a ti mesmo! Renuncia  
A mundana e efêmera vaidade:  
Que em ti sintas a dúcida piedade  
Que as desgraças alheias alivia.

Do homem, esquece a lúrida maldade,  
Prosseguindo na estrada luzidia.  
E denodadamente engendra e cria  
Teu próprio mundo de felicidade!

Parte o teu coração em mil fragmentos,  
Ofertando-os ao mundo que te odeia,  
Com a bondade mais pródiga e mais pura.

Não olvides em meio dos tormentos:  
— Renunciar em bem da dor alheia,  
É ter no Além castelos de ventura.

## Tudo vaidade

Na Terra a morte é o trágico resumo  
De vanglórias, de orgulhos e de raças;  
Tudo no mundo passa, como passas,  
Entre as aluviões de cinza e fumo.

Todo o sonho carnal vaga sem rumo,  
Só o diamante do espírito sem jaças  
Fica indene de todas as desgraças,  
De que a morte voraz faz seu consumo.

Nesse mundo de lutas fratricidas,  
A vida se alimenta de outras vidas,  
Num contínuo combate pavoroso;

Só a Morte abre a porta das mudanças  
E concretiza as puras esperanças  
Nos países seráficos do gozo!

## Ouvi-me

Ó vós que ides marchando, almas sedentas  
De paz, de amor, de luz, sob as maiores  
Desventuras do mundo, sob as dores  
De misérias, batalhas e tormentas...

Também senti as emoções violentas  
 Que palpitam nos peitos sonhadores,  
 E sustentei, varado de amargores,  
 Surdas batalhas, rudes e incruentas.

Também vivi as lágrimas obscuras,  
 Iguais às vossas, míseras criaturas,  
 Que tombais nos caminhos sem dizê-las!

Exultai, que uma vida eterna e grande,  
 Além da morte, esplêndida se expande  
 No coração sublime das estrelas!...

### **Felizes os que têm Deus**

Entre esse mundo de apodrecimento  
 E a vida de alma livre, de alma pura,  
 Ainda se encontra a imensidade escura  
 Das fronteiras de cinza e esquecimento.

Só o pensador que sofre e anda à procura  
 Da verdade e da luz no sentimento,  
 Pode guardar esse deslumbramento  
 Da Fé — fonte de mística ventura.

Feliz o que tem Deus nessa batalha  
 Da miséria terrena, que estraçalha  
 Todo o anseio de amor ou de bonança!...

Venturoso o que vai por entre as dores  
 Atravessando o oceano de amargores,  
 No bergantim sagrado da Esperança.

### **Glória aos humildes**

Ai da. ambição do mundo, ai da vaidade  
 Que se mergulham sob a, noite escura,  
 Noite de dor que além da sepultura  
 Nos afasta da vida e da verdade.

Só o caminho divino da humildade  
 Pode ofertar a luz radiosa e pura,  
 Que vem salvar a mísera criatura  
 Confundida no abismo da impiedade.

Pobres da Terra, seres infelizes,  
 Cheios de prantos e de cicatrizes,  
 Levantai vosso olhar sereno e forte.

Não maldigais a ulceração da algema,  
E esperai a vitória alta e suprema,  
Que Jesus vos prepara além da morte.

## **Aos trabalhadores do Evangelho**

Há uma falange de trabalhadores,  
Espalhada nas sendas do Infinito,  
Desde as sombras do mundo amargo e aflito  
Aos espaços de eternos resplendores.

É a caravana de batalhadores  
Que, no esforço do amor puro e bendito,  
Rompe algemas de trevas e granito,  
Aliviando os seres sofredores.

Vós que sois, sobre a Terra, os companheiros  
Dessa falange lúcida de obreiros,  
Guardai-lhe a sacrossanta claridade;

Não vos importe o espinho ingrato e acerbo,  
Na palavra e nos atos, sede o Verbo  
De afirmações da Luz e da Verdade.

## 28

**EDMUNDO XAVIER DE BARROS**

Vida - Diante da Terra.

EDMUNDO Xavier de Barros, filho de Pacífico Antônio Xavier de Barros, nascido em 1861, no Estado de Goiás. Desencarnou no Distrito Federal, como capitão da arma de Cavalaria, em 17 de janeiro de 1905. Foi poeta e desenhista notável.

**Vida**

Nem a paz, nem o fim! A vida, a vida apenas  
É tudo que encontrei e é tudo que me espera!  
O ouro, a fama, o prazer e as ilusões terrenas  
São lodo, fumo e cinza ao fundo da cratera.

Esvaiu-se a vaidade!... Os júbilos e as penas,  
A alegria que exalta e a dor que regenera,  
Em cenário diverso aprimorando as cenas,  
Continuam, porém, vibrando noutra esfera.

Morte, desvenda à Terra os planos que descobres,  
Fala de tua luz aos mais vis e aos mais nobres,  
Renova o coração do mundo impenitente!

Dize aos homens sem Deus, nos círculos escuros,  
Que além do gelo atroz que te reveste os muros,  
Há vida... sempre a vida.. a vida eternamente...

**Diante da Terra**

Fugindo embora à paz de eternos dons divinos,  
Sem furtar-se, porém, à luta que aprimora,  
O homem é o semeador dos seus próprios destinos,  
Ave triste da noite, esquivando-se à aurora...

Em derredor da Terra, estrelas cantam hinos,  
Glorificando a luz onde a Verdade mora,  
Mas no plano da carne os impulsos tigrinos  
Fazem a ostentação da miséria que chora!

Necessário vencer nos vórtices medonhos,  
Santificar a dor, as lágrimas e os sonhos,  
Do inferno atravessar o abismo ígneo e fundo,

Para ver a extensão da noite estranha e densa,  
Que os servos da maldade e os filhos da descrença  
Estenderam, sem Deus, sobre a fronte do mundo!...

## 29

**EMÍLIO DE MENEZES**

Eu mesmo - Aos meus amigos da Terra.

POETA brasileiro, nascido em Curitiba, em 1866, e desencarnado no Rio de Janeiro em 1918. Musa vivacíssima e fulgurante, sem deixar de ser profunda, era sobretudo ativamente humorística. Legou-nos Poemas da Morte, 1901, e Poesias, 1909, além de Mortalhas, versos satíricos postumamente colecionados. Distinguiu-se pela altaneza dos temas, quanto pela opulência das rimas.

**Eu mesmo**

Eu mesmo estou a ignorar se posso  
Chamar-me ainda o Emilio de Menezes,  
Procurando tomar o tempo vosso,  
Recitando epigramas descorteses.

Como hei de versejar? Rimas em osso  
São difíceis... contudo, de outras vezes,  
Eu sabia rezar o Padre-Nosso  
E unir meus versos como irmãos siameses.

Como hei de aparecer? O que é impossível  
É ser um santarrão inconcebível,  
Trazendo as luzes do Evangelho às gentes...

Sou o Emilio, distante da garrafa,  
Mas que não se entristece e nem se abafa,  
Longe das anedotas indecentes.

**Aos meus amigos da Terra**

Amigos, tolerai o meu assunto,  
(Sempre vivi do sofrimento alheio)  
Relevai, que as promessas de um defunto  
São coisa inda invulgar no vosso meio.

Apesar do meu cérebro bestunto,  
O elo que nos unia, conservei-o,  
Como a quase saudade do presunto,  
Que nutre um corpo empanturrado e feio.

Espero-vos aqui com as minhas festas,  
Nas quais, porém, o vinho não explode,  
Nem há cheiro de carnes ou cebolas.

Evitai as comidas indigestas,  
Pois na hora do “salva-se quem pode”,

Muita gente nem fica de ceroulas...

## 30 FAGUNDES VARELA

Imortalidade.

ESTE é o sempre laureado cantor do Evangelho nas Selvas, a voz sonora e doce do Cântico do Calvário. Fluminense, desencarnou com 34 anos, em 1875 — depois de uma existência tormentosa.

### Imortalidade

Senhor! Senhor! que os verbos luminosos  
Do amor, da perfeição, da liberdade,  
Inflamem minhas vozes neste instante!  
Que o meu grito bem alto se levante,  
Conduzindo a mensagem benfazeja  
Das esperanças para a Humanidade!  
Senhor! Senhor! que paire sobre o mundo  
A luz do teu poder inigualável,  
Que os lírios te saúdem perfumando  
Os arrebois, as noites, as auroras;

Hinos de amor, que os pássaros te elevem  
Dos seus ninhos de plácida harmonia;  
Que as fontes no seu doce murmúrio  
Te bendigam com terna suavidade;  
Que todo o ser no inundo se descubra  
Perante a tua excelsa majestade,  
Saturado do amor onipotente  
Que promana abundante do teu seio!...  
Senhor! que a minha voz altissonante  
Se propague entre os homens; que a verdade  
Resplandeça na terra da amargura!

Ó Pai! tu que removes o impossível,  
Que transmudas em rosas os espinhos,  
E que espancas a treva dos caminhos  
Com a luz que afirma a tua onipotência,  
Permite que minha alma seja ouvida  
Na vastidão do mundo do desterro;  
Que os meus irmãos da Terra me recebam  
Como o ausente invisível, redivivo!...

Irmãos, eis-me de novo ao vosso lado!  
Venho de esferas lúcidas, riosas,  
Atravessei estradas tenebrosas  
E sendas deslumbrantes e estelíferas,  
Empunhando o saltério da esperança.

Pude transpor abismos de ouro e rosas,



Sendas de sonho e bátratos escuros,  
 Planetas como naus sem palinuros  
 Nos oceanos do éter Infinito!  
 Contemplei Vias-Lácteas assombrosas,  
 Visões de sóis eternos, confundidas  
 Entre estrelas igníferas, distantes;  
 Vastos portentosos, desferindo  
 Harmonias de amor e claridades,  
 E humanidades entre humanidades  
 Povoando o Universo esplendoroso...

Descansei sobre as ilhas de repouso,  
 Em lindos arquipélagos distantes,  
 Habitei os palácios encantados,  
 Em retiros de amor calmo e sereno,  
 Onde o solo é formado de ouro e neve,  
 Onde a treva e onde a noite são apenas  
 Recordações de mundos obscuros!  
 Onde as flores do afeto imperecível  
 Não se emurhecem como sobre a Terra.  
 Lá, nesses orbes lúcidos, divinos,  
 O amor, somente o amor, nutre e dá vida.

Somente o amor é a vibração de tudo!  
 Vi céus por sobre céus inumeráveis,  
 Mundos de dor e mundos de alegria,  
 Em luminosidades e harmonias  
 Aos beijos arcangélicos da luz,  
 Que é mensagem de Deus por toda a parte!  
 E apenas conheci um pormenor,  
 Um detalhe minúsculo, um fragmento  
 Da Criação infinita e resplendente.

Ah! Morte!... A Morte é o anjo luminoso  
 Da liberdade franca, jubilosa,  
 Quando a esperamos tristes e abatidos;  
 Quando nos traz imácua e sublime  
 A chama da esperança dentro dalma,  
 Amando-se da vida os bens mais nobres,  
 Se o mundo abafa em nós toda a alegria,  
 Roubando-nos afetos e consolos,  
 Martirizando o coração dorido  
 Na cruz dos sofrimentos mais austeros.

A morte corrobora as nossas crenças,  
 As nossas esperanças mais profundas,  
 Rompendo o véu que encobre à nossa vista  
 O eterno panorama do Universo,  
 E aponta-nos o céu, a imensidade,  
 Onde as almas ditosas se engrandecem,

Outras almas guiando em labirintos  
Para a luz, para a vida e para o amor!

Que representa a Terra, ante a grandeza  
De tantos sóis e orbes luminosos?  
É somente uma estância pequenina  
Onde a dor e onde a lágrima divina  
Modelam almas para a perfeição;

É apenas um degrau na imensidade,  
Onde se regenera no tormento  
Quem se afasta da Luz e da verdade;  
Ela é somente o exílio temporário,  
Onde se sofre a angústia da distância  
Dos que amamos com alma e com fervor.

Morte! que te abençoem sofredores,  
Que te bendiga o espírito abatido,  
Já que és a terna mão libertadora  
Dos escravos da carne, dos escravos  
Das aflições, das dores, da tortura!  
Bendigo-te por tudo o que me deste:  
Pela beleza da imortalidade,  
Pela visão dos céus resplandecentes,  
Pelos beijos dos seres bem-amados.

Senhor! Senhor! que a minha voz se estenda,  
Como um canto sublime de esperança,  
Sobre a fronte de todos quantos sofrem,  
Ansiando mais luz, mais liberdade  
No orbe da expiação e da impiedade!

## 31

**GUERRA JUNQUEIRO**

O padre João – Caridade – Romaria - Eterna vítima - A um padre - “Um Quadro da Quaresma”.

ABILIO Guerra Junqueiro, poeta português, nascido em 1850 e desencarnado em 1923, é assaz conhecido no Brasil como épico dos maiores da língua portuguesa e admirado por quantos não estimam na Poesia apenas o malabarismo das palavras, mas o fulgor das idéias. Notável, sobretudo, pela sua veia combativa e satírica, vemos, por sua produção de agora, que os anos do além-túmulo não lhe alteraram a sadia e lúcida mentalidade, nas mesmas diretrizes. E esta circunstância é tanto mais notável quando o Romantismo se ufana de uma irreal conversão ín extremis.

**O padre João**

Tombava o dia:  
A luz crepuscular  
Mansamente descia  
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...  
O meigo padre João,  
Um puro coração,  
Qual lírio a vicejar em meio a um pantanal,  
Sonhava ao pé da igreja — um templo envelhecido  
Ao lado de um vergel, esplêndido e florido — Sentindo dentro dalma um frio  
sepulcral.  
O firmamento  
Tingia-se de luz brilhante e harmoniosa,  
A noite era de sonho e névoa luminosa.

Padre João meditava, orando ao Deus de amor:  
Revia em pensamento  
Uma luz singular nas dobras do passado;  
Era um vulto sublime, excelso, imaculado,  
Que fazia descer o amor às multidões,  
Inflamado de fé, desatando os grilhões  
Que prendiam a alma à carne putrescível,  
Uma réstea de sol sobre a noite do Horrível,  
Iluminando o mundo, Iluminando a vida,  
Pensando docemente a pútrida ferida  
Da imperfeição que rói a torva Humanidade,  
Oferecendo amor em flores de bondade,  
Aos pecadores dando amigas esperanças,  
E aumentando nos bons as bem-aventuranças.  
Era o meigo Pastor Irradiando a luz,  
Era o Anjo do Bem, o imáculo Jesus.

O sacerdote, então,  
Comparou, meditando, a fúlgida visão

Com aquele Cristo nu, de pau, inerte e frio,  
 Imóvel dominando o âmbito vazio;  
 Notando a diferença enorme, extraordinária,  
 Daquela igreja fria, a ermida solitária,  
 Da igreja de Jesus,  
 Feita de amor e luz,  
 De paz e de perdão,  
 O farol da verdade ao humano coração.

E viu da sua igreja o erro tão profundo,  
 Dourando os véus da carne e amortalhando o mundo  
 Em trevas persistentes,  
 Por anos inclementes  
 Em séculos sem fim.

Conhecendo no padre o gêmeo de Caim,  
 Afastado da luz, fugindo aos irmãos seus,  
 Fugindo desse modo ao próprio amor de Deus,  
 Padre João meditou nas lutas incessantes  
 Sustentadas na Terra em prol da evolução,  
 E viu no mundo inteiro as ânsias delirantes  
 De trabalho, de amor, de eterna perfeição.

Sentiu seu coração em dores lacerado,  
 E no sonho da luz fulgente do passado,  
 Penetrou soluçando a ermida então deserta.  
 Teve medo e receio, o espírito gelado,  
 Sentiu-se no seu templo um pobre emparedado...  
 E fugindo a correr da porta semi-aberta,  
 Com o coração sangrando em úlceras de dor,  
 Encaminhou-se ao campo, à natureza em flor.

Fitou extasiado a natureza em festa,  
 As árvores, a flor, os mares, a floresta,  
 E como se o animasse uma chama divina,  
 Despiu-se do negrume espesso da batina,  
 E fitando, a chorar, o céu estrelado,  
 Encheu a solidão com as vozes do seu brado:

“Ó Igreja! não tens a idéia que eu sonhava,  
 A luz radiosa e bela, a luz eterna e rara  
 Que nos vem de Jesus;  
 Tua mão não conduz  
 As plagas da verdade  
 Mantendo inutilmente a pobre Humanidade  
 No mal da ignorância, túrbida e falaz,  
 Crestando a fé, roubando a luz, matando a paz.

Torturas a verdade, endeusas a matéria,  
 E transformas o padre em trapo de miséria,  
 Num farrapo de sombra, exótica e execrável,

Num fantasma ambulante em treva interminável!

É um blasfemo quem crê que em teus nichos e altares  
 Guarda-se a essência pura e imácula de Deus;  
 Eu vejo-o, desde a flor às luzes estelares,  
 Na piedade, no amor, na imensidão dos céus!  
 Ó Igreja! o dogma frio é um calabouço escuro,  
 E eu quero abandonar a noite da prisão;  
 Prefiro a liberdade e a vida no futuro,  
 Guiando-me o farol da fúlgida Razão.  
 Desprezo-te, ó torreão de séculos trevosos,  
 Ruínas de maldade estúltica a cair,  
 Eu quero palmilhar caminhos luminosos  
 Que minha alma entrevê na aurora do porvir!”

E o padre emudeceu. Submergido em pranto,  
 Achou mais belo o céu e o seu viver mais santo.

Pairava na amplidão estranho resplendor.  
 A Natureza inteira em lúcida poesia  
 Repousava, feliz, nas preces da harmonial...  
 Era o festim do amor,  
 No firmamento em luz,  
 Que celebrava  
 A grandeza de uma alma que voltava  
 Ao redil de Jesus.

## Caridade

Caía a noite em paz. Crepúsculo. Horas quedas.  
 Horas de solidão. Pelas planícies ledas,  
 A asa ruflando inquieta, os meigos passarinhos  
 Recolhiam-se à pressa, em busca dos seus ninhos!  
 Repousavam, tremendo, os colibris doirados;  
 Pipilavam febris no beiral dos telhados,  
 Reunidas no lar caridoso e terno,  
 Andorinhas gentis, tardígradas do inverno.  
 As árvores senhoris, despidas dos seus galhos,  
 Como braços em cruz, sangrentos nos trabalhos,  
 Elevavam-se ao céu silenciosas, mudas,  
 Sentinelas da dor nas regiões desnudas;  
 Chegavam aos ovis as ovelhinhas mansas;  
 Os risos dos aldeões e as orações das crianças  
 Casavam-se formando, em rimas soberanas,  
 Os poemas de luz, que nascem das choupanas,  
 Canções de oiro e de sol das almas virginais,  
 Exalando, a sorrir, o aroma dos trigais;  
 Almas puras, em flor, relicários da essência  
 Da verdade e do amor, do amor e da Inocência,  
 Almas feitas de luar, de cândida frescura,

Vivendo a vida doce, imaculada e pura,  
 De quem ama a existência plácida da aldeia,  
 Cujo sonho é candura e a vida uma epopéia  
 De louvores à dor, de exaltações, de prantos!...  
 Caía a noite em paz, por entre os negros mantos  
 De espessa escuridão. Sinistramente, a Lua  
 Rolava na amplidão como cabeça nua,  
 Como poça de sangue, horrendamente informe...  
 O silêncio pesava impressionante e enorme!

Nevava quase e a treva espessa e fria,  
 Era bem a visão da mágoa e da invernia;  
 Enchia-se o ar de gelo igual a açoite de aço,  
 Que vibrasse, cortando, a imensidão do espaço.

E eu pedia ao Criador da imensidade etérea,  
 Que estendesse o seu manto aos ombros da miséria,  
 Que agasalhasse o pobre e que desse ao mendigo  
 Um frangalho de pão e um momento de abrigo;  
 Que pusesse suas mãos benévolas e puras  
 Sobre o abismo voraz de tantas amarguras;  
 Que levasse o amor onde faltasse o lar,  
 Onde sobrasse a angústia, onde andasse o penar.

Em mim, sentia a dor dos que não têm carinhos,  
 Que se vão de longada ao longo dos caminhos,  
 Sem temer a hediondez das negras horas mortas,  
 Pedindo a soluçar um caldo negro às portas!  
 E sondava o amargor dos operários rudes,  
 Filhos da obediência, anhos de mansuetudes,  
 Que vão cedo ao trabalho, à lide que os consome,  
 Deixando a casa entregue às penúrias da fome...  
 Pesava toda a dor que o mundo inteiro cobre,  
 O castelo real e a cabana do pobre,  
 A dor que faz da Terra um ninho de infelizes,  
 Que palpita nos reis, que anda nas meretrizes;  
 A dor que dobra e vence as multidões ignaras,  
 Que derruba os casais e come o pão das searas,  
 Quando vi resplender nas bandas do ocidente  
 Uma excelsa visão, que andava mansamente:  
 Tinha nas mãos de luz ramalhetes de lírios  
 E no olhar a expressão de todos os martírios:  
 Digna como um juiz, fulgente como a luz  
 Que dimana do amor divino de Jesus!  
 Seu luminoso olhar, esplêndido e profundo,  
 Era como a piedade iluminando o mundo;  
 Suas faces e a fronte, alvas como alabastros,  
 Pareciam do alvor das estrias dos astros...  
 Emitia esplendor sua túnica de arminhos,  
 Dissolvendo os cendais das trevas dos caminhos!...

Quem és tu? — murmurei.  
 — “Meu nome é Caridade,  
 Emissária de Deus a toda a Humanidade:  
 Pairo por sobre um ser resplandecente e puro,  
 Como pairo a sorrir por cima de um monturo;  
 Desço das vastidões dentro das horas mudas,  
 Deixo Cristo na cruz para encontrar com Judas.  
 Amo os bons e protejo as almas vis e hediondas,  
 Ando por toda a terra, ando por sobre as ondas  
 Do oceano a rugir sob meus pés de névoa,  
 Para levar a luz, e com ansiedade levo-a  
 A quem, nas aflições, chama-me em altos brados  
 No turbilhão de horror de todos os pecados.  
 Para mim, não existe a classe, a seita e as gentes;  
 Abranjo em meu amor a alma dos continentes,  
 Atravesso o oceano e atravesso os países,  
 Vou onde haja a miséria e pranto de infelizes;  
 Sou o farol da legião dos pobres sofredores,  
 Levo sol, pão e luz, balsamizando as dores;  
 Conduzo com avidez o lúcido estandarte  
 Do bem, que ampara a dor e vela os sonhos darte.  
 Amo o labor da ciência e amo a existência honesta  
 Do ingênuo lavrador, que, em vez do sono à sesta,  
 Enche com o seu trabalho as lindas manhãs claras,  
 E quando a tarde chega, engendra a paz das searas.  
 Amo o trabalhador, como adoro as boninas  
 Que se entreabrem na estrada, adornando as campinas;

As rosas festivas das frescas alamedas,  
 Que abarrotam de olor as primaveras ledas.  
 Amo o goivo e o lilás, como amo o luto e a festa,  
 Amo a fera bravia, e as aves da floresta;  
 Guardo comigo a dor, as mágoas e esperanças,  
 Idolatro os senis, como idolatro as crianças.  
 Vivo fora do plano imundo da matéria,  
 Confortando o amargor, consolando a miséria;  
 É por isso, talvez, que, comovida, eu ouço  
 Do palácio o carpir e os ais do calabouço;  
 Visito os hospitais, creches e orfanatos,  
 Sem toques de clarins e sem espalhafatos;  
 Vou ao cárcere escuro, entro nos palacetes,  
 Desço ao antro abismal e ascendo aos minaretes.  
 Estou dentro do templo e dentro dos prostíbulos,  
 Ao pé do altar da fé, no sopé dos patíbulos;  
 Oro em qualquer lugar, nas ermidas, nos montes,  
 Subo da Terra ao Céu. Não conheço horizontes.  
 Não conheço nações, corro do brejo aos sóis,  
 Beijo um cadáver nu, como osculo os heróis.  
 Nunca a lisonja fiz, nem recebo homenagens,

Trato com o mesmo amor os cultos e os selvagens.  
 Jamais pude escolher entre Roma e Paris,  
 Não me regem as leis que regem um país.  
 Minha missão é amar. Amo o templo e amo a escola,  
 Amo o bem que alivia, amo o bem que consola.”

“Caridade! — tornei. — Por que volves ao mundo?  
 O mundo é o mesmo caos, o mesmo charco imundo.  
 A Humanidade é a mesma, alma de fariseus,  
 Que não te quer, nem quer o amor do próprio Deus!  
 O homem não se mudou. E a tola sociedade  
 É o nojento paul da criminalidade,  
 Lodo fenomenal de descrença e malícia.  
 Vai! consulta as prisões e consulta a polícia.  
 Onde puseste a luz, onde fundaste a escola,  
 O homem pôs o missal, as batinas e a estola.  
 Onde foste ensinar cantigas às ceifeiras,  
 O homem fez barrégãs que se vendem nas feiras!  
 Onde andaste a criar a cidade e os impérios,  
 Ele fez podridões de imundos cemitérios;  
 Onde criaste o ideal e a inspiração divina,  
 Fez a bomba explosiva, a força e a guilhotina.  
 A sociedade vil é quase a mesma Impéria,  
 Rindo na podridão, transudando a miséria.  
 Morre o bem, morre o amor, causa nojo a política,  
 Ressumbra asco e pavor a velha sifilítica,  
 Que brada sem cessar: — “Inda grita a canalha?  
 Abra-se-lhe a prisão, jogue-se-lhe a metralha.  
 E se alguém reclamar, há canhões na Alemanha;  
 Se o canhão não chegar, há mosteiros na Espanha,  
 Onde existe o grilhão dentro de escuras celas,  
 Celas que são prisões, cheias de sentinelas.  
 E se o povo chorar, que se açoite esse povo!  
 Alguém, que reclamar, pague um tributo novo.  
 Mate-se a mocidade, asfixie-se a infância,  
 Propague-se impiedade, espalhe-se ignorância,  
 De nada serve o livro a um povo sempre cego.  
 E se a fome vier, ponha-se a honra ao prego.  
 Para que se não veja a ruína e os cemitérios,  
 Se o estrangeiro chegar — Bailes nos ministérios!  
 Músicas sobre a dor, flores sobre os lameiros,  
 Girândolas ao ar, honras aos forasteiros!  
 Cubram sedas a lepra, aromas os fedores,  
 Fogo a quem mendigar! morte a quem tiver dores!..  
 Ao raiar a manhã, toque-se para a missa,  
 Que esta plebe é de cães, que esta plebe é submissa.  
 E esse povo infeliz dorme pelas calçadas,  
 Almoça e ceia o luar, morre sob pauladas —  
 E à podre sociedade é igual a religião,  
 Que encarcera o ideal dentro da Inquisição!



Principalmente Roma, a esta nada escapa,  
 Demonstrando o conflito entre Jesus e o Papa:  
 Jesus amava a luz, o Papa o ouro vil,  
 Jesus amava o pobre, o Papa a Rotschild!  
 Que queres, Caridade? o mundo é sempre assim,  
 Sacrifica um Abel para aceitar Caim!”

- “Antes de tudo, amigo, eu não sei, não discuto;  
 Eu só quero saber onde há miséria e luto.

Raciocina, poeta!

A alma da caridade

Abomina o rumor que alimenta a vaidade;  
 Para o seu labutar, toma vestes singelas;  
 Para fazer o bem, corre o fecho às janelas.  
 Não lê Anacreonte e ignora Petrarcas;  
 Não reconhece a lei que emana dos monarcas.  
 Nunca soube notar, nem sabe discernir  
 Qual deles foi maior, se Goethe ou Shakespeare;  
 Se houve o pincel de Goya e o buril de Bordalo,  
 Se Calígula quis endeusar um cavalo;  
 Se o nome de Mafoma é o mesmo que Maomet,  
 Se houve no tempo antigo uma arca de Noé;  
 Se a Patti cantou bem pelas festas mundanas,  
 Se viveram maus reis, entre más soberanas;  
 Não entende Voltaire, nem más literaturas,  
 Somente lhe interessa a sorte das criaturas.  
 Nunca soube enxergar se há Lutero e Jesuítas,  
 Sabe somente ver as dores infinitas.  
 Não vai a Roma ver o Papa que se cobre  
 De fulgentes milhões para humilhar o pobre.  
 Não vai à Terra Santa em peregrinações,  
 Jamais toma lugar para fazer sermões.  
 Passa no mundo a pé, jamais anda de sege,  
 Nem sabe distinguir entre um pária e Carnegie.  
 Nunca aos concílios foi dar suas opiniões,  
 Nunca reza em latim, nunca fez procissões.  
 Jamais focalizou questões eleitorais,  
 E não vai desfolhar misérias nos jornais.  
 Entra no lupanar, não lhe estorva a política,  
 Não lhe pode abalar a opinião da crítica.  
 Nunca viu povoléus, nem divisa a ralé,  
 Nem problemas sociais, nem dogmas de fé!  
 Rejeita a excomunhão, jamais amaldiçoa,  
 Sabe somente que ama e também que perdoa.  
 Sabe apenas que há pranto ao longo dos caminhos,  
 Que falta o amor e o pão, água e calor nos ninhos.  
 Corre, sem se cansar, desde o nascer da aurora,  
 Para buscar a dor da orfandade que chora.  
 Reconhece na, treva a fonte dos pecados  
 E abraça com carinho os grandes torturados.

Sabe onde falta sol, onde escassa é a saúde,  
 Onde se mete a flor excelsa da, virtude.  
 Olha sem se anoiar, mágoas, misérias, dor,  
 Não conhece opinião, segue a Nosso Senhor!  
 Anda no Novo Mundo, corre por toda a Europa,  
 Mendigando uma luz e um bocado de sopa,  
 Luz para desfazer a baixeza de instintos,  
 Sopa para matar a fome dos famintos.  
 Foge da discussão, não está nas pelejas,  
 Nem no ambiente hostil e estreito das igrejas.  
 Sabe amar e querer flores e passarinhos,  
 Os mendigos e os reis, os palácios e os ninhos!  
 Tem abnegação. Sabe rasgar o peito,  
 E escrever com seu sangue a Justiça e o Direito!  
 Sabe o amor. Sabe o bem. A alma da, caridade  
 Sabe endeusar a luz e adorar a verdade.  
 Vai a todo lugar, recôndito e diverso.  
 Não existe num mundo. Existe no Universo.

Poeta amigo, adeus! Há muito que me espera  
 A imensidão da dor. Procuro a pomba e a fera.  
 Tenho muito a prestar às ovelhas transviadas,  
 Que ouvem as tentações do beiral das estradas.  
 É preciso que eu vá visitar os covis,  
 Amparar o chacal, as aves e os reptis;  
 Necessário é que eu siga em minhas romarias,  
 Procurando os pardais, melros e cotovias.  
 Vou subir a colinas e descer aos valados,  
 Caçando o pranto e a dor dos pobres desgraçados.  
 Chama-me o sol redor, chama-me a orfandade,  
 Necessário é lhes leve a vida e a liberdade.  
 Se tua alma quiser inda encontrar-me um dia,  
 Desce ao antro sem paz, donde foge a alegria;  
 Vai sem medo e receio à lôbrega mansarda,  
 Onde tarda a saúde e onde o conforto tarda.  
 Vai às roças louçãs nas alvoradas claras...  
 Estou com o lavrador na tarefa das searas,

Como do seu farnel, tomo o arado e a charrua,  
 Lá me ponho a lidar e de lá volto à rua,  
 Para guiar os maus, para guiar felizes;  
 Minha missão é amar os vermos e os países!..."

Muito tempo passara e a noite inda era escura.  
 Noite de neve atroz, noite de desventura!  
 Foi-se a linda visão, dissipando as neblinas,  
 Repartindo o seu pão de carícias divinas.

Tudo voltou à paz silenciosa e calma!...  
 O inverno e o pesar; e aos olhos da minhalma,

O mundo famulento, a Terra, parecia  
O planeta da sombra e a mansão da agonia!

## Romaria

(Passeio matinal)

(Fim da poesia inserta em Poesias Dispersas.)

Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,  
Calcular a extensão de tantas amarguras,  
Existências em flor, fustigadas de pranto,  
Lírios no lamaçal das grandes desventuras...

Almas na escuridão da noite sem aurora,  
Corpos de podridão, urnas de lama e pus,  
Anjos açucenais que a miséria devora,  
Pobrezitos sem pão, esqueléticos e nus.

No entanto, há aroma e luz na beira dos caminhos,  
Cantos de rouxinóis, árvores, fruto e flor,  
Harmonias sutis, que se evolvem dos ninhos  
Dourados pelo sol da alvorada do amor!

Mocidade no abril resplandecente e loiro  
De noivado e canção das almas virginais;  
Entoando a sorrir mil ditirambos de ouro,  
Como as aves graciosas em vôos nos trigais.

A alegria tãfol das manhãs harmoniosas  
Em que maio desfolha os cravos e os jasmims,  
Espargindo dos céus as glicínias formosas,  
Na esmeraldina cor do colo dos jardins!

E Deus que fez o Sol e a candura das crianças,  
Fez também o soluço e a lágrima dorida,  
E se fez a bondade envolta de esperanças,  
Criou a dor clareando a escuridão da vida.

Há risos e esplendor e há prantos, filhas minhas,  
Porque o pranto é que lava as manchas e os negrumes  
De almas torvas e vis, misérrimas, mesquinhas,  
Transformando-as em luz e em vasos de perfumes!...

A lágrima da dor é estrela que transluz,  
Um coração que sofre é chama que se eleva  
Da túrbida hediondez dos pantanais da treva,  
As regiões da glória intérmina da luz.

Sobre o escuro, porém, das lepras mal cheirosas,  
Paira o clarão do amor, edênico e sem par,  
Que liga o verme ao mar, que une a pomba às rosas,

Que o grão de areia une ao roble secular.

O amor que fraterniza, o amor que dá saúde,  
Que irmana a fera e a rosa, as aves e os chacais,  
Que faz da Caridade a flama da Virtude,  
Que sublime conduz aos planos celestiais.

Filhas que Deus me deu, vinde alegres, comigo,  
Vinde comigo ver a dor dos desgraçados  
Que chorando se vão, sem pátria e sem abrigo,  
Cheios de sânie e pus, com os corpos cancerados.

Aproveitemos, pois, esta hora calma e mansa,  
Em que há músicas no ar e olores nas estradas,  
Hora em que a Terra acorda em haustos de esperança,  
Ébria de aroma e luz das flores orvalhadas.

Saúdam o alvorecer as vozes das ovelhas,  
Perpassam colibris, chilreia a passarada,  
Zumbem sofregamente as trêfegas abelhas,  
Compondo o hino de sol de esplêndida alvorada!

Partamos nós, também, por este mundo afora,  
Nutrindo o coração na fonte da esperança,  
Dando consolo à dor, à treva a luz da aurora,  
A paz à guerra e à luta os lírios da bonança.

Conduzamos conosco a luz da Caridade,  
Oferecendo o Bem aos pobres pequeninos,  
Ofertando com amor a toda a Humanidade  
Esse pão divinal que é dos trigais divinos.

Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,  
Tenhamos a nossalma em delubros de luz,  
E acharemos no fim da romaria imensa,  
O sol primaveril da graça de Jesus!

## **Eterna vítima**

Na silenciosa paz do cimo do Calvário  
Ainda se vê na cruz o Cristo solitário.

Vinte séculos de dor, de pranto e de agonia,  
Represam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da colina  
Sofre infindo martírio a vítima divina;

Açoitado, traído e calmo, silencioso,  
Da Terra ao Céu espraia o seu olhar piedoso.

Dois mil anos de dor, e os seus cruéis algozes  
Passaram sem cessar como chacais ferozes.

Caravanas de reis nos tronos passageiros,  
Exaltados na voz das trompas dos guerreiros;

Os lendários heróis no dorso dos corcéis,  
Inscrevendo com fogo as máximas das leis.

Cavalheiros gentis, valentes brasonados,  
Nobres de sangue azul nos seus mantos dourados.

Viram-no seminu, na cruz, ensangüentado,  
E puseram-se a rir do louco supliciado!

O Cristo continuou, humilde e silencioso,  
Espreado na Terra o seu olhar piedoso.

Sábios do tempo antigo abrindo os livros santos  
Olharam-no também, partindo como tantos.

Artistas e histriões, poetas e trovadores,  
Castelãs juvenis, turbas de gosadores

Inda vieram; depois, aqueles que em seu nome  
Espalharam a treva, o pranto, a guerra e a fome.

Desolação e horror, mataram-se os irmãos,  
Lobos, tigres, chacais, na capa dos cristãos.

Contemplaram Jesus no cume da colina,  
Multiplicando a guerra, as lutas e a chacina.

O Mestre prosseguiu, sublime e silencioso,  
Espreado na Terra o seu olhar piedoso.

E na época atual a caravana estranha  
Estaca no sopé da árida montanha;

Mas os soberbos reis e césaes antigos,  
Hoje mais nada são que míseros mendigos;

Os nobres doutro tempo, agora transformados  
Nos párias do amargor, nos grandes desgraçados,

Agora vêm, sim, no topo do Calvário,  
O sacrifício e a dor do eterno visionário,

Bradando com furor: — “Socorre-nos Jesus!

Que possamos vencer a dor em nossa cruz.

Sorvendo o amaro fel nas dores da aflição,  
Temos fome de paz e sede de perdão!”

E o Mestre da bondade, o anjo da virtude,  
Estende o seu perdão cheio de mansuetude.

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,  
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

## **A um padre**

(Versos a um agressor do Espiritismo)

Ó padre lutador, procurai santamente  
Apregoar ao mundo herético e descrente  
Os dogmas ancestrais da vossa velha Igreja!

A árvore do progresso, esplêndida, viceja.  
A Ciência caminha a passos de gigante  
Para se unir à Fé, operosa e triunfante.  
É preciso instalar a Inquisição de novo,  
Contendo a aspiração indômita do povo,  
De saber a verdade acerca do Destino.

Proclamai, proclamai o dogma divino!  
Fazei bulas, torcei as leis, trazei Loiolas,  
Ensinai catecismo em todas as escolas;  
Ponde sobre a esperança o inferno que flameja,  
Cheio de excomunhões e de mastins da Igreja!  
Ensinai que Deus é o bramânico satrapa  
Que enviou para o mundo os bergantins do papa,  
Afirmar que um sacrista é um ministro do Eterno.  
Comei Jesus no pão refogado em falerno;  
Formai sob a batina as gerações vindoiras,  
Tomai em vossas mãos das crísticas tesoiras,  
Cortai a asa de luz de toda liberdade,  
Afogai na descrença a pobre Humanidade,  
Multiplicai no mundo as vossas benzeduras,  
Multiplicai na Igreja os ritos e as tonsuras!

Teologicamente, anatematizai  
Todo aquele que em Deus sentir o amor de um Pai,  
Ponde em cada recanto um novo Torquemada,  
E um trapo de batina ao pé de cada estrada;  
Fazei autos-de-fé, pregai probabilismos  
Dentro das liações e dos anacronismos,  
Endeusai sobre o trono a fortuna dos Cresos,  
Esquecei sobre a lama os pobres indefesos.

Transformai todo templo em balcão de bentinhos,  
 Com representações em todos os caminhos;  
 Interpretai Jesus no prisma do interesse,  
 Traficai com o altar, vendei o ensino e a prece,  
 Anatematizai todas as heresias;  
 Aprovai, aplaudi as grandes simonias,  
 Porque, em verdade, são como crimes sagrados  
 E a estola de um sacrista é isenta de pecados.

Incensai Harpagões, absolvei magnatas,  
 Entre encomendações, discursos, sermonatas;  
 Lembrai a Inquisição e a história do papado,  
 Retende na memória os erros do passado.

Lede com desassombro o intrépido Barônio,  
 Sem o medo pueril do inferno e do demônio,  
 E vinde proclamar ao mundo fariseu  
 Que somente na Igreja há sendas para o Céu;  
 Só a Igreja possui a santa autoridade,  
 Dentro das presunções da infalibilidade.

Sobre o luxo gritai no púlpito florido,  
 Gritai que o mundo está perverso e corrompido.  
 Escrevei com furor contra as guerras tigrinas,  
 A abençoar fuzis, metralhas, carabinas,  
 A discórdia infundi! Nutri regionalismos,  
 Incentivai com ardor os rubros fanatismos.

Se puderdes, irmão, arma! nova fogueira  
 A quem asseverar que o Papado é uma feira  
 Onde Deus é um cifrão e onde se negocia  
 A bênção de Jesus, e a bênção de Maria;  
 Onde a verdade está sob as cavilações  
 Dos círculos hostis de torpes convenções!  
 Praticai e afirmai ainda mais do que isto.  
 Tendes a autoridade e a mansidão do Cristo...

Mas, ouvi minha voz impávida e serena!...  
 Fazendo-vos ouvir, tomando a vossa pena,  
 Jamais vos esqueçais de que a verdade é de ouro.  
 Afastarmo-nos dela. é andar no sorvedouro  
 Da calúnia que fere o coração mais rude,  
 Da mentira que, enfim, não alcança a virtude,  
 Que traz, porém, consigo o vírus que envenena!

Quem perpetra a inverdade a si mesmo condena.

A luta da verdade, a luta das idéias,  
 É feita nos clarões das grandes epopéias,  
 Abrindo o coração ao nobre sacrifício;

Cada gesto leal é sublime interstício  
 Por onde a Luz penetra em jorros cristalinos,  
 Clareando o porvir ignoto dos destinos.

Criar uma ficção e excomungar de oitiva,  
 É próprio das paixões e próprio da inventiva.  
 Nunca vos entregueis a tanto despautério,  
 Jamais enxovalheis o vosso ministério.

Acostumai-vos, pois, ao sol que tudo aclara;  
 Deixai a insensatez dos clérigos, da tiara,  
 Abandonai a treva e vinde para a luz!  
 Aprendei muito mais do exemplo de Jesus.

Olvidai convenções, congregações, papado,  
 Que a Verdade jamais se vende no mercado.

### **“Um Quadro da Quaresma”**

Entre lamentações e estrídulas matracas,  
 Num cenário infantil, feito de gesso e lacas,  
 Representa-se a peça antiga da quaresma...

O pobre Senhor-Morto, um pálido abantesma,  
 Talhado de encomenda, em tinta espessa e forte,  
 Dorme grotescamente o sono dessa morte  
 De teatro burlesco, anual, que se repete,  
 Como as grandes funções do entrudo e do confete.

Imóvel, sob a luz esdrúxula das tochas  
 Que ilumina esse caos de tintas rubro-roxas,  
 É o ator da paixão, a vítima e comparsa  
 Do Papa, o explorador santíssimo da farsa,  
 Paródia de uma dor sublime e incomparável,  
 Filha da estupidez bisonha e condenável,  
 Que a Igreja representa, arrecadando esmolas,  
 Com latim, cantochãos, bandeiras e sacolas.

A função quaresmal prossegue. A multidão  
 Espera com ansiedade o clássico sermão.  
 Numa fantasmagoria esplêndida de aroma  
 Dos Incensos do altar, sobre o púlpito assoma  
 Uma figura heril de abade gordo e enorme,  
 Coquelín tonsurado, obeso, desconforme,  
 Que grita com estentor:

“Caríssimos Irmãos!  
 Nós somos sobre a Terra os únicos cristãos.  
 Fora das concepções altíssimas da Igreja,  
 Existe tão-somente o Inferno que despeja



O mal e as tentações no espírito perdido;  
 Rezai! que atualmente o mundo pervertido  
 Pretende esfacelar os dogmas romanos,  
 Sentinelas da fé, há quase dois mil anos!  
 Não busqueis progredir nas coisas transcendentas,  
 Porque o Papa é senhor de céus e continentes  
 E o Sílabus proíbe a evolução de tudo!

Eu só vos peço a fé, porquanto a fé é o escudo  
 Que vos há de livrar dos gênios tentadores.  
 Evitai conviver com os livres pensadores!  
 A análise conduz à escuridão do Averno,  
 Voltaire e Galileu são ministros do Inferno,  
 Calvino, Comte, Wesley, seus embaixadores;  
 Das chamas infernais, criaturas inferiores  
 Dirigem, certamente, o espírito moderno.

Precisais cultivar o nosso dogma eterno,  
 De eterna submissão ao Papa que é infalível.  
 Toda ordem de Roma é boa e indiscutível.  
 É preciso antepor, a toda a Humanidade,  
 Sentimentos de fé e catolicidade.

Necessário se faz prender quem raciocine.  
 Reformistas quaisquer?... Satanás que os fulmine  
 A falta de fervor tem feito heresiarcas,  
 Tem até corrompido os padres e os monarcas.  
 Obedecei à Igreja em sua Santidade,  
 Que é o traço de união do arcano da Trindade.

O dogma é uma lei benigna e sublime,  
 Sofismá-lo, enformá-lo, é cometer um crime.

A Humanidade está sob o império do demo;  
 Oremos pelo mundo em desconforto extremo.

Vivei, caros irmãos, em santa penitência;  
 As mortificações recebem da indulgência  
 Os prêmios celestiais na Eterna Beatitude.  
 Sede firmes na fé, contentes na virtude,  
 Amando a caridade, a humilde singeleza,  
 Como Jesus amou a glória da pobreza!"

Condenando a Ciência, a Luz, a Liberdade,  
 E abominando o Cristo, o Senhor que ele esquece,  
 Terminou a oração, rogando que se desse  
 Uma estola ao Progresso e um véu à Humanidade.

Com um aceno abençoou, segundo o gesto em uso,  
 Resmungando um latim exótico e confuso;

E depois de exercer seu santo ministério,  
Procurou lestageiramente o calmo presbitério.  
Aguardava-o o jantar de finas iguarias:  
Pratos de ostentação, recheios, ambrosias,  
Licores, moscatéis, confeitos, doces raros,  
Opíparo jantar regado a vinhos caros.

E após se abastecer pantagruelicamente,  
Em paz sacramental, seu cérebro indolente  
Desejou meditar nas cenas do Calvário...  
Mas o sono roubou-lhe as preces e o breviário.  
Terminada que foi a sacra pantomima,  
Esquecido Jesus, olvidou-lhe a doutrina.

Sereno, adormeceu sem pensar que pusera  
Em cada coração um coração de fera,  
Com o seu rubro sermão, cavando um negro abismo,  
Propagando a cegueira, a guerra e o fanatismo.

Olvidou o que Jesus obrara com o exemplo,  
Dos atos a lição, da caridade o templo,  
Sem artigos de fé, sem bispo e vaticano.  
Não se lembrou que houvera o bom samaritano,  
Porque a verdade pura, o lídimo Evangelho,  
Era um livro escurril, inadequado e velho.

Da doutrina cristã, a sacrossanta essência  
Ficou em pregação de mágica eloquência.  
Jesus apenas fora a máscara piedosa,  
Para tanta extorsão impune e criminosa.

Por isso, ó meus irmãos do altar e da batina,  
A Igreja que foi pura e que já foi divina,  
Morre sem remissão de horrível carcinoma,  
Nos pântanos letais e lúgubres de Roma,  
Lá onde a cupidez fatídica se entrapa  
E morre às próprias mãos sacrílegas do Papa!

32

**GUSTAVO TEIXEIRA**

A São Pedro de Piracicaba.

PAULISTA, nascido na cidade de São Pedro, em março de 1881. Escreveu Ementário, Poemas Líricos, Último Evangelho e outras obras assaz estimadas, falecendo em 1937.

**A São Pedro de Piracicaba**

Último instante, derradeira imagem  
Nas procissões da sombra em longas filas...  
Era a morte, cerrando-me as pupilas  
No doloroso termo da romagem.

Graças a Deus, a crença era meu pajem  
E buscando-lhe, ansioso, as mãos tranqüilas,  
Chorei de gratidão ao pressenti-las,  
Conduzindo-me à luz doutra paisagem.

Ó terra de São Pedro, que amo tanto,  
Com que angústias te vi, banhado em pranto,  
Nos supremos e tristes estertores!...

Trabalha e espera sob os céus risonhos,  
Que a morte é vida para os nossos sonhos,  
E paraíso para as nossas dores.

## 33

**HERMES FONTES**

Soneto - Minha vida - Poema da amargura e da esperança.

SERGIPANO, nasceu na Vila de Boquim, em 1888, e suicidou-se no Rio de Janeiro aos 26 de dezembro de 1930. Poeta de grande relevo emocional, deixou firmada sua personalidade literária, tendo publicado Apoteoses, Gênese, Lâmpada Velada e Fonte da Mata, seu último livro.

**Soneto**

Sou, o lavrador que fez, rude e bisonho,  
A sementeira luminosa e rara  
Do trigo louro e rútilo do sonho...  
— Sonho lindo que a nada se compara.

Não reparou o labor triste e enfadonho,  
Regou, chorando, a terra que lavrara;  
E de alma ingênua e coração risonho,  
Esperou confiante o sol da seara.

Passados os trabalhos e os tormentos,  
Quando aguardava a messe, jubiloso,  
Numa grande esperança insatisfeita,

Eis que aparecem os arrasamentos,  
E o pobre, desgraçado e desditoso,  
Perdeu tudo no instante da colheita.

**Minha vida**

Não pude compreender o meu destino  
Na amargura invencível do passado,  
Que amortalhou meu sonho peregrino  
Nas trevas de um martírio irrevelado.

Do sofrimento fiz o apostolado,  
Como fizera de minha arte um hino,  
Procurando o país indevassado  
Do ideal luminoso de Aladino.

E fui de vale em vale, serra em serra,  
Buscando a imagem fúlgida, incorpórea,  
Do que chamamos — a felicidade.

Mas só colhi os frutos maus da Terra,  
As promessas pueris da falsa glória,  
E o triste engano da celebridade.

## Poema da amargura e da esperança

Falar-vos de martírios e tormentos,  
 É perpetrar amargas redundâncias,  
 Redizer minhas mágoas, minhas ânsias,  
 Renovar minhas síncopes de dor...  
 Não sorvo mais os tóxicos violentos  
 Do desespero e da melancolia,  
 Após a derrocada  
 Das construções de um sonho superior.

Tudo outrora, Senhor,  
 Na minha pobre vida abandonada,  
 Era o tédio cruel que me impedia  
 De vislumbrar a claridade intensa  
 Da luz do sol puríssimo da crença,  
 Tudo em volta de mim era a cegueira.  
 Que torturou a minha vida inteira,  
 Que me seguiu o espírito ambicioso!

A carne é pobre e é cheia de fraqueza,  
 Simbolizando o ciclo tenebroso  
 Das sínteses de dor da Natureza.  
 E a carne subjugou-me inteiramente,  
 Fez-me fraco e descrente,  
 E transformou a minha mocidade  
 Num montão de ambições, de fama e glória,  
 Adormeceu-me aos cantos da vaidade  
 E me afastou da estrada meritória  
 Da crença e da bondade...

Misericordiosíssimo Senhor!  
 De tortura em tortura amargurado,  
 O meu frágil espírito inferior  
 Viu-se presa de trevas, no passado,  
 E a desgraça suprema o amortalhou.

Tudo sofri, de dor e de miséria,  
 Mas a tua bondade me levou  
 A esquecer a influência deletéria  
 Da carne passageira...  
 Rompeste a minha venda de cegueira  
 E divisei o excelso panorama  
 Do Universo infinito, que Te aclama  
 Como a fonte do amor ilimitado!

Relevaste, meu Deus, o meu pecado  
 E pude ouvir as harmonias puras  
 Que equilibram os mundos nas alturas!...

Cheio de amari-dúlcida ansiedade,  
A esperança o espírito me invade  
Aguardando das lágrimas futuras  
A minha redenção...

Que a confiança, pois, em Ti me anime,  
Que no porvir a dor bela e sublime  
Jorre em minhalma a luz da perfeição.

## 34 IGNÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Redivivo.

IGNÁCIO José de Alvarenga Peixoto, um dos malogrados poetas da “Conjuração Mineira”, ao qual foi imposta a pena de degredo perpétuo na África, onde veio a falecer em 1793, “minado pela nostalgia”.

### Redivivo

Divina lira,  
Musa que inspira  
Meu coração  
A lembrar...  
Celebra, amena,  
A vida plena,  
A paz sublime,  
A luz sem par.

Volta, de novo  
Ao grande povo  
Que não me canso  
De estremecer;  
Revela, ainda,  
A Pátria linda  
Que faz vibrar  
Todo o meu ser.

Exalça agora  
A nova aurora  
Que brilha cheia  
De amor cristão.  
O mundo em prova  
Que se renova  
Espera o dia  
De redenção.

Une-te ao canto  
Formoso e santo  
Que flui soberbo,  
Sepulcro além...  
Lira divina,  
Louva a doutrina  
Da liberdade  
No eterno bem.

Dize a grandeza  
Da glória acesa  
Na vida excelsa  
Que a dor produz,  
Proclama à Terra  
Que além da guerra

E além da noite  
Floresce a luz.

Não mais procures,  
Chorando alhures,  
Enfraquecer-te  
Nas lutas mil.  
Canta somente,  
Ditosa e crente,  
A nova era  
Do meu Brasil.



## 35 JESUS GONÇALVES

Anjo de redenção.

JESUS Gonçalves nasceu em 12 de julho de 1902, na cidade de Borebi, Estado de São Paulo. Surgindo-lhe os sintomas do Mal de Hansen, em 1930, internou-se num hospital, daí se transferindo para o Asilo Colônia de Pirapitingui, onde desencarnou, em 16 de fevereiro de 1947, e onde dirigia um Centro Espírita.

### Anjo de redenção

Do Céu desceste resplendente e puro  
E no santo mistério em que te apagas  
Vestiste-me o burel de sânie e chagas  
E algemaste-me a lenho estranho e duro.

Nume solar pairando no monturo,  
Terno, escondendo as flores com que afagas,  
Ouviste-me, em silêncio, o choro e as pragas,  
Doce e invisível no caminho escuro!...

Mas, da cruz de feridas que me deste,  
Libertaste meu ser à Luz Celeste,  
Onde, sublime e fúlgido, flamejas!

E agora brado, enfim, de alma robusta:  
— Deus te abençoe, ó Dor piedosa e justa,  
Anjo da redenção! bendito sejas!...

## 36 JOÃO DE DEUS

As lágrimas - O Céu – Morrer - O mau discípulo – Na estrada de Damasco -  
Parnaso de Além-Túmulo - Angústia materna - Lamentos do órfão - O leproso –  
Bondade – Oração - A Fortuna – Oração – Além – Soneto - A Prece –  
Fraternidade – Lembrai a chama - Eterna mensagem - No Templo da  
Educação - Na noite de Natal.

NASCIDO em São Bartolomeu de Messines, Portugal, em 1830, e desencarnado em 1896, afirmou-se um dos maiores líricos da língua portuguesa. É tão bem conhecido no Brasil quanto em seu belo país. Nestas poesias palpita, de modo inconfundível, a suavidade e o ritmo da sua lira.

### As lágrimas

Desci um dia  
Ao sorvedouro  
Da atra agonia  
Da Humanidade,  
A procurar,  
A perscrutar  
Qual a verdade,  
Qual o tesouro  
O mais profundo,  
Que neste mundo  
O homem prendesse  
E o retivesse.

E vi, então,  
No coração  
Da criatura,  
Só a ilusão  
Duma ventura.

E vi senhores  
Que dominavam  
E se orgulhavam  
Do seu poder,  
Sempre a abater  
Os desgraçados.  
Os potentados  
Com seus valores  
Bem se julgavam  
Onipotentes,  
Heróis valentes  
Cá nesta vida...  
Depois, porém,  
Reconheceram  
E viram bem

Nesta existência  
Toda a impotência  
Do deus-milhão,  
Perante a mão  
Da fria dor,  
Que lhes domava  
E lhes dobrava  
O torpe egoísmo.

Busquei os lares,  
Ricos solares  
Dos protegidos,  
Onde o conforto  
Para a matéria  
Anda em contraste  
Com atroz miséria  
Dos desvalidos.  
E ainda aí  
Não pude achar  
O que eu ali  
Fui procurar.

Eu vi mulheres  
Nos seus prazeres,  
Jovens e belas,  
Alvas estrelas  
De formosura,

Rindo e cantando  
Dentro da noite  
Da desventura.  
Pobres donzelas,  
Fanadas flores...  
Luz sem fulgores,  
Que, miseráveis  
Párias da vida,  
Deixam o teto  
Do seu afeto  
Maior, supremo,  
Insuperável.  
Somente encontram  
Dores que afrontam,  
Mágoa insanável,  
Incompreendida!

E penetrei  
Pelos castelos  
Dourados, belos,  
Das diversões,  
Onde se aninha

E se amesquinha  
A multidão  
Que busca rir,  
Gozar, sorrir,  
A ver se esquece  
O que padece,  
Julgando crer  
Que está a ver  
O paraíso.  
Mas este riso,  
Ao som da festa,  
À meia luz,  
É o que produz  
Todo o amargor,

A maior dor,  
Pois eu ali  
Tristonho vi  
O que em verdade  
É a sociedade;  
Só pensamentos  
Das impurezas,  
Só sentimentos  
Que trazem presas,  
Aniquiladas,  
E esmagadas,  
Ensandecidas  
As criaturas  
Outrora puras,  
Belas outrora,  
No entanto agora  
Flores perdidas,  
Almas impuras,  
Desiludidas!

Nesse recinto  
Eu vi, então,  
A traição,  
A iniquidade,  
A grosseria,  
Toda a maldade  
Da hipocrisia;  
E tudo, enfim,  
Tristonho assim,  
Dissimulado,  
Falsificado  
No fingimento  
Que aparecia  
No barulhento  
Rumor de vozes,

Notas atroses,  
De uma alegria

Jamais sentida,  
Desconhecida  
Naquele meio.

Eu contemplei-o  
Cheio de horror  
E vi que as flores,  
As pedrarias  
Tão luminosas,  
Eram sombrias,  
Eram trevosas,  
Pois só cobriam  
Miseros trapos,  
Pobres farrapos  
De almas perjuras  
Ao seu Criador,  
Fracas criaturas  
Baldas de amor.  
E, condoído,  
Desiludido,  
Desanimado,  
Num forte brado  
Disse ao Senhor:

“Onipotente  
Pai de Bondade,  
Oh tem piedade  
Dos filhos teus  
Que choram, gemem,  
Pálidos tremem  
Ó Senhor Deus!  
Faze que a luz  
Do bom Jesus  
Penetre a alma  
Na Terra aflita,  
Dando-lhe a calma  
Que necessita.  
Só conheci  
E encontrei,  
Só contemplei  
O mal que vi.”

Mas uma vos  
Do azul do Céu,  
Pronta e veloz,  
Me respondeu:

“Filho bendito  
Do meu amor,  
Sou teu Senhor,  
E no Infinito  
Tudo o que fiz,  
Nada se perde,  
Assim tornando  
O ser feliz.  
Contempla, ainda,  
A Terra linda  
E então verás,  
Donde provém  
A grande paz,  
O sumo bem.  
O grão tesouro,  
Mais fino ouro  
Dos filhos meus,  
Está na luta,  
Nos prantos seus,  
Que lhes transforma  
A alma poluta  
Num ser radioso,  
Astro formoso  
De pura luz!”

Eu ajoelhei  
E Contemplei  
As multidões  
Atropeladas,  
Desenganadas  
Nas perdições.  
Vi transformadas  
Todas as cenas;  
Em todos os seres,  
Homens, mulheres,  
Jovens, crianças,  
Nas grandes penas,  
Nas esperanças,  
Por entre a luz,  
Por entre flores,  
Brotar a flux  
No coração  
De cada ser,  
Em profusão,  
Gotas pequenas  
Como as brilhantes  
Luzes serenas  
Das madrugadas  
Primaveris.

Reconheci  
Que por aí  
Na escura Terra  
Onde eu amei,  
Sorri, chorei,  
Onde sofri  
E onde eu vi  
A dura guerra,  
A amarga dor,  
Lágrimas belas,  
Gotas singelas,

Meigas, serenas,  
Eram açucenas  
De fino olor  
Do espaço azul!

Depois, eu vi  
Que os que as vertiam  
Por este mundo,  
Vale profundo  
De mágoa e dor,  
Quando voltavam  
Do seu exílio,  
Eram saudados  
Por mensageiros  
De amor e luz  
Do bom Jesus,  
Que os coroavam  
Com gemas finas,  
Jóias divinas  
Do escrínio santo,  
Primor de encanto  
Do amor de Deus.  
Fui então vendo,  
Reconhecendo  
Que aqui nos Céus,  
Lágrimas lindas  
São transformadas,  
Remodeladas  
Para formarem  
Belo diadema  
E aureolarem

Os que as verteram  
Aí na Terra.

E vi, então,  
Em profusão,  
Gemas brilhantes,

Alvinitentes,  
 Ricas, fulgentes  
 E deslumbrantes,  
 Que nem Ofir  
 Pôde possuir.

Sejam benditas,  
 As pequenitas  
 Gotas de pranto,  
 Orvalho santo  
 Do amor divino  
 Que dá ventura,  
 Tranqüilidade,  
 Felicidade  
 Ao peregrino.  
 Bendito o Pai,  
 O Nosso Deus  
 Que abranda o ai  
 Dos filhos seus;  
 Que a alegria  
 E a paz envia  
 À Humanidade  
 Tão sofredora,  
 Com a lágrima bela,  
 Luzente estrela  
 Consoladora!

## O Céu

Pátria ditosa e linda, e onde o mal  
 Desaparece ao meigo olhar do Amor,  
 Que entre os seres do Além é sempre igual,  
 No mesmo anseio santo e superior!

Lá não se vê traição e cada qual  
 Urde alí sua auréola de esplendor,  
 Doce Mansão de Paz, imaterial,  
 Onde impera a bondade do Senhor!

Porto de Salvação para quem crê  
 Nessa Praia do Azul, que se antevê,  
 Pelo poder da Fé, na provação;

País dos Céus, aonde o pecador,  
 Depois de bem sofrer aí a dor,  
 Vai ali encontrar Consolação.

## Morrer

Não mais a dor intensa e desmedida



No momento angustioso de morrer,  
 Nem o pranto pungente por se ver  
 Um ser amado em horas da partida!...

A morte é um sono doce; basta crer  
 Na Paz do Céu, na Terra apetecida,  
 Para se achar o Amor, a Luz e a Vida,  
 Onde há trégua à tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço  
 Além, Onde brilha a Verdade e onde o Bem  
 É o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pulcritude  
 Onde os bons, que adoraram a Virtude,  
 Gozam do afeto extremo de Jesus.

## O mau discípulo

Era uma alma  
 Formosa e bela:  
 Fúlgida estrela  
 De puro alvor,  
 Que habitava  
 Qual uma flor  
 O espaço infindo,  
 Imenso e lindo,  
 Nessas regiões  
 Onde há mansões  
 Purificadas,  
 Iluminadas  
 Do Criador.

Porém, um dia,  
 Disse Jesus  
 A quem vivia  
 Em meio à luz:

“Filho querido,  
 Estremecido,  
 Dos meus afetos!  
 Tu necessitas  
 Buscar a Vida  
 Em meio às vagas  
 Das provações!  
 Dentro das lutas,  
 Tredas disputas  
 Do Bem, do Mal,  
 É que verei  
 Se o que ensinei

Ao teu valor,  
Aproveitaste  
E assimilaste  
Em benefício  
Da lei do amor,  
Do sacrifício!...  
Tens a fraqueza  
Da imperfeição  
Aqui, porém,  
Já te mostrei  
A lei do amor,  
Luz do Senhor —  
O sumo bem.

Tu lutarás,  
Mas vencerás  
Se bem souberes  
Te conduzir  
Nesses caminhos  
Entre prazeres,  
Risos e flores,  
Por entre espinhos,  
Mágoas e dores...  
E se aprenderes  
Saber viver,  
Sorrir, sofrer,  
Conquistarás  
A grande paz,  
A grande luz  
Que eu, teu Jesus,  
Reservarei  
E hei de guardar  
Para a tua alma,  
Ao regressar.

A dor, somente  
A luta amara  
Lá nos prepara  
Para vivermos,  
Tranqüilamente,  
Nessas moradas  
Iluminadas  
Do nosso Pai!  
Luta e trabalha  
Singelamente  
Nessa batalha  
Que te ofereço,  
Pra conquistares  
A luz, o amor  
Do teu Senhor.

Tu viverás  
Entre os braços  
Das ilusões  
Da Terra impura;

Conhecerás  
Lindas riquezas  
Iluminando  
E te ensinando  
O bom caminho,  
A boa estrada  
E com carinho  
Sempre a mostrar-te  
A caridade  
Com toda a luz  
Que ministrei  
Ao teu pensar,  
E ora conduz  
Teus sentimentos,  
Teus pensamentos,  
A perfeição  
Do coração.

Caminha avante,  
Na deslumbrante  
Rota do amor!  
Espalha o olor  
Que já plantei  
E fiz brotar,  
Que cultivei  
Dentro em teu ser.  
Sê sempre amigo  
Dos sofredores,  
Dos que padecem  
Sem conhecer  
Sequer abrigo  
Onde isolar-se,  
Onde guardar-se  
Das fortes dores  
Que acometem  
Os sofredores.

Sê a Bondade  
Entre a maldade  
Dos homens feros,  
Ambiciosos,  
Frios, austeros,  
Pecaminosos.

Se assim fizeres

E procederes,  
Sempre cumprindo  
Os teus deveres,  
Tornar-te-ás  
Em verdadeiro  
Anjo da paz,  
Em mensageiro  
Do Deus de amor.  
Assim darás  
A Humanidade  
O testemunho  
Da caridade  
Do teu Senhor!”

A alma formosa  
Então desceu  
Para lutar,  
A conquistar  
Maior ventura,  
Rútila e pura  
Aqui no Céu.

Então, nasceu  
Num lar ditoso,  
Régio, faustoso,  
Dos venturosos,  
Onde a alegria  
Reinava, e ria  
Constantemente,  
Proporcionando  
A rica gente  
Que o habitava  
Os belos gozos,  
Lindos, formosos,  
Mas irreais,  
Desses palácios  
Materiais.  
Ainda criança,  
Era adorado,  
Felicitado  
Nessa abastança;  
Naquele lar,  
Rico alcaçar  
Dos abastados,  
Ele então era  
A primavera  
Dos áureos sonhos  
Dos pais amados!

Assim cresceu,

Belo esplendeu,  
Na mocidade.  
Ganhou saber  
Nobilitante,  
A luz brilhante  
Dessa ciência  
Que, na existência,  
Por planetária,  
Faz com que a alma  
Se torne egoísta  
E refratária  
A lei de Deus.  
Tornou-se esquivo,  
Cruel e altivo  
A Humanidade  
Não praticando  
Mas renegando  
A caridade.

O que aprendera  
No Infinito  
E prometera  
Ao bom Jesus,  
Tudo esquecera  
Em detrimento  
Do sentimento  
Que então trouxera,  
Cheio de luz.  
Refugiou-se  
Na vã Ciência,  
Despreocupou-se  
Com a consciência.  
Na Academia  
Dos homens sábios,  
Ele esplendeu  
No vão saber;  
O infeliz ser  
Viveu dos lábios,  
Seu coração  
Jamais viveu!  
Foi uma flor,  
Mas sem olor;  
Fulgiu, brilhou,  
Mas renegou  
A lei do amor.  
E da existência  
Da própria alma  
Por fim descreu,  
A relegar,  
Como um ateu,

Filho do Mal,  
A imensa luz  
Espiritual.

Foi refratário  
Ao próprio afeto  
Dos pais que o amavam  
E idolatravam  
Com mór ternura,  
Dele esperando  
Sua ventura.  
Os próprios filhos,  
Suaves brilhos  
Da nossa vida,  
Nossa esperança  
Encantadora,  
Os desprezou,  
Somente amando  
Sua ciência  
Enganadora.  
Só procurou  
Brilhar, fulgir;  
Nunca buscou,  
Assim, cumprir  
Sua missão.

Sempre espalhou,  
Em profusão,  
Suas idéias  
Tristonhas, feias,  
Do ateísmo  
Desventurado.  
Nunca estancou  
Uma só lágrima;  
Nunca pensou  
Uma ferida,  
Que brota nalma  
Desiludida;  
Não consolou  
O que sofria,  
De quem fugia  
Sem compaixão!  
Enfim, viveu  
Só na Ciência,  
Nessa existência  
Que passa breve!.  
O ingrato teve  
Mil ocasiões  
De praticar  
Boas ações

E espalhar  
O amor e a luz  
Que o bom Jesus  
Lhe concedera:  
Mas, infeliz,  
Jamais o quis.  
Porém, um dia,  
A Parca fria,  
A morte amara,  
Cruel, avara  
E dolorosa,  
O arrebatara  
Nessa escabrosa  
Escura via,  
E o conduziu  
Para o Infinito,  
Onde, num grito,  
Ele acordou  
Do seu letargo,  
Do sono amargo  
Em que viveu.

Ao descerrar  
O negro véu  
Do esquecimento,  
Sentiu seus olhos  
Enevoados,  
Tristes abrolhos  
No pensamento!  
Olhou o abismo  
Do pessimismo  
Em que vivera,  
Por onde sempre  
Se comprazera.

Sentiu-se, então,  
Abandonado,  
Amargurado  
Na aflição!  
Somente, assim,  
Dentro da dor,  
Lembrou de Deus,  
Do seu amor,  
A implorar  
Da luz dos Céus  
Consolação!

Das profundezas  
Do coração,  
Íntima voz

Disse-lhe então:

“Ó mau discípulo,  
 Em quem eu pus  
 Todo o esplendor  
 Da minha luz,  
 Do meu amor!  
 Tu te perdeste  
 Por teu querer,  
 Pelo viver  
 Que demandaste.  
 Jamais soubeste  
 Te conduzir,  
 E assim cumprir  
 O teu dever.  
 Por isso, agora,  
 Minhalma chora  
 Ao ver que és  
 Mísero ser.  
 Tu renegaste  
 E desprezaste  
 A inspiração  
 Do Deus de Amor!

Tua missão  
 Que era amar  
 E assim curar  
 A alheia dor,  
 Em luz perdida,  
 Foi convertida  
 Em fero braço  
 Esmagador.  
 O grande amor  
 — Fraternidade,  
 Que então devias,  
 Entre alegrias,  
 Oferecer  
 À Humanidade,  
 O abafaste  
 Como se fosse  
 Assaz mesquinho,  
 Quando só ele  
 É o caminho  
 Que nos conduz  
 À salvação,  
 À perfeição,  
 À região  
 Da pura luz!

Sempre esqueceste



Os teus deveres.  
Dos próprios seres  
Que te adoravam,  
Que mais te amavam,  
Foste inimigo,  
E até negaste  
A existência  
Da própria alma,  
A consciência!  
Constantemente,  
Continuamente,  
Foste um ingrato  
E eu te julgara  
Um lutador  
Intimorato...”

Calou-se a voz.  
E o pranto atroz  
Jorrou, então,  
Do coração  
Do miserável,  
Ser execrável  
Que não soubera  
E nem quisera  
Compreender  
O seu dever.  
Entre lamentos  
E dissabores,  
Padecimentos,  
Frios horrores,  
Ele chorou  
E lamentou,  
Por muitos anos,  
Seus desenganos  
Na senda triste,  
Fatal, amara,  
Que assim trilhara  
Na perdição.  
Envergonhado,  
Espezinhado  
Na sua queda,  
Correu sozinho  
O mundo inteiro,  
Qual caminheiro  
A quem negassem  
Um só carinho.  
Perambulou  
Qual Aasvero,  
Sofreu, clamou,  
Supliciado;

E, muitas vezes,  
O seu olhar,  
Amargurado,  
Triste pousou  
Sobre o lugar  
Onde pecou.  
A pobre mão  
Sempre estendeu  
Pedindo o pão,  
Pedindo luz,  
A lamentar  
A sua cruz!  
Jamais alguém  
Quis escutá-lo;  
O mesmo bem  
Que ele fizera,  
Assim lhe era  
Retribuido...  
E o pobre Espírito  
Desiludido,  
Desanimado,  
Desamparado,  
Só encontrava  
Consolação  
Nas lágrimas tristes  
Que derramava  
Em profusão.

Até que um dia  
Em que sofria,  
Mais padecia  
A dor feroz,  
Cruel e atroz,  
A alma triste  
E solitária,  
Experimentada,  
Extenuada  
No atro sofrer,  
Cheia de unção  
Por entre prantos,  
Formosos, santos,  
Disse ao Senhor  
Numa oração:

“Ó Mestre Amado,  
Sei que hei pecado  
E transgredido  
As tuas leis,  
Tendo comigo  
A tua luz,

Ó bom Jesus!  
E mesmo assim,  
Eu me perdi  
Por meu querer,  
Pois não cumpri  
O meu dever!...  
Fui a grilheta  
Da impiedade,  
Pobre calceta  
Da iniquidade.  
Mas tu que és bom,  
Tão justo e santo,  
Sabes do pranto  
Das minhas dores,  
No meu viver  
Sem luz, sem flores,  
E hás de acolher  
Minha oração  
Cheia de fé!...  
Dá-me o acúleo  
Da expiação,  
Para que seja  
Exterminado  
O meu orgulho.  
Oh! dá-me agora  
A nova aurora  
De uma existência  
De provação.  
Quero sofrer  
Dura pobreza,  
Sempre viver  
Na singeleza.  
O meu desejo  
É só voltar  
À Terra impura  
Onde eu pequei,  
Para ofertar  
À criatura  
O grande amor  
Que lhe neguei.  
Não quero ter  
Nem um só dia  
Dessa alegria  
Que desfrutei,  
Mas só trazer  
No coração  
Todo o amargor  
Da privação.  
Não quero ver  
O dealbar

De uma esperança;  
O próprio lar,  
Onde se encontra  
Maior ventura,  
Não quero ter;  
Nunca, jamais,  
Hei conhecer  
O que é sorrir!  
Quero existir  
Desconhecido,  
Incompreendido  
Em minha dor;  
Então serei  
Ramo perdido,  
Árido e seco  
Pelo vergel  
Enflorescido.  
Conhecerei  
A dor cruel  
Que nos retalha  
O coração.  
Nessa batalha  
Que empreenderei,  
Quero ganhar  
E conquistar  
A luz, o pão,  
O agasalho,  
Com meu trabalho.  
Eu só almejo  
Compreensão  
Para mostrar  
O teu perdão,  
Claro e sublime  
Para o meu crime,  
Ó bom Jesus,  
Ó Mestre Amado!  
Eu lutarei  
E chorarei  
Nas rijas dores  
Mais inclementes,  
Nos turbilhões  
Incandescentes  
Das amarguras,  
Cruéis e duras  
Das aflições.  
Agora eu vejo  
Que na existência  
A grã ciência  
Só é grandiosa,  
Só é formosa,

Quando aliada  
 Da caridade,  
 O puro amor.  
 Quero com ardor  
 Bem conquistar  
 A perfeição!  
 Serei, portanto,  
 Neste planeta,  
 Como a violeta  
 Sob a folhagem...  
 Viver somente  
 Pela viagem  
 Das desventuras.  
 Quero sofrer  
 Com humildade,  
 E sempre ter  
 Em mim bondade,  
 Feliz dulçor  
 Da caridade!..."

E o Mestre Amado,  
 Compadecido  
 Do pobre Espírito  
 Dilacerado,  
 Enfim, perdido,  
 Deu-lhe o perdão,  
 A permissão  
 Para voltar  
 A antiga arena —Luta terrena,  
 Oferecendo-lhe  
 Ocasão  
 Para tornar-se  
 Mais venturoso  
 E sempre digno  
 Do seu perdão.

Seja bendito,  
 Pelo infinito  
 Desenrolar  
 E perpassar  
 De toda a idade,  
 O bom Jesus,  
 Que, com sua luz  
 E terno amor,  
 Escuta a prece  
 De quem padece,  
 Fazendo assim  
 Desabrochar  
 O dealbar  
 Das alvoradas

Iluminadas  
De muitas vidas,  
Belas, queridas,  
Para lutarmos  
E nos tornarmos  
Dignos do Amor  
Inigualável,  
Incomparável,  
Do Criador!

## **Na estrada de Damasco**

Num certo dia  
A Ambição,  
De parceria  
Com o Orgulho,  
Chamou o homem  
Jatancioso,  
Rude e cioso  
Do seu poder  
E vão saber,  
E assim lhe disse:

“Homem, tu és  
Senhor potente,  
Grande e valente  
Aqui no mundo;  
E se quiseres  
Tornar-te um rei  
Da imensa grei  
Da Criação,  
É só viveres  
A procurar  
Mais dominar  
Os elementos  
A transudar  
Nos sentimentos.  
Maior coragem  
Para ganhares  
Sempre vantagem  
No teu viver,  
E conquistares  
Sempre o poder  
Dos triunfantes.  
Aos semelhantes  
Em vez de amá-los  
Tais como irmãos,  
Faze-os vassalos  
No teu reinado,  
Glorificado

De grão-senhor!”

E o pecador,  
Ser imperfeito  
Se achasse embora,  
A seu agrado,  
Bem satisfeito,  
Foi sem demora  
Então chamado  
Por um juiz  
De retidão,  
Que é a Consciência,  
Nesta existência  
De provação,  
Que então lhe diz:  
“Mas, e o bom Deus  
Que está nos Céus,  
Que tudo vê,  
Sabendo assim  
Quanto a tua alma  
Dele descrê?  
Ele é o teu Pai,  
O Criador,  
O Deus de amor.  
E o bom Jesus,  
Nosso Senhor,  
Mestre da luz,  
O Filho amado  
Que à Terra veio,  
A este mundo  
Ingrato e feio  
A redimir,  
E assim banir  
O teu pecado?

Ele te amou  
E te ensinou  
Que ao teu irmão  
Tu deves dar,  
Nunca negar  
A tua mão;  
E espalhar  
Somente amor,  
A relegar  
Toda a maldade,  
Para que um dia  
Te fosse dado  
Reconhecer,  
Com alegria,  
O solo amado

Do eldorado  
Dos belos sonhos,  
Lindos, risonhos,  
Do teu viver.  
Assim, procura  
Melhor ventura  
Em só buscar,  
Acompanhar,  
Seguir Jesus  
Em sua dor,  
Em seu amor,  
Em sua cruz!”

Mas, o tal homem  
Tão orgulhoso,  
Que já se achava  
Bem poderoso,  
Achou estranho  
Esse conselho:  
Rigor tamanho  
Não poderia;  
Isso seria  
Obedecer  
E se humilhar;  
E ele havia  
Aqui nascido  
Só para ser  
Obedecido,  
Tendo o poder  
Pra dominar.  
Assim, buscou  
E perguntou  
Aos companheiros  
Eles, então,  
Lhe responderam  
No mais profundo  
Do coração:

— “Esse conselho  
É muito velho!  
Deus é irrisão.  
E o tal Jesus,  
Com sua cruz  
E seu calvário  
Somente foi  
Um visionário.  
Enquanto ele  
Só te oferece  
Amargas dores.  
Desolações,



Tristes agruras,  
 Cruéis espinhos,  
 Nós concedemos  
 Ao teu valor  
 De grão-senhor  
 Sublimes flores,  
 Lindos brasões,  
 Grandes venturas  
 Nesses caminhos

Quem mais souber  
 Gozar e rir,  
 Mais saberá  
 O que é existir.  
 A vida aqui  
 Só é formosa  
 Para quem goza;  
 E pois, assim,  
 Vale o gozar  
 Constantemente,  
 Pois vindo a Parca  
 Bem de repente,  
 Há de levar  
 Esse teu sonho  
 De amar, sofrer,  
 Ao caos medonho  
 Do mais não-ser;  
 Porque a morte  
 Tão renegada,  
 Essa é apenas  
 O frio nada.  
 O louco amor  
 Do teu Jesus,  
 Exprime a dor  
 E não a luz.”

E assim, quando  
 O homem fraco  
 E miserando  
 Mais se exaltou  
 E se jactou,  
 Onipotente,  
 Chegou a Dor  
 Humildemente,  
 A lapidária,  
 A eterna obreira,  
 A mensageira  
 Da perfeição,  
 Nessa oficina  
 Grande e divina

Da Criação;

Fê-lo abatido  
E desolado,  
Até enjoado  
Do corpo seu:  
Apodreceu  
O seu tesouro.

E o homem-rei  
Reconheceu  
Que o paraíso  
Dos sãos prazeres  
Vive nas luzes  
Só da virtude,  
No cumprimento  
Dos seus deveres,  
Na humildade,  
Na caridade,  
Na mansuetude,  
Na submissão  
Do coração  
Ao sofrimento,  
Quando aprouver  
Ao Deus de Amor  
Oferecer  
Rude amargor  
Ao nosso ser.

Depois, então,  
De mui sofrer  
E padecer  
Na expiação,  
Reconheceu  
A nulidade,  
A fatuidade  
Da vil matéria!

Na atroz miséria  
Dessa agonia,  
Só procurou  
Buscar se via  
Os seus mentores  
Enganadores,  
Altivos filhos  
Da veleidade.

Só encontrou  
O juiz reto,  
O Magistrado

Incorrutível  
 Da consciência,  
 E que, num brado  
 Indescritível,  
 Em conseqüência,  
 Lhe fez com ardor  
 Ao coração  
 Ermo de afeto,  
 Ermo de amor,  
 A mais tremenda  
 Acusação!

É o que acontece  
 Em toda a idade,  
 Com a maioria  
 Da Humanidade;  
 Pois sempre esquece  
 Os seus deveres  
 E se submerge  
 Nos vãos prazeres.  
 Para a alegria  
 Fatal converge  
 O seu viver,  
 Para o enganoso,  
 Efêmero gozo  
 Do material,  
 A esquecer  
 Tudo o que seja  
 Espiritual.  
 Feliz de quem  
 Aí procura  
 Maior ventura  
 No sumo bem;  
 Porque verá,  
 Contemplará

Todo o esplendor.  
 A eterna luz,  
 Do eterno amor  
 Do bom Jesus.

### **Parnaso de Além-Túmulo**

Além do túmulo o Espírito inda canta  
 Seus ideais de paz, de amor e luz,  
 No ditoso país onde Jesus  
 Impera com bondade sacrossanta.

Nessas mansões, a lira se levanta  
 Glorificando o Amor que em Deus transluz,

Para o Bem exalçar, que nos conduz  
A divina alegria, pura. e santa.

Dessa Castélia eterna da Harmonia  
Transborda a luz excelsa da Poesia,  
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos  
Sobre os homens, tornando-os mais unidos,  
Na ascensão para o Belo e para o Amor.

### **Angústia materna**

“Ó Lua branca, suave e triste,  
- A Mãe pedia, fitando o céu —  
Dize-me, Lua, se acaso viste  
Nos firmamentos o filho meu.

A Morte ingrata, fria e impiedosa,  
Deixou vazio meu doce lar,  
Deixou minha alma triste e chorosa,  
Roubou-me o sonho — deu-me o penar.

Se tu soubesses, Lua serena,  
Como era grácil, que encantador  
Meu anjo belo como a açucena,  
Cheio de vida, cheio de amor!...”

Disse-lhe a Lua — “Eu sei do encanto,  
Dum filho amado que a gente tem;  
E das ausências conheço o pranto,  
Oh! se o conheço, conheço-o bem!...”

— “Então, responde-me sem demora,  
Continuava, sempre a chorar:  
Em qual estrela cheia de aurora  
Foi o meu anjo se agasalhar?...”

— “Mas não o avistas — responde-lhe ela —  
Naquela estrela que tremeluz?  
Abre teus olhos... É bem aquela  
Que anda cantando no céu de luz.”

E a Mãe aflita, martirizada,  
Fitou a estrela que lhe sorriu,  
Sentiu-lhe os raios, extasiada,  
E dos seus cantos, feliz, ouviu:

— “Ilha pacífica, da esperança,  
Sou eu no mar do éter infindo;

Do sofrimento mato a lembrança  
E abro o futuro, ditoso e lindo.

Do Senhor tenho doce trabalho,  
Missão que é toda só de alegrias:  
Flores reparto cheias de orvalho,  
Flores que afastam as agonias.”

— “Quase te odeio, luz de alvorada,  
Ó linda estrela que adorna o céu,  
Gritou-lhe a pobre desconsolada,  
Porque tu guardas o filho meu.”

— “Se tu me odeias, se me detestas,  
Contudo eu te amo e pergunto: quem  
Não tem saudades das minhas festas?  
O teu anjinho teve-as também.

Em mim a noite não tem guarida,  
Aqui terminam os dissabores;  
Aqui em tudo floresce a vida,  
Vida risonha, cheia de flores!...”

A mãe saudosa, banhada em pranto,  
Notou de logo seu filho lindo,  
Todo vestido dum brilho santo,  
Num belo raio de luz, sorrindo...

Disse-lhe o filho — “Tive deveras  
Muita saudade, mãezinha amada,  
Senti a falta das primaveras,  
Senti a falta desta alvorada!...”

Não resisti... Tanta era a saudade!  
Voltei do exílio, fugi da dor,  
Aqui é tudo felicidade,  
Paz e ventura, carícia e amor!

Ó mãe, perdoa, se mais não pude  
Ficar contigo na escuridão,  
A Terra amarga, tristonha e rude,  
Envenenava meu coração.

Aqui, na estrela, também há fontes,  
Jardins e luzes e fantasias,  
Sóis rebrilhando nos horizontes,  
Sonhos, castelos e melodias.

Daqui te vejo, daqui eu velo  
Pelo sossego dos dias teus;

Faço-te um ninho ditoso e belo,  
Muito pertinho do amor de Deus!...”

Aí os olhos da desditosa  
Nada mais viram do Eterno Lar.  
Viu-se mais calma, menos saudosa,  
E, estranhamente, pôs-se a chorar...

## **Lamentos do órfão**

Minha mãezinha, alguém me disse,  
Que tu te foste, triste sem mim;  
Já não me embala tua meiguice,  
E não podias partir assim.

Eu acredito que tenhas ido  
Pedir a Deus, que possui a luz,  
Que de mim faça, do teu querido,  
Um dos seus anjos, outro Jesus.

Mas tanto tempo faz que partiste,  
Que me fugiste sem me levar,  
Que sofro e choro, saudoso e triste,  
Sem esperanças de te encontrar.

Há quantos dias que te procuro,  
Que te procuro chamando em vão!...  
Tudo é silêncio tristonho e escuro,  
Tudo é saudade no coração.

Outros meninos alegres vejo,  
Numa alegria terna e louçã,  
Que exclamam rindo dentro dum beijo:  
“Como eu te adoro, minha mamã!”

Sinto um anseio sublime e santo,  
De nos meus braços, mãe, te beijar;  
E abraço o espaço, beijo o meu pranto,  
Somente a mágoa vem-me afagar.

Inquiro o vento: — “Quando verei  
Minha mãezinha boa e querida?”  
E o vento triste diz-me: — “Não sei! ...  
Só noutra vida, só noutra vida!...”

Pergunto à fonte, pergunto à ave,  
Quando regressas dos Céus supremos,  
E me respondem em voz suave:  
“Nós não sabemos! nós não sabemos!...”

Pergunto à flor que engalana a aurora,  
 Quando é que voltas desse país,  
 E ela retruca, consoladora:  
 “Depois da morte serás feliz.”

E digo ao sino na tarde calma:  
 “Onde está ela, meu doce bem?”  
 Ele responde, grave, à minhalma:  
 “Além na luz! Na luz do Além!.. .“

O mar e a noite me crucificam,  
 Multiplicando meus pobres ais,  
 Cheios de angústias, ambos replicam:  
 “Tua mãezinha não volta mais.”

Somente a nuvem, quando eu imploro,  
 Diz-me que vens e diz que te vê;  
 E me conforta, do céu, se eu choro:  
 “Eu vou chamá-la para você.”

Sempre te espero, mas, ai! não voltas,  
 Nem para dar-me consolação;  
 Ó mãe querida, que mágoas soltas  
 Andam cortando meu coração.

Tanta saudade, e, no entretanto,  
 Vejo-te linda nos sonhos meus;  
 Ajoelhada, banhada em pranto,  
 E de mãos postas aos pés de Deus.

Sempre a meus olhos, estás bonita  
 Qual uma rosa, como um jasmim!  
 Porém conheço que estás aflita,  
 Com o pensamento junto de mim.

Então, entrego-me ao meu desejo,  
 Tremo de anseio, calo, sorrio,  
 Sentindo o anélito do teu beijo...  
 Mas abro os olhos no ar vazio!

Vai-se-me o sonho... Quanta amargura,  
 Que sinto esparsa pelo caminho!  
 Que mágoa eterna! que desventura,  
 Para quem segue triste e sozinho.

Volta depressa! guardo-te flores,  
 Porque só vivo pensando em ti:  
 Celebraremos nossos amores,  
 Junto da fonte que canta e ri.

Já não suporto tantos cansaços!...  
 Se não voltares, pede a Jesus  
 Que te conceda pôr-me em teus braços,  
 Foge comigo para outra luz!...

## O leproso

Dizia o pobre leproso:  
 Senhor! Não tenho mais vida.  
 Sou uma pútrida ferida  
 Sobre o mundo desditoso!

Mas o anjo da esperança  
 Responde-lhe com brandura:  
 — Meu filho, espera a ventura  
 Com fé, com perseverança.

Se teu corpo é lama e pus  
 Em meio dos sofrimentos,  
 Tua alma é réstea de luz  
 Dos eternos firmamentos.

## Bondade

Vê-se a miséria desditosa  
 Perambulando numa praça;  
 Sob o seu manto de desgraça  
 Clama o infortúnio abrasador.

Eis que a Fortuna se lhe esconde;  
 E passa o gozo, muito ao largo;  
 E ela chora, ao gosto amargo,  
 O seu destino, a sua dor.

Mas eis que alguém a reconforta:  
 É a bondade. Abre-lhe a porta;  
 E a fada, à luz dessa manhã,

Diz-lhe, a sorrir: — Tens frio e fome?  
 Pouco te importe qual meu nome,  
 Chega-te a mim: sou tua irmã.

## Oração

A Ti, Senhor,  
 Meu coração  
 Imerso em dor  
 Aflito vem,



Pedindo a luz,  
Pedindo o bem  
E a salvação.

Pedir a quem,  
Senão a Ti,  
Cuja bondade  
Me sorri

E me conduz  
A imensidade  
Da perfeição?

És a piedade  
Divina e pura  
Que à criatura  
Dá luz e pão.  
Sou eu, somente,  
O impenitente  
Na expiação.

Em Ti, portanto,  
Confio e espero,  
De Ti eu quero  
Me aproximar!

Consolo santo,  
Para o meu pranto  
Venho implorar.

Bem sei, Senhor,  
Se sofro e choro,  
Se me demoro  
No padecer,  
É porque andei  
Longe do Amor,  
No meu viver.

O Amor é a lei,  
Que me ensinaste  
E que deixaste  
Aos irmãos teus!

Pra que eu pudesse,  
Ditosamente,  
Buscar os Céus.

Assim, contente,  
Cheio de unção,  
Elevo a prece

Do coração,  
A Ti, Senhor,  
Rogando amor,  
Paz e perdão!

## A Fortuna

Anda a Fortuna por uma praça,  
Fala à Ventura com riso irmão,  
E mais adiante topa a Desgraça,  
E ativa e rude lhe esconde a mão.

Vaidosa e bela, dá preferência  
Ao torpe egoísmo acomodaticio,  
E entre as virtudes, na existência,  
Escolhe sempre flores do vício.

E assim prossegue na desmarcada  
Carreira louca do vão prazer,  
Como perdida, e já sepultada,  
No esquecimento do próprio ser.

Depois, cansada e já comovida,  
Quando só pede luz e amor,  
Acorre a Morte por dar-lhe a Vida,  
E vem a Vida por dar-lhe a Dor.

## Oração

Vós que sois a mãe bondosa  
De todos os desvalidos  
Deste vale de gemidos.  
Mãe piedosa!...

Sublime estrela que brilha  
No céu da paz, da bonança,  
Do céu de toda a esperança —  
Maravilha!

Maria! — consolação  
Dos pobres, dos desgraçados,  
Dos corações desolados  
Na aflição,

Compedeei-vos, Senhora,  
De tão grandes sofrimentos,  
Deste mundo de tormentos,  
Que apavora.

Livrai-nos do abismo tredo

Dos males, dos amargores,  
 Protegei os pecadores  
 No degredo.

Estendei o vosso manto  
 De bondade e de ternura,  
 Sobre tanta desventura,  
 Tanto pranto!

Concedei-nos vosso amor,  
 A vossa misericórdia,  
 Dai paz a toda discórdia,  
 Trégua à dor!...

Vós que sois Mãe carinhosa  
 Dos fracos, dos oprimidos  
 Deste vale de gemidos,  
 Mãe bondosa!

Oração:

Pai de Amor e Caridade,  
 Que sois a terna demência  
 E de todas as criaturas  
 Carinhosa Providência!  
 Que os homens todos vos amem,  
 Que vos possam compreender,  
 Pois tendo ouvidos não ouvem,  
 E vendo não querem ver.

## Além

Além da sepultura, a nova aurora  
 Luminosa e divina se levanta;  
 Lá palpita a beleza onde a alma canta,  
 A luz do amor que vibra e revigora.

Ó corações que a lágrima devora,  
 Prisioneiros da dor que fere e espanta,  
 Tende na vossa fé a bíblia santa,  
 E em vossa luta o bem de cada hora.

Além da morte, a vida tumultua,  
 O trabalho divino continua...  
 Vida e morte — exultai ao bendizê-las!

Esperai nos tormentos mais profundos,  
 Que a este mundo sucedem-se outros mundos,  
 E às estrelas sucedem-se as estrelas!

## Soneto

Como outrora, entre ovelhas desgarradas,  
 O coração tocado de agonias,  
 O Mestre chora como Jeremias,  
 Vendo o mundo nas lutas condenadas.

Sempre a miséria e a dor nos vossos dias!  
 Sempre a treva nas míseras estradas...  
 Preces infindas e desesperadas,  
 Do caminho de lágrimas sombrias...

Dois milênios contando o grande ensino  
 Do Amor, o luminoso bem divino,  
 Sobre as desolações do mundo velho...

Mas, em todos os tempos é a vaidade  
 No egoísmo da triste Humanidade,  
 Demorando as vitórias do Evangelho.

## A Prece

O Senhor da Verdade e da Clemência  
 Concedeu-nos a fonte cristalina  
 Da prece, água do amor, pura e divina,  
 Que suaviza os rigores da existência.

Toda oração é a doce quinta-essência  
 Da esperança ditosa e peregrina,  
 Filha da crença que nos ilumina  
 Os mais tristes refolhos da consciência.

Feliz o coração que espera e ora,  
 Sabendo contemplar a eterna aurora  
 Do Além, pela oração profunda e imensa.

Enquanto o mundo anseia, estranho e aflito,  
 A prece alcança as bênçãos do Infinito,  
 Nos caminhos translúcidos da Crença.

## Fraternidade

Fraternidade é árvore bendita,  
 Cujas flores e ramos de esperança  
 Buscam a luz eterna que se agita,  
 Rumo ao país ditoso da bonança.

É a fonte cristalina em que descansa  
 A alma humana fraca, errante e aflita;

É a luminosa bem-aventurança  
Da mensagem de Deus, pura e infinita!...

Vós que chorais ao coro das procelas,  
Vinde, irmãos! Desdobrai as vossas velas!...  
Não vos sufoque o horror da tempestade

Fraternidade é o derradeiro porto,  
A terra da união e do conforto,  
Que habitaremos na Imortalidade.

### **Lembra a chama**

Vós que buscais além da sepultura  
A resposta de luz da Eternidade,  
Nunca olvideis a Excelsa Claridade,  
Que reside convosco em noite escura.

Somos todos a Grande Humanidade,  
Em direção à Fonte Eterna e Pura,  
Somos em toda parte a criatura  
Buscando os dons supremos da Verdade.

Tendes convosco a Chama Adormecida...  
Rogamos acendais a Luz da Vida,  
Já que buscais mais crença junto a nós!

Se quiserdes brilhar nos Outros Planos,  
Ó torturados corações humanos,  
Deixai que o Cristo nasça dentro em vós.

### **Eterna mensagem**

Ainda e sempre o Evangelho do Senhor  
É a mensagem eterna da Verdade,  
Senda de paz e de felicidade,  
Na luz das luzes do Consolador.

Nos caminhos da lágrima e da dor,  
Ante os desfiladeiros da impiedade,  
Não sabe o coração da Humanidade  
Beber dessa água límpida do Amor.

Mas os túmulos falam pela estrada,  
Em toda parte fulge uma alvorada  
Que ao roteiro dos Céus nos reconduz;

O Evangelho, na luz do Espiritismo,  
É a escada de Jacob vencendo o abismo,  
Trazendo ao mundo o verbo de Jesus.

## No Templo da Educação

Distribuía o Mestre os dons divinos  
 Da luz do seu Espírito sem jaça,  
 E exclama, enquanto a turba observa e passa;  
 — “Deixai virem a mim os pequeninos!...”

É que na alma sincera dos meninos  
 Há uma luz de ternura, amor e graça,  
 De que o Senhor da Paz quer que se faça  
 O sol da nova estrada dos destinos.

Vós, que tendes a fé que ama e consola,  
 Fazei do vosso lar a grande escola  
 De justiça, de amor e de humildade!

As conquistas morais são toda a glória  
 Que a alma busca na vida transitória,  
 Pelos caminhos da imortalidade.

## Na noite de Natal

— “Minha mãe, por que Jesus,  
 Cheio de amor e grandeza,  
 Preferiu nascer no mundo  
 Nos caminhos da pobreza?”

Por que não veio até nós,  
 Entre flores e alegrias,  
 Num berço todo enfeitado  
 De sedas e pedrarias?”

— “Acredito, meu filhinho,  
 Que o Mestre da Caridade  
 Mostrou, em tudo e por tudo,  
 A luminosa humildade!...”

As vezes, penso também  
 Nos trabalhos deste mundo,  
 Que a Manjedoura revela  
 Ensino bem mais profundo!”

E a pobre mãe de olhos fixos  
 Na luz do céu que sorria,  
 Concluiu com sentimento,  
 Em terna melancolia:

— “Por certo, Jesus ficou  
 Nas palhas, sem proteção,

Por não lhe abrimos na Terra  
As portas do coração.”

## 37 JOSÉ DO PATROCÍNIO

Nova Abolição.

JOSÉ do Patrocínio nasceu em Campos, Estado do Rio de Janeiro, aos 9 de outubro de 1853. E desencarnou a 29 de janeiro de 1905. Farmacêutico, jornalista, romancista, poeta, impetuoso político e grande orador, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Foi uma das figuras máximas na campanha abolicionista, e todo o seu pensamento convergia para o bem da Humanidade.

### Nova Abolição

Prossegue a escravidão implacável e crua...  
Não mais senzala hostil, escura e desumana.  
A incompreensão do amor, no entanto, continua  
Em domínio cruel de que a treva se ufana.

Mas a luz do Senhor não teme, nem recua,  
Na ansiedade e na dor, sublime, se engalana,  
E, das graças do templo aos sarcasmos da rua,  
Erige a liberdade augusta e soberana...

Irmãos do meu Brasil, encantado e divino,  
Do Amazonas ao Prata ergue-se a Deus um hino  
Que exalça no Evangelho a grandeza de um povo!

Fustiguemos o mal, combatendo a descrença,  
Descortinando, além da noite que se adensa,  
A alvorada feliz de um mundo livre e novo.



## 38 JOSÉ DURO

Aos homens – Soneto.

POETA português, nasceu em 1875 e desencarnou em 1899. Musa amargurada, deixou um livro — Fel — que apareceu poucos dias antes da sua morte e foi prefaciado por Forjaz de Sampaio. Henrique Perdigão classifica-o como o “Cantor da Tristeza”.

### Aos homens

Volta ao pó dos mortais, homem que vens, depressa,  
A chave procurar do enigma que encerra  
A paragem da morte, o mais além da Terra,  
Onde o sonho termina e a vida recomeça.

Volve ao sono cruel da tua carne obscura,  
Amassa com o teu pranto o pão de cada dia,  
Vai com o teu padecer sobre a estrada sombria,  
Para depois ouvir a voz da sepultura.

Tomé, coloca as mãos na tua própria chaga,  
Perambula na dor da tua noite aziaga,  
Porque a treva e o sofrer sempre hão de acompanhar-te!

Reconhece o quanto és ignorante ainda.  
A vida é vibração ilimitada, infinda,  
E o seu grande mistério existe em toda parte...

### Soneto

Pouco tempo sofri na Terra ingrata e dura  
Onde o mal prolifera, onde perece o amor,  
Entre a sufocação de um sonho superior  
E a esperança na morte, a triste senda escura.

Até que um dia a morte amiga e benfazeja  
Apodreceu meu corpo em sua mão gelada,  
E minhalma elevou-se à rutilante estrada  
Onde o Espírito encontra a paz que tanto almeja.

Algum tempo eu sofri, ao pé do corpo imundo,  
Escravidado ao pranto, agrilhado ao mundo,  
Prisioneiro da mágoa, amortalhado em dor!

Mas depois a oração libertou-me da pena,  
E pude, então, voar para a mansão serena,  
Onde fulgura o sol do verdadeiro amor.

**39**  
**JOSÉ SILVÉRIO HORTA**  
Oração.

**Oração**

Pai Nosso, que estás nos Céus,  
Na luz dos sóis infinitos,  
Pai de todos os aflitos  
Deste mundo de escarcéus.

Santificado, Senhor,  
Seja o teu nome sublime,  
Que em todo o Universo exprime  
Concórdia, ternura e amor.

Venha ao nosso coração  
O teu reino de bondade,  
De paz e de claridade  
Na estrada da redenção.

Cumpra-se o teu mandamento  
Que não vacila e nem erra,  
Nos Céus, como em toda a Terra  
De luta e de sofrimento.

Evita-nos todo o mal,  
Dá-nos o pão no caminho,  
Feito na luz, no carinho  
Do pão espiritual.

Perdoa-nos, meu Senhor,  
Os débitos tenebrosos,  
De passados escabrosos,  
De iniquidade e de dor.

Auxilia-nos, também,  
Nos sentimentos cristãos,  
A amar nossos irmãos  
Que vivem longe do bem.

Com a proteção de Jesus,  
Livra a nossa alma. do erro,  
Sobre o mundo de desterro,  
Distante da vossa luz.

Que a nossa ideal igreja  
Seja o altar da Caridade,  
Onde se faça a vontade

Do vosso amor... Assim seja.

## 40 JÚLIO DINIZ

O Esposo da Pobreza – Poesia - Aves e anjos.

POETA português, nascido em 1839 e desencarnado na cidade do Porto, em 1871. Com este pseudônimo, pois que o seu nome é Joaquim Guilherme Gomes Coelho, notabilizou-se mais como romancista, principalmente com *As Pupilas do Senhor Reitor*. A edição póstuma de *Poesias* exaltou, di-lo um comentador, as suas qualidades primaciais de prosador, sem embargo de possuírem os seus versos um certo encanto melancólico.

### O Esposo da Pobreza

Francisco de Assis, um dia,  
Assim que deixara a orgia  
No castelo,  
Entregou-se à Natureza,  
A uma vida de aspereza  
Num canto doce e singelo.  
Abandonara a vaidade,  
Buscando a paz da humildade,  
A santa luz da harmonia;  
E nas horas de repouso,  
Francisco em estranho gozo  
A voz de Jesus ouvia:

— “Filho meu, faze-te esposo  
Da pobreza desvalida,  
Emprega toda a tua vida  
Na doce faina do bem.  
Francisco, ouve, ninguém  
Vai aos Céus sem a bondade,  
Que é a grande felicidade  
De todos os corações.

Esquece as imperfeições! ...  
Vai, conforta os desgraçados,  
Sedentos e esfomeados,  
Flagelados pela dor.  
Quem alivia e consola,  
Recebe também a esmola  
Das luzes do meu amor!”

Francisco chorava e ria,  
E em divinal alegria  
Via os lírios e os jasmims,  
Que não fiam, que não tecem,  
Com roupagens que parecem  
Vestidos de Serafins;

As aves que não trabalham  
 E no entanto se agasalham,  
 Nos celeiros da fartura,  
 Saltando de galho em galho,  
 Buscando a graça do orvalho,  
 Bênção do Céu, doce e pura.

Via a terra enverdecida  
 Exaltando a força e a vida,  
 A seiva misteriosa  
 No seio dos vegetais,  
 E a ânsia cariciosa  
 Das almas dos animais.

E sobretudo, inda via,  
 A sacrossanta harmonia  
 Do coração sofredor,  
 Que não tendo amor nem luz,  
 Tem tesouros de esplendor  
 No terno amor de Jesus.

Francisco de Assis, então,  
 Submerso o coração  
 Em sublimes alegrias,  
 Entregou-se às harmonias  
 Vibrantes da Natureza,  
 Tornou-se o amparo da dor  
 E guiado pelo amor  
 Fez-se o Esposo da Pobreza...

## Poesia

Poesia da Natureza  
 Embalsamada de olores,  
 Ornamentada de flores  
 Que os meus encantos resume;  
 Poema de singeleza  
 Esplendente e delicada,  
 Como raios de alvorada  
 Cheia de luz e perfume!

Suavidade e doçura  
 Das rosas, das margaridas,  
 Das lindas sebes floridas  
 Nos dias primaveris:  
 Radiosidade e frescura,  
 Fragrâncias, amenidade,  
 Aromas, alacridade  
 Dos cenários pastoris!

As cotovias cantando,  
 As ovelhinhas balindo,  
 As criancinhas sorrindo  
 Na alegria das manhãs;  
 Jovens felizes amando  
 Entre arroubos de ternura,  
 Caridosa ventura  
 No abril das almas irmãs.

Belezas de canto agreste  
 Nas urzes da Terra escura,  
 Tão cheia de desventura;  
 Entretanto, imaginai  
 A Natureza celeste  
 Longe da Terra sombria,  
 Na glória do Eterno Dia  
 Do reino de Nosso Pai.

Ó Terra, quanto eu quisera  
 Unir-te toda à poesia,  
 À mesma santa harmonia  
 Que te prende à luz dos Céus,  
 Nessa mesma primavera  
 Dos rutilantes espaços,  
 Em que me sinto nos braços  
 Do amor sagrado de Deus.

## **Aves e anjos**

Passarinhos... passarinhos...  
 Aconchegados nos ninhos,  
 Lares de amor doce e brando,  
 Pequeninos trovadores  
 Entre as árvores e as flores,  
 Cantando...  
 Cantando...

Crianças, anjos suaves,  
 Mimosas quais bandos de aves  
 Cortando um céu claro e lindo,  
 Açucenas perfumadas,  
 Com as pétalas orvalhadas,  
 Sorrindo....  
 Sorrindo...

Hino terno de esperanças  
 Das aves e das crianças,  
 Vai-se com a luz misturando,  
 Tecendo as horas serenas  
 Das alegrias terrenas,

Sorrindo...  
Cantando...

## 41

**JUVENAL GALENO**

Pobres – Sextilhas - De cá.

NASCIDO em Fortaleza e desencarnado na mesma cidade, em 1931, com 95 anos de idade. É um vulto literário inconfundível no cenáculo do seu tempo, impondo-se justamente pela naturalidade e espontaneidade do seu estro.

Chamaram-lhe — “Béranger brasileiro”. Sua musa foi elogiada por Castilho, José de Alencar, Machado de Assis, Silvio Romero, etc.

**Pobres**

Mal clareia o Sol a serra,  
 Toca a vida a despertar:  
 O pobre se pôs há muito,  
 Sem descanso, a labutar.  
 Ao levantar-se da cama,  
 Inda é espessa a escuridão,  
 A fome lhe bate à porta,  
 Persegue-lhe a precisão.  
 Ao acordar, ele escuta  
 O coração a gritar:  
 “Quem não trabuca não come,  
 Já chega de repousar!”  
 Busca, então, o seu trabalho,  
 Tudo ajeita, tudo faz,  
 Rasga a terra, corta os matos,  
 Luta e sua, não tem paz.  
 Planta o milho, planta a cana,  
 Batatas, couves, feijão;  
 Três quartas partes de tudo  
 Pertencem ao seu patrão.  
 Quando a semente germina  
 E os ramos querem crescer,  
 Vem a seca sem piedade  
 E o pobre espera chover.  
 Não vem a chuva, porém;  
 Nada existe no paiol,  
 As plantas já se amarelam,  
 Arde a terra, queima o Sol.  
 Quando o pobre vai à mesa,  
 O estômago pede mais,  
 Mas se quer repetições,  
 Que cuide dos mandiocais.  
 Redobra o pobre os serviços,  
 Espalha o pé nos gerais,  
 Ah! que a água já está pouca  
 Nos rios, nos seringais.  
 Contudo, ele espera sempre



Do Deus que o ama, que o vê,  
E sempre resignado,  
O pobre nunca descrê.  
O certo é que ao fim do tempo  
De constante batalhar,  
Aguarda a minguada espiga  
Que decerto há de ficar.  
Plenamente contentado  
Com o pouco do seu suor,  
Deus lhe dará no outro ano  
Uma colheita melhor.  
Se geme, se sofre dor,  
Não possui um só real  
Pra consultar um doutor.  
Então, resolve pedir  
Ao patrão que sempre o tem,  
Mas o patrão avarento  
Não adianta vintém.  
Arrasta-se e vai ao médico  
E lhe expõe o seu sofrer:  
“Não tem recomendações?  
Então não posso atender.”  
O pobre, humilde e paciente,  
Regressa para o seu lar,  
E pensa nos outros meios  
Da saúde lhe voltar.  
E põe em prática os meios:  
As beberagens, o chá,  
As promessas aos seus santos,  
Os vinhos de jatobá.  
Ai! que sorte rude e amarga  
Do pobre sempre a sofrer:  
Se vive para o trabalho,  
Trabalha para comer.  
Se a morte vem ao seu ninho  
E lhe rouba o filho, os pais,  
Não lhes pode dar a missa,  
Que o padre cobra demais.  
Dá-lhes porém seu tesouro,  
Sublime estrela que brilha  
Da mais rica devoção —  
A prece que nasce dalma,  
Que fulge no coração.  
Mesmo assim, quanta tortura,  
Que amargosa a sua dor!  
A todo o instante da vida  
Luta o pobre sofredor.  
Se tem pão não tem saúde,  
Se tem saúde, não tem  
Quem o ampare, quem o ajude,

O braço amigo de alguém.  
 Se outrem lhe ofende e ele pede  
 Da Justiça a punição,  
 A Justiça o encarcera  
 Com a sua reprovação.  
 Não tem casas de morada,  
 Nem terrenos, nem ovil;  
 Se lhe falta o pão do dia  
 Falta azeite no candil.  
 Se bate à porta do rico,  
 Mormente dum rico mau,  
 Os cães o tocam da porta,  
 E em vez de pão, ganha pau.  
 O pobre só tem na vida  
 A doce mão de Jesus,  
 Que o cura na enfermidade,  
 Que na treva lhe dá luz.  
 Mal do pobre se não fora.  
 O carinho dessa mão,  
 Que o conforta na desgraça  
 E ampara na provação.  
 Mal dele se não houvesse  
 A vida depois da dor,  
 Após a morte, onde existem  
 Justiça, ventura, amor.

### **Sextilhas**

Quando a morte chega em casa,  
 A casa faz alarido,  
 Parece até que se arrasa  
 Sob as chamas de um incêndio;  
 O povo está reunido  
 Quando a morte chega em casa.

Ela vem buscar alguém,  
 De quem precisa por certo;  
 Não se importa com ninguém  
 Que chore ou que se lastime,  
 Esteja distante ou perto,  
 Ela vem buscar alguém.

A morte não quer saber  
 Se é preto como urubu,  
 Se aquele que vai morrer  
 É branco qual uma garça,  
 Se tem pratas no baú,  
 A morte não quer saber.

Não lhe pergunta qual é

A sua religião,  
Se Sancho, Pedro ou José  
É o seu nome de batismo,  
Nem a sua profissão  
Não lhe pergunta qual é.

Não quer saber se ele tem  
Uma candeia com luz,  
Se pratica o mal ou o bem,  
Se tem mais fé com o demônio  
Do que mesmo com Jesus,  
Não quer saber se ele tem.

Nem procura examinar  
Se tem filhos ou mulher;  
Se esse alguém vai-se casar,  
Se tem pai e se tem mãe,  
Nada disso a morte quer,  
Nem procura examinar.

Para a morte não existe  
Anéis de grau de doutor,  
Nem homem alegre ou triste,  
Nem mulher bonita ou feia,  
Saúde, beleza e dor,  
Para a morte não existe.

Para o pobre, para o rico  
Nunca tem contemplação;  
Como o corvo bate o bico  
Por cima de um peixe podre,  
Ela vem de supetão  
Para o pobre, para o rico...

O cristão ou o pecador  
Ela conduz sem ruído,  
Não perde tempo em clamor,  
Em atenções e conversas,  
Leva sem tempo perdido  
O cristão ou o pecador.

O que segue vai com unção,  
Rogando com fervor terno  
Ao santo da devoção  
Que o afaste do diabo  
E dos horrores do inferno,  
O que segue vai com unção.

Mas ele mesmo é quem faz  
Os prantos ou gozos seus;

Na tempestade ou na paz,  
Essa questão de ficar  
Com Satanás ou com Deus,  
É ele mesmo quem faz.

## De cá

Que amargo era o meu destino!...  
Tristezas no coração,  
Tateando dificilmente  
No meio da escuridão...

Viver na Terra e somente  
Remando contra a maré,  
Com receio de ir ao fundo...  
Nem tão boa coisa é.

Esta vida de sofrer  
Trinta dias cada mês,  
Entremeados de prantos,  
Há quem estime? Talvez...

Mas para mim que só fui,  
Galeno sem nó, galé,  
Tantas dores em conjunto,  
Nem tão boa coisa é.

Sentir as disparidades  
Das vidas cheias de dor,  
O mal sufocando o mundo,  
Marchando com destemor:

Ver o rico andar de coche  
E o pobre correndo a pé,  
Tantas misérias sentir...  
Nem tão boa coisa é.

O pranto ferve na Terra,  
Salta aqui, salta acolá,  
Nas guerras de toda parte,  
Nas secas do Ceará;

Meus irmãos de Fortaleza,  
Do Crato, do Canindé,  
Ver uns rindo e outros chorando,  
Nem tão boa coisa é.

Ah! morrer e ainda sentir  
Saudades da escravidão,  
Da carne, do desconforto,

Da treva, da ingratidão...

Não é possível porque,  
Pobre filho da ralé,  
Casar-se com a desventura  
Nem tão boa coisa é.

Mas falar demais agora,  
Já não é próprio de mim,  
Não vou gastar minha cera  
Com tanto defunto ruim;

Patetice é ensinar  
Verdade aos homens sem fé.  
Jogar pérolas a tolos,  
Nem tão boa coisa é.

## 42 LEÔNCIO CORREIA

Saudade.

LEÔNCIO Correia nasceu em 1865, no Estado do Paraná, e desencarnou no Rio de Janeiro, em junho de 1950. Professor e poeta, deixou inúmeras obras.

### Saudade

Ante o brilho da vida renascente  
Depois da névoa estranha, densa e fria,  
Surgem constelações do Novo Dia  
Muito longe da Terra descontente.

Mundos celestes, reinos de alegria  
E impérios da beleza resplendente  
Cantam no Espaço, jubilosamente,  
Ao compasso do Amor e da Harmonia...

Mas, ai! pobre de mim!... Ante a grandeza  
Da glória excelsa eternamente acesa  
Volvo à sombra letal do abismo fundo!

E, esmagado de angústia e de carinho,  
Choro de amor, revendo o velho ninho  
E as aves ternas que deixei no mundo!...

## 43 LUCINDO FILHO

Sem sombras.

NASCIDO em Minas Gerais a 16 de agosto de 1847 e falecido em Vassouras a 10 de junho de 1896. Médico, jornalista, compositor musicista e tradutor renomado. Latinista de prol, conta em sua bibliografia Poemetos, Virgilianas, Flores Exóticas, etc.

### **Sem sombras (\*)**

Junto ao sepulcro onde a saudade chora  
E onde o sonho das lágrimas termina,  
Abre-se a porta da mansão divina  
Entalhada em reflexos de aurora.

Não mais a noite; vive em tudo, agora,  
A beleza profunda e peregrina,  
Envolvida na luz esmeraldina  
Da esperança que vibra e resplendor.

Sem as sombras das lutas desumanas,  
A alma vitoriosa entoia hosanas,  
Ébria de paz e de imortalidade.

Não lamenteis quem parta ao fim do dia,  
Que a sepultura em cinza escura e fria  
É a nova porta para a eternidade.

**(\*) Vide nota 3 no fim do volume.**

## 44 LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR

Soneto – Voltando.

POETA brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1845, e desencarnado em Lisboa com 53 anos de idade. Foi jornalista, comediógrafo e diplomata. Entre suas obras, Carimbos, Noturnos, Lírica, etc., sobressai Sonetos e Rimas, que ainda hoje se lê com encanto. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

### Soneto

Na escuridão dos anos procelosos,  
Da velhice nos dias mal vividos,  
Eu quisera voltar aos tempos idos  
Da juventude, aos tempos bonançosos.

Mal podia julgar que inda outros gozos  
Mais sublimes que aqueles já fruídos,  
Nas esteiras de prantos esquecidos,  
Acharia nos céus maravilhosos.

Pairar no Além!... volver ao lar primeiro,  
Ressurgido em perene mocidade,  
Clarão de paz ao pobre caminheiro!

No limiar das amplidões da Altura  
Penetrei, vislumbrando a Imensidade,  
Soluçando empolgado de ventura.

### Voltando

Após a longa e frígida nortada  
Da existência no mundo de invernã,  
Busquei contente a paz que me sorria  
No fim da áspera senda palmilhada.

Voltei. Nova era a vida, nova a estrada  
Que minha alma extasiada percorria;  
Divinal era a luz que resplandia,  
Em revérberos lindos de alvorada.

De volta, e os mesmos seres que me haviam  
Ofertado na Terra amores santos,  
Envoltos em ternuras e em carinhos,

Novamente no Além me ofereciam  
Lenitivo às agruras dos meus prantos,  
Nas carícias risonhas dos caminhos.



## 45 LUIZ MURAT

Além ainda.

FLUMINENSE, nascido a 4 de maio de 1861 e desencarnado na cidade do Rio de Janeiro, em 1929. Bacharel em Direito, membro da Academia Brasileira de Letras. Poeta de grande e viva inspiração, conta em seu acervo bibliográfico Ondas (3 volumes), Sara (poema), e vasta colaboração na Imprensa.

### Além ainda...

Caminheiro que vais ao fim do dia  
Demandando o crepúsculo das dores,  
Não te percas na lágrima sombria  
Da tormenta de anseios e amargores!

Além da sepultura principia  
O caminho dos sonhos redentores,  
Na alvorada perene da harmonia,  
Aureolada de eternos resplendores.

Desolado viajor, ergue teus olhos!  
Não te prendas somente ao chão tristonho,  
Guarda a esperança carinhosa e linda!

Vence a longa jornada dos abrolhos,  
Que o país luminoso do teu sonho  
Fica ao alto... distante... além ainda...

## 46

**LUIZ PISTARINI**

No estranho portal.

LUIZ Pistarini nasceu em Resende, Estado do Rio, à rua dos Voluntários, e faleceu, aos 41 anos de idade, naquela mesma cidade, no começo do ano de 1918. Publicou dois livros, de poesias: Bandolim e Sombrinhas e Postais, deixando, inédito, um terceiro: Agonias e Ressurreição. Fundou e dirigiu a revista A Crisálida e o jornal O Domingo. Residiu durante algum tempo na Capital Federal, onde colaborou em vários jornais. Foi um atormentado pelas enfermidades.

**No estranho portal**

No último instante, a lágrima dorida  
Resume as ânsias da existência inteira,  
E a saudade é a tristonha mensageira  
Que engrinalda de angústia a despedida.

A antevisão do fim de toda a vida  
Obscurece a tela derradeira  
E a noite escura se distende à beira  
Da suprema esperança desvalida.

Um golpe... Um sonho... e excelsa clarinada  
Anuncia outra vida renovada,  
Brilhando além da lápide sombria.

Apagou-se a candeia transitória  
E a verdade refulge envolta em glória,  
Aos clarões imortais do Novo Dia.

## 47 MARTA

Nunca te isoles – Unidade - No Templo da Morte – Jesus - Lembra-te do Céu -  
Ao pé do altar - Mãe das mães.

ESTE Espírito não pôde ou não quis identificar-se. Aqui o incluímos,  
porém, de justiça, atenta a magnitude do seu estro.

### Nunca te isoles

Nunca te isoles entre os mananciais da vida;  
A vida é o eterno bem que nos foi dado,  
Para que o multiplicássemos indefinidamente...  
E a alma que se abandona,  
Ao sofrimento ou ao bem-estar,  
É um deserto sem oásis,  
Onde outras almas sentem fome e sede.

Multiplicar a vida  
É amar sem restrições  
A flor, a ave, os corações,  
Tudo o que nos rodeia.  
Atenuar a dor alheia,  
Sorrir aos infelizes,  
Bendizer o caminho que nos leva  
Da treva para luz;  
Agradecer a Deus, que é Pai bondoso,  
O firmamento, o luar, as alvoradas,  
Ler a sua epopéia feita de astros,  
Ter a bondade ingênua das crianças,  
Tecer o fio eterno da esperança  
Por onde se sobe ao Céu;  
Dar sorrisos, dar luzes, dar carícias,  
Dar tudo quanto temos,  
Tudo isto é amar multiplicando a vida,  
Que se estende infinita no Infinito.

Dar a lição de paciência se sofrermos,  
Dar um pouco de gozo se gozamos,  
É guardarmos a semente  
Da Vida  
Em leivas verdejantes,  
E a qual há de nos dar  
Sombras amigas para descansarmos,  
Indumentos de flores perfumosas  
E frutos aos milhares,  
Para nutrir as nossas alegrias  
Nos jardins estelares...

## Unidade

Todos nós somos irmãos,  
Porque os nossos espíritos  
São unos na essência...

Todos nós somos fragmentos  
Da mesma luz gloriosa e eterna  
Da sabedoria inescrutável  
Do Criador,  
Cujas mãos magnânimas e misericordiosas  
Espalharam com abundância  
Nas vastidões imensuráveis do éter,  
Infinitas e esplendorosas,

Terras e almas,  
As quais no divino equilíbrio do Amor  
Buscam a perfeição indefinida.  
Todos nós somos irmãos,  
Porque nutrimos indistintamente  
A mesma aspiração do Belo e do Perfeito,  
O mesmo sonho,  
A mesma dor na luta  
A prol da redenção.

Espiritualmente,  
Somos filhos de um só Pai,  
Somos as frondes que se interpenetram  
De uma só árvore genealógica,  
Cuja raiz insondável  
Está no coração augusto de Deus,  
O qual, por uma disposição inexplicável,  
Encerra em si  
Todos os mundos,  
Todas as almas  
Todos os seres da Criação!

Fazei, pois, da Terra  
O caminho comum da vossa salvação,  
Porquanto, mais além  
Das fronteiras planetárias,  
Vivereis dentro de sagrados coletivismos,  
Sem egoísmos,  
Na suprema unidade  
De aspiração para a felicidade.

## No Templo da Morte

O templo da morte tem portas incontáveis,  
Como incontáveis são as almas humanas,

E infinitos seus estados de consciência.

Pela porta escura do remorso,  
Um dia penetrou os seus umbrais  
Uma alma que regressava da Terra.  
Lá dentro,  
Em nome do Senhor de todos os latifúndios do Universo,  
Pontificava o Anjo da Justiça.

“Anjo Bom! — disse-lhe a alma súplice —  
Eu tenho a minha alma coberta de feridas cancerosas!  
Cura-me as chagas purulentas do remorso...  
Tenho os meus olhos vendados  
E uma treva incomensurável na consciência!  
Apaga os meus atrozes padeceres!.. .“

“Filha — respondeu compassivo —,  
Para sanar tão estranhas feridas,  
Tão amargos pesares,  
Só há um recurso:  
Volta à Terra!  
Lá existe o Regato das Lágrimas,  
Banha-te nas suas águas cristalinas;  
Elas serão o teu bálsamo consolador  
E curarão a tua cegueira...  
Estás na escuridão absoluta  
Pela ausência da luz, do bem na tua alma!

Mas o Anjo da Dor irá contigo;  
Ele há de te guiar através das sirtes do mar encapelado dos sofrimentos,  
E te conduzirá ao lugar bendito onde existem as lágrimas salvadoras!...”  
E a pobre regressou...  
Conduzida pela Dor,  
Banhou-se na água lustral dos tormentos,  
Submergiu-se no regato encantado, de cuja fonte límpida promana a Salvação.

E depois de haver percorrido  
Tão tortuosos caminhos,  
Inçados de perigos  
E de dores amargas,  
Reconheceu o luminoso Anjo da Dor...  
E nos seus braços magnânimos e compassivos,  
Penetrou no templo misterioso da morte  
Pela porta maravilhosa da Redenção.

## Jesus

Jesus foi na Terra  
A mais perfeita encarnação do Amor Divino.  
E ainda hoje,

Nos dias amargurados que transcorrem,  
 É para a Humanidade  
 A promessa da Paz,  
 O manto protetor  
 Que abriga os aflitos e os infelizes,  
 O pão que sacia os esfomeados das verdades eternas,  
 A fonte que desaltera todos os sofredores.  
 Apegai-vos a Ele, cheios de confiança!

Ele é a misericórdia personificada,  
 O Jardineiro Bendito  
 Que jorra no coração  
 Dos transviados do caminho do Bem,  
 As sementes do arrependimento  
 Que hão de florir na Regeneração  
 E frutificar na perfeita felicidade espiritual.  
 Ouvi a sua voz  
 No silêncio da consciência que vos fala  
 Do cumprimento austero  
 De todos os deveres cristãos!  
 E um dia  
 Descansareis reunidos,  
 Ligados pelos liames inquebrantáveis  
 Da fraternidade além da morte,  
 A sombra da árvore luminosa  
 Das boas ações que praticastes,  
 Longe das lágrimas  
 Do orbe obscuro,  
 Dos prantos e das provações remissoras!...

## **Lembra-te do Céu**

És uma estrela caída  
 Sobre os paus da Terra...  
 Acima de todas as coisas transitórias,  
 Que se desfazem como as neblinas aos beijos leves do Sol,

És alma em ascensão para Deus.

A tua inteligência e o teu sentimento  
 São fulcros de luz imperecível,  
 Que constituem os atributos maravilhosos da tua imortalidade.

Por que te abates e desanimas sob os aguilhões da carne perecível?

Contempla o Alto,  
 Se a fraqueza te envolve em seus tentáculos.  
 E sentirás uma carícia branda,  
 Misteriosa, doce, suave,  
 Que promana

Do empíreo constelado  
 Para todas as almas que oram,  
 Que sonham e choram,  
 Buscando Deus,

— A bússola das suas mais caras esperanças!

Quando sofreres,  
 Busca aspirar esse aroma divino  
 E tua alma sofredora  
 Sentir-se-á envolta na beleza,  
 No eflúvio peregrino  
 Que mana fartamente  
 Dos espaços imensos!...  
 Na amargura e na dor,  
 Lembra esse dia que te espera  
 Na indefinível primavera  
 Gloriosa de amor.

### **Ao pé do altar**

Eu vivia no Claustro,  
 Na sombra silenciosa dos mosteiros.  
 Mas um dia,  
 Quando as penitências mortificavam  
 O meu corpo alquebrado e dolorido  
 E a oração  
 Era o conforto do meu coração,  
 Disse-me alguém:

“Minha filha,  
 Juraste fidelidade só a Deus,  
 Mas se entrevês os Céus  
 E as suas maravilhas,  
 Se tens a Fé mais pura,  
 A Esperança mais linda,  
 Não te esqueças que a Caridade,  
 O anjo que nos abre as portas da Ventura,  
 Não permanece  
 No recanto das sombras, do repouso;  
 Se ama a prece e a pureza,  
 Não faz longas e inúteis orações:  
 Ela é a serva de Deus  
 E as suas preces fervorosas  
 São feitas com as suas mãos carinhosas,  
 Que pensam no coração da Humanidade  
 Todas as chagas abertas  
 Pelo egoísmo...  
 Está sempre em meio às tentações  
 Para vencê-las,

Esmagá-las com o Bem,  
 Destruí-las com Amor.  
 A solidão da cela é um crime;  
 Não te retires, pois, do mundo.  
 Darás a Deus, sem reserva, a tua alma  
 Amando o próximo,  
 Que contigo é seu filho dileto.

Será um hino constante subindo aos Céus;  
 Sê a mãe desvelada,  
 A irmã consoladora,  
 A companheira terna  
 De todos aqueles que te rodeiam  
 Na estrada longa dos destinos comuns;  
 Sê a abnegação e a bondade serena,  
 E a tua Fé  
 Será um hino constante subindo aos Céus;  
 A tua esperança em Deus  
 Será dilatada,  
 Para que vislumbres as felicidades celestes  
 Que esperam os justos na Mansão da Alegria...

Meu corpo não resistiu  
 Aos cilícios que o martirizavam  
 E minha alma tomada de emoção  
 Abandonou-o, brandamente,  
 Atraída pela Verdade,  
 Desprezando o repouso e a soledade,  
 Sonhando com a luz do trabalho  
 Em outras vidas benfazejas;  
 Porque a verdadeira paz de espírito  
 É conquistada  
 No seio das lutas mais acerbadas,  
 Dos mais rudes pesares.  
 E só a dor que nos crucia  
 Ou a dor que consolamos,  
 — Somente a Dor em sua essência pura  
 Nos desvia da amarga desventura,  
 Purificando os nossos corações  
 Na conquista das altas perfeições.

## Mãe das mães

Maria  
 É a Mãe piedosa  
 De todas as mães resignadas e sofredoras.  
 É a consolação  
 Que se derrama puríssima  
 Sobre os prantos maternos,  
 Vertidos na corola imensa das dores;



É o manto resplandecente  
 Que agasalha os corações das mães piedosas,  
 Amarguradas e infelizes,  
 Que orvalham com lágrimas benditas  
 As flores do seu amor desvelado,  
 Espezinhas pelo sofrimento,  
 Fustigadas pelo furacão da desgraça, atropeladas pelo mal,  
 Perseguidas pelo infortúnio  
 No sombrio orbe das lágrimas e das provações.

Todas as preces maternas  
 Ascendem aos Espaços  
 Como um doloroso brado de angústia a Maria;  
 E a rosa sublime de Nazaré  
 Escuta-as piedosamente,  
 Estendendo os seus braços tutelares  
 As mães carinhosas e desprotegidas;  
 E bastam os eflúvios do seu amor sacrossanto  
 Para que as consolações se derramem  
 Cicatrizando as feridas,  
 Balsamizando os pesares,  
 Lenindo os padeceres  
 Das mães desoladas, que encontram nela  
 O símbolo maravilhoso de todas as virtudes!...

Ao seu olhar compassivo,  
 Pulverizam-se os rochedos do mal  
 Do oceano da vida de desterro e de exílio,  
 Para que o Brigue da Esperança,  
 Com as suas velas alvas e pandas,  
 Veleje tranqüilamente,  
 Buscando o porto esperado com ânsia,  
 Da salvação das almas que sofreram  
 Nos torvelinhos do mundo,  
 Como náufragos de uma tormenta gigantesca,  
 Que não se perderam no abismo das águas tenebrosas  
 Do mar da iniquidade,  
 Porque se apegaram  
 A âncora da Fé.

Maria é o anjo, pois,  
 Que nos ampara e guia em nossa cruz;  
 Levando-nos ao Céu, cheia de piedade e  
 Pelas nossas fraquezas.  
 Ela é a personificação do amor divino  
 No vale das sombras e das amarguras,  
 E sendo o arrimo de todas as criaturas,  
 É, sobretudo,  
 A Virgem da Pureza

— Mãe das mães.

48

**MÚCIO TEIXEIRA**

Honra ao trabalho.

MÚCIO Teixeira nasceu em 1858, no Estado do Rio Grande do Sul, e desencarnou em 1926. Autor de inúmeras obras literárias.

**Honra ao trabalho**

Trabalha e encontrarás o fio diamantino  
Que te liga ao Senhor que nos guarda e governa,  
Ante cuja grandeza o mundo se prosterna,  
Buscando a solução da dor e do destino.

Desde o fulcro solar ao fundo da caverna,  
Da beleza do herói ao verme pequenino,  
Tudo se agita e vibra, em cântico divino  
Do trabalho imortal, brunindo a vida eterna!...

Tudo na imensidão é serviço opulento,  
Júbilo de ajudar, luta e contentamento,  
Desde a flor da montanha às trevas do granito.

Trabalha e serve sempre, alheio à recompensa,  
Que o trabalho, por si, é a glória que condensa  
O salário da Terra e a bênção do Infinito.

## 49

**OLAVO BILAC**

Jesus ou Barrabás? – Soneto - No Horto - O beijo de Judas - A crucificação -  
Aos descrentes – Ideal – Ressurreição - O Livro – Brasil.

NATURAL do Rio de Janeiro, nasceu em 16 de dezembro de 1865 e aí faleceu em 1918. Considerado, ao seu tempo, o Príncipe dos Poetas Brasileiros. Sócio fundador da Academia Brasileira de Letras.

**Jesus ou Barrabás?**

Sobre a fronte da turba há um sussurro abafado.  
A multidão inteira, ansiosa se congrega,  
Surda à lição do amor, implacável e cega,  
Para a consumação dos festins do pecado.

“Crucificai-o!” — exclama... Um lamento lhe chega  
Da Terra que soluça e do Céu desprezado.  
“Jesus ou Barrabás?” — pergunta, inquire o brado  
Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega.

Jesus! Jesus!... Jesus!... — e a resposta perpassa  
Como um sopro cruel do Aquilão da desgraça,  
Sem que o Anjo da Paz amaldiçoe ou gema...

E debaixo do apodo e ensangüentada a face,  
Toma da cruz da dor para que a dor ficasse  
Como a glória da vida e a vitória suprema.

**Soneto**

Por tanto tempo andei faminto e errante,  
Que os prazeres da vida converti-os  
Em poemas das formas, em sombrios  
Pesadelos da carne palpitante.

No derradeiro sono, instante a instante,  
Vi fanarem-se anseios como fios  
De ilusão transformada em sopros frios,  
Sobre o meu peito em febre, vacilante.

Morte, no teu portal a alma tateia,  
Espia, inquire, sonda e chora, cheia  
De incerteza na esfinge que tu plasmás!

Impassível, descerras aos aflitos  
Uma visão de mundos infinitos  
E uma ronda infinita de fantasmas.

## No Horto

Tristemente, Jesus fitando os céus, em prece,  
Vê descer da amplidão o Arcanjo da Agonia,  
Cuja mão luminosa e terna lhe trazia  
O cálix do amargor, duríssimo e refece.

— “Se puderdes, meu Pai, afastai-o!...” — dizia,  
Mas eis que todo o Azul celígeno estremece;  
E do céu se desprende uma doirada messe  
De bênçãos aurorais, de Paz e de Alegria.

Paira em todo o recanto a vibração sonora  
Do Amor e o Mestre já na sede que o devora,  
De imolar-se por fim nas aras desse Amor,

Sente a Mão Paternal que o guia na amargura,  
E sublime na fé mais vivida, murmura:  
— “Que se cumpra no mundo o arbítrio do Senhor!...”

## O beijo de Judas

Ouve-se a voz do Mestre unvida de ternura:  
- “Amados, eu vos dou meus últimos ensinamentos;  
Na doce mansidão dos seres pequeninos,  
Trazei a vossa vida imaculada e pura!

O Amor há de vos dar todos os dons divinos;  
Eterna irradiação que atinge a mais escura  
Estrada de aflição, de dor e desventura,  
— Raio de eterno sol na senda dos destinos.

Derramai com piedade a lágrima terrestre!”  
Mas eis que Judas chega e lhe diz: — “Salve, Mestre!”  
E toma-lhe das mãos, osculando-lhe a fronte...

E Jesus abençoando aquelas almas cegas,  
Responde humildemente: — “É assim que tu me entregas?”  
Vendo as coortes do Céu nas fímbrias do horizonte...

## A crucificação

Fita o Mestre, da cruz, a multidão fremente,  
A negra multidão de seres que ainda ama.  
Sobre tudo se estende o raio dessa chama,  
Que lhe mana da luz do olhar clarividente.

Gritos e altercações! Jesus, amargamente,  
Contempla a vastidão celeste que o reclama;

Sob os gládios da dor aspérrima, derrama  
As lágrimas de fel do pranto mais ardente.

Soluça no silêncio. Alma doce e submissa,  
E em vez de suplicar a Deus para a injustiça  
O fogo destruidor em tormentos que arrasem,

Lança os marcos da luz na noite primitiva,  
E clama para os Céus em prece compassiva:  
“— Perdoai-lhes, meu Pai, não sabem o que fazem!... .“

### **Aos descrentes**

Vós, que seguis a turba desvairada,  
As hostes dos descrentes e dos loucos,  
Que de olhos cegos e de ouvidos moucos  
Estão longe da senda iluminada,

Retrocedei dos vossos mundos ocos,  
Começai outra vida em nova estrada,  
Sem a idéia falas do grande Nada,  
Que entorpece, envenena e mata aos poucos.

Ó ateus como eu fui — na sombra imensa  
Erguei de novo o eterno altar da crença,  
Da fé viva, sem cárcere mesquinho!

Banhai-vos na divina claridade  
Que promana das luzes da Verdade,  
Sol eterno na glória do caminho!

### **Ideal**

Na Terra um sonho eterno de beleza  
Palpita em todo o espírito que, ansioso,  
Espera a luz esplêndida do gozo  
Das sínteses de amor da Natureza;

É ansiedade perpetuamente acesa  
No turbilhão medonho e tenebroso  
Da carne, onde a esperança sem repouso  
Luta, sofre e soluça, e sonha presa.

Aspirações do mundo miserando,  
Guardadas com ternura, com desvelos,  
Nas lágrimas de dor do peito aflito!...

Mas que o homem realiza apenas, quando,  
Rotas as carnes, brancos os cabelos,  
Sente o beijo de glória do Infinito!...

## Ressurreição

Extinga-se o calor do foco aurifulgente  
Do Sol que vivifica o Mundo e a Natureza;  
Apague-se o fulgor de tudo o que alma presa  
As grilhetas do corpo, adora, anela e sente;

Tombe no caos do nada, em túrgida surpresa,  
O que o homem pensou num sonho de demente,  
Os mistérios da fé, fulcro de luz potente,  
O templo, o lar, a lei, os tronos e a realeza;

Estertore e soluçe exausto e moribundo,  
Debilmente pulsando, o coração do mundo,  
Morto à mingua de luz, ambicionando a glória;

O Espírito imortal, depois das derrocadas,  
Numa ressurreição de eternas alvoradas,  
Subirá para Deus num canto de vitória.

## O Livro

Ei-lo! Facho de amor que, redivivo, assoma  
Desde a taba feroz em folhas de granito,  
Da Índia misteriosa e dos louros do Egito  
Ao fausto senhoril de Cartago e de Roma!

Vaso revelador retendo o excelso aroma  
Do pensamento a erguer-se esplêndido e bendito,  
O Livro é o coração do tempo no Infinito,  
Em que a idéia imortal se renova e retoma.

Companheiro fiel da virtude e da História,  
Guia das gerações na vida transitória,  
É o nume apostolar que governa o destino;

Com Hermes e Moisés, com Zoroastro e Buda,  
Pensa, corrige, ensina, experimenta, estuda,  
E brilha com Jesus no Evangelho Divino.

## Brasil

Desde o Nilo famoso, aberto ao sol da graça,  
Da virtude ateniense à grandeza espartana,  
O anjo triste da paz chora e se desengana,  
Em vão plantando o amor que o ódio despedaça,

Tribos, tronos, nações... tudo se esfuma e passa.

Mas o torvo dragão da guerra soberana  
Ruge, fere, destrói e se alteia e se ufana,  
Disputando o poder e denegrindo a raça.

Eis, porém, que o Senhor, na América nascente,  
Acende nova luz em novo continente  
Para a restauração do homem exausto e velho.

E aparece o Brasil que, valoroso, avança,  
Encerrando consigo, em láureas de esperança,  
O Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.



## 50

**PEDRO DE ALCÂNTARA**

Meu Brasil - No exílio – Rogativa – Soneto - Página de gratidão - Oração ao  
Cruzeiro - Bandeira do Brasil - Brasil do Bem – Brasil.

O ÚLTIMO imperador deixou alguns sonetos, que, bem o sabemos, há quem diga não serem da sua lavra. Ignoramos por que Dom Pedro 2º, alma boníssima, vibrátil, e espírito culto, não pudesse fazer o que fizeram e fazem tantos outros patrícios nossos, a ponto de ser corrente o conceito de que todo brasileiro é poeta aos 20 anos. De qualquer forma, entretanto, o que se não poderá negar é a estreita afinidade destes sonetos com os que, de Dom Pedro, conhecemos.

**Meu Brasil**

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,  
Bastas vezes sentia, mal desperto,  
Com o coração pulsando, estar já perto  
Do pátrio lar risonho e bonançoso.

E deplorava o rumo escuro e incerto,  
Do meu desterro amargo e desditoso,  
Desalentado e fraco, sem repouso,  
O coração em úlceras aberto.

Enviava, a chorar, na aura fagueira,  
Minhas recordações em terna prece  
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dor, enfim, pudesse  
Arrebatá-me à vida verdadeira.  
Onde a luz da verdade resplandece.

**No exílio**

Pode o céu do desterro ser tão belo,  
Quanto o céu do país em que nascemos;  
Nada faz com que o nosso desprezemos,  
Acalentando o sonho de revê-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anelo  
De regressar, e voando sobre extremos,  
Com o pensamento ansioso percorremos  
Nosso amado rincão, lindo ou singelo.

Jaz no desterro a plaga da amargura,  
De acerba pena ao pobre penitente,  
De amaro pranto da alma torturada;

A alegria no exílio é desventura,  
É a saudade na ânsia mais pungente  
De retornar à pátria idolatrada.

## Rogativa

Magnânimo Senhor que os orbes cria,  
Povoando o Universo ilimitado,  
Que dá pão ao faminto e ao desgraçado,  
E ao sofredor os raios da alegria,

Se, de novo, no mundo, desterrado,  
Necessitar viver inda algum dia,  
Que regresse ditoso ao solo amado  
Da generosa pátria que eu queria;

Se é mister retornar a um novo exílio,  
Seja o Brasil, lá onde eu desejava  
Ter vertido o meu pranto derradeiro...

Que, novamente viva sob o brilho,  
Da mesma luz gloriosa que eu amara,  
Na alcandorada terra do Cruzeiro.

## Soneto

No exílio é que a alma vive da lembrança,  
Numa doce saudade enternecida,  
Tendo chorosa a vista que se cansa  
De procurar a pátria estremecida;

Com dolorosas lágrimas avança,  
Do sonho que teceu e amou na vida,  
Para a morte, onde tem sua esperança,  
Na celeste ventura prometida.

E Deus, que os orbes cria, generoso,  
Na vastidão dos céus iluminados,  
Concede a paz ao triste e ao desditoso

Na clara luz dos mundos elevados,  
Onde, do amor, reserva o eterno gozo  
Para as almas dos pobres desterrados.

## Página de gratidão

Tangendo as cordas da harpa da saudade,  
Venho ao Brasil buscar a essência pura  
Do amor da pátria minha, da doçura

Da flor cheia do aroma da amizade.

Prende-me o coração a suavidade  
Desse arroubo de afeto e de ternura  
Dalma do povo meu, que de ventura  
E de alegria o espírito me invade.

Do misterioso aquém da morte, eu vejo,  
Sentindo, essa onda intensa e luminosa  
Da afeição, que idealiza o meu desejo:

E tendo a gratidão por companheira,  
Volvo ao pátrio torrão de alma saudosa,  
Amando mais a Terra Brasileira.

### **Oração ao Cruzeiro**

(No cinquentenário da Abolição)

Luminosas estrelas do Cruzeiro,  
Iluminai a terra da Esperança,  
Na doce proteção de um povo inteiro  
Onde a mão de Jesus desce e descansa.

Símbolo sacrossanto de aliança  
De paz e amor do Eterno Pegureiro,  
Guardai as claridades da Bonança  
Na vastidão do solo brasileiro.

Constelação da Cruz, cheia de graças,  
Transfundi numa só todas as raças,  
No país da esperança e da bondade.

Que o Brasil, sob a luz da tua glória,  
Possa escrever, no mundo, a grande história  
Das epopéias da Fraternidade.

### **Bandeira do Brasil**

Bandeira do Brasil, símbolo da bonança,  
Enquanto a guerra estruje indômita e sombria,  
Sê nos planos de luta o sinal de harmonia,  
Espalhando no mundo as bênçãos da Esperança.

Assinalas, na Terra, o país da Alegria,  
Onde toda a existência é um hino de abundância,  
Guardas contigo a luz da bem-aventurança,  
És o florão da paz, marcando um novo dia.

Nascestes sob a luz de um bem, alto e fecundo,  
Nunca te conspurcaste aos embates do mundo,

Buscando iluminar as lutas, ao vivê-las...

É por isso que Deus, que te ampara e equilibra,  
Deu-te um corpo auri-verde onde a paz canta e vibra,  
E um coração azul, esmaltado de estrelas.

## **Brasil do Bem**

Eis que o campo de sombra se esfacela  
No doloroso e amargo cativo  
Da guerra que ameaça o mundo inteiro,  
Qual furacão no auge da procela.

Mas na amplidão do solo brasileiro  
Outra expressão de vida se revela  
Nalma caridosa, heróica e bela,  
Que se engrandece ao brilho do Cruzeiro.

Grande Brasil do Bem e da Abastança,  
Deus te guarde os tesouros da esperança,  
Desde as luzes dos céus à luz dos ninhos!

Segue à frente do mundo aflito e errante  
E alça o pendão pacífico e triunfante,  
Como a doce promessa nos caminhos!...

## **Brasil**

Sopra o vento do Ódio e da Vingança,  
Aniquilando a Paz do mundo inteiro,  
Embora o Amor Divino do Cordeiro  
Seja a fonte da Bem-aventurança.

Mas a terra ditosa da Esperança  
Vive nas claridades do Cruzeiro,  
Onde o Evangelho é o Doce Mensageiro  
Das bênçãos da Verdade e da Bonança.

Meu Brasil, guarda a luz dessa vitória,  
Que é o mais belo florão de tua glória  
Nos caminhos da espiritualidade.

Ama a Deus. Faze o bem. Todo o problema  
Está na compreensão clara e suprema  
Do Trabalho, do Amor e da Verdade.

## 51 RAIMUNDO CORREIA

Sonetos.

NASCIDO a 13 de maio de 1859, a bordo do vapor São Luiz, na baía de Mangunça, litoral do Maranhão, e desencarnado em Paris a 13 de setembro de 1911. Magistrado, membro da Academia Brasileira de Letras; além de justo e bom, pode sem favor considerar-se um dos maiores poetas da sua geração.

### Sonetos

1

Tudo passa no mundo, O homem passa  
Atrás dos anos sem compreendê-los;  
O tempo e a dor alvejam-lhe os cabelos,  
À frouxa luz de uma ventura escassa.

Sob o infortúnio, sob os atropelos  
Da dor que lhe envenena o sonho e a graça,  
Rasga-se a fantasia que o enlaça,  
E vê morrer seus ideais mais belos!...

Longe, porém, das ilusões desfeitas,  
Mostra-lhe a morte vidas mais perfeitas,  
Depois do pesadelo das mãos frias...

E como o anjinho débil que renasce,  
Chora, chora e sorri, qual se encontrasse  
A luz primeira dos primeiros dias.

2

Ah!... se a Terra tivesse o amor, se cada  
Homem pensasse no tormento alheio,  
Se tudo fosse amor, se cada seio  
De mãe nutrisse os órfãos... Se na estrada

Do contraste e da dor houvesse o anseio  
Do bem, que ampara a vida torturada,  
Que jamais viu um raio de alvorada  
Dentro da noite eterna que lhe veio

Do sofrimento que ninguém conhece...  
Ah! se os homens se amassem nessa estância  
A dor então desapareceria...

A existência seria a ardente prece  
Erguida a Deus do seio da abundância,  
Entre os hinos da paz e da alegria.

## 52

**RAUL DE LEONI**

Luta - Na Terra – Soneto – Nós - “Post mortem” – Soneto.

FLUMINENSE, nascido em Petrópolis em 1895 e desencarnado em Itaipava, com apenas 31 anos de idade. Bacharel em Direito, foi deputado estadual e posteriormente Secretário de Legação. Entre os talentos da chamada nova geração, a sua afirmativa nos domínios da Arte Poética pode considerar-se das mais fulgurantes. Além de Ode a um Poeta Morto, dedicada a Olavo Bilac, de quem foi amigo dileto, deixou Luz Mediterrânea, considerada como seu livro de ouro.

**Luta**

Aí na Terra, as bem-aventuranças  
São o sonho que o Espírito agasalha,  
Mas, mesmo após a morte, a alma trabalha  
Buscando o céu das suas esperanças.

Muita vez, quando pensas que descansas,  
Além te espera indômita batalha,  
Onde o suposto gozo se estraçalha  
Sob o guante acerado das provanças.

Para cá do sepulcro a dor antiga,  
Que nos traz o desânimo, a fadiga,  
Sob a luz da verdade se atenua;

A febre das paixões desaparece,  
O Espírito a si mesmo reconhece,  
Mas a luta infinita continua.

**Na Terra**

Renascendo no mundo da Quimera,  
Ao colhermos a flor da juventude,  
É quando o nosso Espírito se ilude,  
Julgando-se na eterna primavera.

Mas o tempo na sua mansuetude,  
Pelas sendas da vida nos espera,  
Junto à dor que esclarece e regenera,  
Dentro da expiação estranha e rude.

E ao tombarmos no ocaso da existência,  
Nós revemos do livro da consciência  
Os caracteres grandes, luminosos!.

Se vivemos no mal, quanta agonia!

Mas se o bem praticamos todo o dia,  
Como somos felizes, venturosos!...

## Soneto

Não te entregues na Terra à indiferença.  
Cheio de amor e fé, trabalha e espera;  
Nos domínios do mal, nada há que vença  
A alma boa, a alma pura, a alma sincera.

No pensamento nobre persevera  
De servir, sempre alheio à recompensa;  
O desejo do Bem dilata a esfera  
Das luzes sacratíssimas da Crença.

Vive nas rutilantes almenaras  
Dos castelos do Amor de essências raras,  
Aspirando os olores da Pureza!...

Terás na Terra, então, a vida calma...  
E a morte não será, para a tua alma,  
Jamais medonha e trágica surpresa.

## Nós...

Nós todos vamos pela vida em fora  
Deixando no caminho os mesmos traços,  
Em Deus buscando a Perfeição que mora  
No cume inatingível dos Espaços!...

Cada instante de dor nos aprimora,  
Desatando os grilhões, rompendo os laços  
Dessa animalidade atrasadora,  
Que procura tolher os nossos passos.

Heróis de novas lendas carlovíngias,  
O Sonho imanta as nossas almas, cinge-as,  
Na Luz Ideal — o nosso excelso escudo;

Buscando o Indefinível, o Insondado,  
Deus, que é o Amor eterno e ilimitado  
E a gloriosa síntese de tudo.

## “Post mortem”

Depois da morte, tudo aqui subsiste,  
Neste Além que sonhamos, que entrevemos,  
Quando a nossa alma chora nos extremos  
Dessa dor que no mundo nos assiste.

Doce consolação, porém, existe  
Aos amargosos prantos que vertemos,  
Do conforto celeste os bens supremos  
Ao coração desalentado e triste.

Também existe aqui a austera pena  
A consciência infeliz que se condena,  
Por qualquer erro ou falta cometida;

E a Morte continua eliminando  
A influência do mal, torvo e nefando,  
Para que brilhe a Perfeição da Vida.

## Soneto

Se todos nós soubéssemos na vida  
A Verdade grandiosa e soberana,  
Não faltaria o gozo que promana  
Dos sentimentos da missão cumprida.

Mas na Terra a nossa alma empobrecida,  
Presas dessa vaidade toda humana,  
De desgraças e de erros se engalana  
Numa incerteza amarga, irreprimida...

Vamos passando assim a vida inteira,  
Sem esposar a crença imorredoura,  
A fé demolidora de montanhas,

Quase imersos na treva da cegueira,  
Sem vislumbrar a luz orientadora,  
Nessa noite de dúvidas estranhas!...



## 53

**RODRIGUES DE ABREU**

Vi-te, Senhor! - No Castelo encantado.

POETA nascido em Capivari, São Paulo, a 17 de setembro de 1899, e desencarnado, tuberculoso, em Campos do Jordão, aos 24 de novembro de 1927. Publicou Casa Destelhada, Noturnos e Sala dos Passos Perdidos, além de inúmeros trabalhos esparsos na imprensa do seu Estado. Foi cognominado — “o poeta triste das rimas róseas”.

**Vi-te, Senhor!**

Eu não pude ver-Te, meu Senhor,  
Nos bem-aventurados do mundo,  
Como aquele homem humilde e crente do conto de Tolstoi.

Nunca pude enxergar  
As Tuas mãos suaves e misericordiosas,  
Onde gemiam as dores e as misérias da Terra;  
E a verdade, Senhor,  
É que Te achavas, como ainda Te encontras,  
Nos caminhos mais rudes e espinhosos,  
Consolando os aflitos e os desesperados...  
Estás no templo de todas as religiões,  
Onde busquem Teus carinhos  
As almas sofredoras,  
Confundindo os que lançam o veneno do ódio em Teu nome,  
Trazendo a visão doce do Céu  
Para o olhar angustioso de todas as esperanças.  
Estás na direção dos homens,  
Em todos os caminhos de suas atividades terrestres,  
Sem que eles se apercebam  
De Tua palavra silenciosa, e renovadora,  
De Tua assistência invisível e poderosa,  
Cheia de piedade para com as suas fraquezas.

Entretanto,  
Eu era também cego no meio dos vermes vibráteis que são os homens,  
E não Te encontrava pelos caminhos ásperos...

Mocidade, alegria, sonho e amor,  
Inquietação ambiciosa de vencer,  
E minha vida rolava no declive de todas as ânsias...

Chamaste-me, porém,  
Com a mansidão de Tua misericórdia infinita.  
Não disseste o meu nome para não me ofender;  
Chamaste-me sem exclamações lamentosas,  
Com o verbo silencioso do Teu amor,

E antes que a morte coroasse a Tua magnanimidade para comigo,  
 Vi que chegavas devagarinho,  
 Iluminando o santuário do meu pensamento  
 Com a Tua luz de todos os séculos!

Falaste-me com a Tua linguagem do Sermão da Montanha,  
 Multiplicaste o pão das minhas alegrias  
 E abriste-me o Céu, que a Terra fechara dentro de minhalma...

E entendi-Te, Senhor,  
 Nas Tuas maravilhas de beleza,  
 Quando Te vi na paz da Natureza,  
 Curando-me com a Dor.

### **No Castelo encantado**

Eu ainda não era um homem,  
 Quando subi aos elevados promontórios da esperança,  
 Divisando os países da beleza.  
 Meu coração pulou com um ritmo descompassado  
 E desejei a luz das cidades distantes,  
 O perfume das florestas prodigiosas  
 Onde cantavam as aves da mocidade e da glória.

Tudo sonhei contemplando o horizonte!...

Na embriaguez da ansiedade e do desejo,  
 Não vi o cântaro de mel  
 Que minha mãe deixara com o seu beijo  
 Na prateleira humilde de minhalma.  
 Gotas de mel, palavras de oração —  
 “Pai Nosso que estais no Céu...”  
 “Ave Maria, cheia de graças...”  
 Gotas do mel de amor, do coração.

Tudo esqueci, por infelicidade,  
 E andei como um fauno louco pelos mares remotos e pelas ilhas  
 desconhecidas...

Eu era dono do mundo inteiro  
 Porque era senhor dos sonhos absolutos,  
 Adormecendo à sombra enganadora  
 Da árvore da ilusão, onde quase todos os frutos apodrecem.  
 E quando quebrava os últimos altares,  
 Na inquietação da carne e do desejo,  
 Chegou ao país de minhalma um romeiro triste dos Céus,  
 Falando como Jeremias sobre a Jerusalém de minhas ânsias:

“A sombra da ilusão envenena-te a vida....  
 “Eu corrijo as paisagens interiores,  
 Trago-te o pão dos grandes amargores,

“Sou a Dor, ficarei sempre contigo.  
 “Guarda as minhas verdades, meu amigo,  
 “Manda o Senhor que eu seja a companheira  
     “De tua vida inteira...  
 “Irás comigo a mundos ignorados,  
     “Dar-te-ei maravilhas  
 “Ao sol dos meus castelos encantados... .“

Eu não sei explicar o mistério  
 Daquela personagem enigmática  
 Que se intrometia, afoitamente,  
 Na minha estrada de alegria.

Seu olhar parecia  
 A claridade estranha de toda a resignação e de todo o padecimento.

E, desde esse momento,  
 Casou-se comigo a Dor, de tal maneira,  
 Que a senti junto a mim, a vida inteira:

Roubou-me todas as glórias da Terra,  
 Fez fugir-se-me a noiva idolatrada,  
 Deixou-me só na lôbrega jornada,  
 Afastou-me a alegria da saúde,  
 Apodreceu meu coração em sua mão,  
 Deu-me as sombras dos Campos do Jordão,  
 Fez de meu sonho a casa destelhada,  
 Onde as chuvas de todas as misérias  
 Caíram sem cessar desde esse dia;  
 Crestou-me a flor ditosa da alegria,  
 Tudo levou-me a dor incontentada...

Mas oh! suave milagre de ventura,  
 Ela deu-me os palácios encantados  
 Onde brilham as luzes dAquele que se sacrificou na cruz por todos os  
     homens!...

Pela sua porta estreita,  
 Encaminhou-me à sensação perfeita  
 De Tua inefável presença, ó Senhor de Bondade.  
 Nas grandezas de Tua claridade,  
 Cala-se o meu verso humilde,  
     Porque com a Dor  
 Sinto que Te compreendo, meu Senhor,  
     E abençoado contente  
 As mágoas que me deste antigamente...  
     Pois agora é que eu sei  
 Banhar-me todo nessa fonte imensa  
 Da paz, doce e balsâmica da crença,  
 Enxergando na tamareira da esperança,  
 A cuja sombra o espírito descansa,

Pelos desertos áridos do mundo,  
O único fruto eterno, bom e fecundo...  
Fruto que é o Teu amor  
E a Tua caridade, meu Senhor,  
Sustentando a infeliz Humanidade,  
Desde as pedras da Terra  
Aos jardins de esplendor da Eternidade!

## 54 SOUZA CALDAS

Ato de contrição - Versão do Salmo 12 - Versão do Salmo 18.

NASCIDO na cidade do Rio de Janeiro, em 1762, e aí desencarnado em 1814. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abraçou mais tarde a carreira eclesiástica, ordenando-se em Roma. Dizem que as suas melhores composições, as que o levaram a ser preso pelo Santo Ofício, perderam-se. Acreditamos que o médium ignorava a circunstância de ser a tradução dos Salmos de David, justamente, de suas obras poéticas, a mais apreciada.

### Ato de contrição

A vós  
Senhor,  
Meu Deus  
De Amor,  
Minhalma  
Implora  
A salvação!

Meu Pai,  
Bem sei  
Que mal  
Andei,  
Buscando  
O erro  
E a imperfeição;

Assim  
Pequei,  
Na treva  
Errei,  
E jus  
Eu fiz  
A expiação.

Vós sois,  
Porém,  
Farol  
Do Bem!  
Ouvi  
Dos Céus  
Minha oração.

Sois vós  
A luz,  
E junto  
A cruz

Do meu  
Sofrer,  
Quero o perdão;

Perdão  
Que traz  
Sossego  
E paz  
Ao meu  
Viver  
Na provação.

Suplico-o  
A vós,  
Na dor  
Atroz,  
Amara  
E rude  
Da contrição!

Dai ao  
Meu ser,  
Aflito  
Ao ver  
O seu  
Pecado,  
A redenção;

E hei de  
Poder  
Feliz  
Vencer  
Do mal  
Cruel  
O atroz dragão!

## **Versão do Salmo 12**

Senhor dos Mundos, na Terra inteira,  
Os maus somente é que dominam,  
Rudes tiranos e os impiedosos  
De coração.

Ganham favores, buscam louvores,  
Espezinhando seus semelhantes,  
Tripudiando nas vossas leis,  
Ímpios que são.

Causam a ruína da vossa casa,  
Lançam injúrias ao vosso nome,

Adoradores da iniquidade,  
Da imperfeição.

Vossas ovelhas são confundidas,  
E sufocadas pelo amargor,  
Fracas e pobres andam saudosas,  
Do vosso amor.

São elas todas, pobres e humildes,  
Glorificai-as, meu Criador!  
Alevantai-as do abismo escuro  
Com a vossa luz!

Vossa bondade, imensa e eterna,  
É a esperança dos pecadores;  
Pai amoroso, salvai os homens,  
Confio em vós!

### **Versão do Salmo 18**

Por toda a parte  
Veja a criatura,  
Na noite escura  
Da sua dor,  
A eterna força  
De um Deus clemente,  
Onipotente,  
Cheio de amor.  
Astros e mundos  
No céu girando,  
Aves cantando,  
O mar e a flor,  
Todos os seres  
Hinos entoem,  
Cantos ressoem  
Ao Criador!  
Eterno Artífice  
Que os sóis modela,  
Lustres da auréola  
Da Criação,  
Sois a bondade  
A mais perfeita,  
A Luz Eleita,  
A salvação.  
Doce refúgio  
Dos desgraçados,  
Aos meus pecados,  
Muitos que são,  
Imploro e clamo,  
Com o meu espírito

Turbado e aflito,  
Vosso perdão.  
Que desprezei  
O ouro brilhante,  
Lindo e faiscante,  
Bem sei, Senhor!  
Como fugi  
Da hora fugace  
Que me afastasse  
Do vosso amor!  
Mas bem sabeis  
Que a carne impura  
Leva a criatura  
A mais pecar;  
Fazendo assim  
Pra meu tormento,  
Meu pensamento  
Prevaricar.  
Porém, o vosso  
Amor profundo  
Redime o mundo  
Do padecer;  
Dando-lhe o tempo  
E áspera lida  
Para na vida  
Tudo vencer.  
Vós que acendestes  
Faróis brilhantes,  
Sóis rutilantes  
Dalmo esplendor,  
Cantando a vida,  
A onipotência  
E a pura essência  
Do vosso amor!  
Que sois o sol  
Dos universos,  
Mundos dispersos  
Na imensidão.  
Além da força  
Vós sois, também,  
O sumo bem  
E a perfeição  
Que vence o mal,  
O orgulho e a dor,  
Que o pecador  
No coração  
Guarda com zelo,  
Cruéis inimigos,  
Que são amigos  
Da perdição.



Misericórdia,  
Assim espero,  
Almejo e quero  
Para que eu  
E os meus irmãos  
O mal deixemos  
E abandonemos  
Buscando o Céu.  
Por vossa causa  
O maior gozo,  
Esplendoroso,  
Desprezarei,  
Para que eu viva  
Na luz fulgente,  
Eternamente,  
Da vossa lei.  
Assim, Senhor,  
Minhalma aguarda  
A luz que tarda  
Ao mundo vão,  
Que há de esplender  
Nos homens todos,  
Limpando os lodos  
Da imperfeição.  
Dominareis  
Toda a impiedade  
Pela verdade  
Que em vós transluz!  
E, servo, aguardo  
Do vosso amor  
Consolo à dor,  
Amparo e luz!

## 55

**UM DESCONHECIDO**

Meditando - O nobre castelão - Nesga de Céu.

**Meditando**

Eu fui daquelas almas que viveram  
Sem conhecer da Terra os paraísos,  
Que somente a amargura dos sorrisos  
Pela noite das dores conheceram.

Não que eu fosse infeliz e desditoso,  
Pois fui também humano entre os humanos,  
E através dos meus dias, dos meus anos,  
Se eu quisesse gozar, teria o gozo.

É que ao sentir no âmago do peito  
A atitude do homem nossa vida,  
Coração enganado, alma iludida,  
Afastado do Puro e do Perfeito,

O meu ser que sonhara a Humanidade  
Qual um ramo de flores perfumosas,  
Viu as almas tremerem, desditosas,  
Sob o peso da própria iniquidade.

E isolado nos grandes sofrimentos  
De ser só, na aspereza dos caminhos,  
Encontrei o prazer pelos espinhos,  
Ao trilhar os carreiros dos tormentos.

Pois no mundo pequeno da minha alma,  
Quando em dor me envolvia a desventura,  
Eu vislumbrava a luz brilhante e pura  
Que me trazia a paz, bonança e calma:

— Era a luz que me vinha da visão  
De ver o Cristo-Amor, entre cansaços,  
E tinha então prazer de ver meus braços  
Enlaçados na cruz da provação.

**O nobre castelão**

No interior  
Do esplêndido alcançar,  
Agonizava o senhor  
Dos domínios extensos.  
O dono do solar  
Nos espasmos intensos

Da agonia,  
 Em torno dirigia  
 Um último olhar,  
 E viu então  
 O seu brasão  
 Invicto e glorioso,  
 Insculpido nas fúlgidas realezas  
 Do castelo formoso,  
 Transbordante de glórias e riquezas!

Mais alongando a vista,  
 Viu-lhe o feito da esplêndida conquista  
 Nas grandiosas searas.  
 Que em suas mãos avaras  
 Foram armas cruéis, destruidoras,  
 Martirizando as almas sofredoras.  
 Contemplou seus tesouros passageiros,  
 E em espasmos convulsos, derradeiros,  
 Opresso o coração,  
 Mergulhado no pranto mais profundo,  
 Expirou para o mundo  
 O nobre castelão.

A sua alma despida das grandezas,  
 Das terrenas, efêmeras realezas,  
 Bem após o transcurso de alguns anos  
 De triste letargia,  
 Foi um dia  
 Despertada em amargos desenganos:  
 Conturbado por agros dissabores,  
 Contemplou seu solar  
 Ocupado por outros moradores...  
 A exclamar,  
 Estranhou revoltado,  
 Que ninguém acudisse ao seu chamado.  
 E em atitude austera,  
 Tomado de energia,  
 De cólera severa  
 Já que ele era o senhor,  
 Reclamou os seus servos com calor  
 E, entretanto, nenhum lhe obedecia.  
 Imerso em turvação,  
 Somente, às vezes,  
 Escutava nos ditos mais soezes  
 Terrível maldição  
 Das vítimas de antanho!

E o sofrimento era, tamanho  
 Em ser incompreendido,  
 Que se julgou perdido

Irremissivelmente  
 Assim, constantemente,  
 Durante o transcorrer de muitos dias,  
 Conservou-se naquelas cercanias  
 Como presa feroz  
 Do sofrimento atroz,  
 De contínuos pesares e agonias...  
 Todavia,  
 O pobre sofredor,  
 No auge do amargor,  
 Recordou-se que havia  
 Um Pai Onipotente,  
 E cheio de fervor,  
 Humilde penitente,  
 Implorou seu amor  
 Numa súplica em lágrimas de pena.  
 Sua alma sofredora  
 Sentiu-se então mais calma e mais serena,  
 Penetrada de doce claridade,  
 De luz confortadora,  
 Que provinha de alguém  
 Que lhe fazia  
 Meditar na grandeza da Verdade  
 E lhe dizia  
 Da beleza do Amor, da Luz do Bem: —  
 “O que sofres, amigo, é a conseqüência  
 Da equívoca existência  
 Que levaste,  
 Já que sem piedade aniquilaste  
 Muitas almas e muitos corações,  
 Que hoje te envolvem os lúridos momentos  
 Em rudes sofrimentos  
 E estranhas maldições.

Por que ocultaste as flores formosas  
 Que na Terra colheste,  
 Flores lindas que nunca ofereceste  
 As almas desditosas?  
 Por que não concedeste um só bocado  
 Do teu pão abundante  
 Ao pobre esfomeado?  
 Ocupando-te em gozo, a todo o instante,  
 Jamais vestiste os nus, nem consolaste  
 Aquele que sofria;  
 Desprezavas o fraco e nunca amaste  
 Quem de ti carecia!  
 A caridade,  
 O sentimento-luz, a flor-tesouro,  
 Não tiveste em teus dias de maldade  
 No grande sorvedouro!

Porém, o Deus de Amor  
 É sempre o magnânimo Senhor,  
 E permite que voltes aos humanos,  
 Para que se dissipem teus enganos  
 No amargor;  
 Voltarás,  
 Porém, já não terás  
 Efêmeras venturas,  
 Serás agora escravo e não senhor...  
 Conhecerás  
 As dores e amarguras,  
 As mágoas escabrosas.  
 Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençoa o Senhor  
 Que te concede a dor,  
 Para assim compreenderes  
 Que os reais e legítimos prazeres  
 Que da vida nos vêm,  
 Não residem no Mal e sim no Bem.”

## **Nesga de Céu**

A alma extasiada  
 Sobe... sobe...  
 Há toda. uma amplidão Iluminada  
 A sua vida...

A estrada  
 É uma etérea alfombra  
 Sem resquícios de sombra!  
 É o domínio da luz que ela conquista!

Vibra no ar  
 Dulcíssima harmonia,  
 Como se fora feita  
 De luar,  
 De alegria...  
 De alegria perfeita.

Parece um hino de amor  
 Dos Paganinis siderais,  
 A ventura, o fulgor,  
 Transformados em notas musicais.

Além, fulguram sóis;  
 Em tudo há um misto  
 Nunca visto  
 De manhãs e arrebóis.

Aos clarões dessa aurora,  
A alma chora  
Em êxtase profundo.

E lembra-se que sofreu,  
Que amou, que padeceu.

Ao longe, muito ao longe,  
O mundo  
É um ponto negro que gira...

Ainda além, mais além,  
A Via-Láctea transluz,  
Como um éden de luz  
E de amor.

Nesgas do céu, imagens de esplendor,  
Cenários majestosos,  
Soberbas harmonias  
Nos mundos luminosos!

Seres que passam rápidos, flutuantes,  
Sorridentes, radiantes,  
Nos espaços sem termos, onde a vida  
É a imortalidade  
Anelada, querida,  
De pureza, de beleza,  
De perfeição e de felicidade!

Em baixo as vastidões,  
Em cima, as emoções  
Do ilimitado.

Atrás a noite e as mágoas de agonia  
Do passado;  
E, em frente,  
Um futuro esplendente  
Pintalgado de rosas,  
Da mais pura alegria.

Feito de éter, de sonho,  
O caminho é risonho,  
Recamado de flores perfumosas.

Melodia, luz, aroma!...  
De repente  
Numa nesga de céu resplandecente  
Assoma  
Uma rutila esfera,  
Como um país de doce primavera,

Intérmina de gozos!...  
A alma se extasia  
Na luz do Eterno Dia.  
Com os pensamentos puros e radiosos,  
Ora a Deus:

Recorda em prece os sofrimentos seus,  
Evoca as lágrimas vertidas!  
Contempla panoramas de outras vidas,  
Vidas de estranha dor...

Mas cada gota amarga dos seus prantos

Agora  
É um raio de aurora,  
Que um a um  
Vão formando uma auréola  
De brilhos santos,  
Que a engrinalda de luz.

Em suavíssima unção,  
A pobre alma orando,  
Chorando,  
Nessa prece  
Reconhece  
A alvorada de sua redenção!

## 56

**VALADO ROSAS**

Aos meus irmãos - Na paz do Além.

NASCEU em Viana do Castelo, Portugal, em 1871. Veio para o Brasil com 14 anos e aqui viveu, poetou e desencarnou, na cidade de Caratinga, aos 19 de janeiro de 1930. Seu nome é Lázaro Fernandes Leite do Val. Modesto quão talentoso, foi também um polemista e doutrinador espírita vigoroso, que ilustrou o pseudônimo na imprensa profana e doutrinária do Brasil e de sua pátria.

**Aos meus irmãos**

Sob as estrelas da minha crença,  
Cansado e triste cerrei meus olhos  
Dentro da noite que é para muitos  
Um mar bravio, cheio de escolhos.

Quando no mundo de exílio e sombra,  
Habituei-me com as invernias  
E com os reveses da minha sorte,  
Na luta intensa que encheu meus dias,

É que o Evangelho do Cristo amado,  
— O mensageiro da Perfeição,  
Nas horas tristes e amarguradas,  
Esclarecia meu coração:

Não sou, no entanto, quem vá mostrar  
As maravilhas que ele fornece,  
Quando escutamos as vozes claras  
Da consciência, na luz da prece.

E, então, eu pude adormecer  
Na paz serena, doce e cristã,  
Abrindo os olhos tranqüilamente  
Numa alvorada linda e louçã.

Vós, que ficastes no mundo ingrato,  
De quem me lembro na luz do Além,  
Lede o roteiro dos Evangelhos...  
E a paz na marte tereis também.

**Na paz do Além**

Dentro da noite grandiosa e calma,  
Deixo a minha alma falar aqui,  
Aos companheiros de luta e crença,  
Da graça imensa que recebi.



Graça divina de haver sofrido,  
De ser vencido no mundo vão,  
Graça de haver sorvido tanto  
O amargo pranto da ingratidão.

Na vida obscura e transitória  
A nossa glória vive na dor,  
Dor de quem sofre sonhando e espera,  
Com fé sincera, no Pai de Amor.

Subi o Gólgota dos meus pesares,  
Que os avatares da redenção  
São todos feitos nas amarguras,  
Nas desventuras da provação.

Perdi na Terra doces afetos,  
Sonhos diletos de sofredor,  
Mas recebendo na grande escola  
A grande esmola do meu Senhor.

E a Morte trouxe-me a liberdade,  
A piedade, o amparo e a luz!  
Feliz quem pode na dor terrestre  
Seguir o Mestre com sua cruz.

## 57

### NOTAS DA EDITORA

(1) Esta poesia singela e, por assim dizer, intimamente pessoal, foi recebida em circunstâncias imprevistas e timbra episódios vemos de mais de 30 anos, que o médium não podia conhecer, atento mesmo a sua banalidade. Singelos e Aves Implumes são títulos de dois pequenos volumes de versos publicados em começos do século. Carlota é o nome da esposa do poeta cego, também cegada de uma vista, por acidente, depois de casada.

(2) Este e outros sonetos de Cruz e Souza foram por ele mesmo traduzidos magistralmente em Esperanto, e as traduções ditadas ao médium Francisco Valdomiro Lorenz, que no-las remeteu. Por supormos fato inédito, deixamo-lo aqui registado. Essas traduções mediúnicas de versos em Esperanto foram publicadas em elegante volume, sob o título: Vodoj de poetoj ei la Spirita Mondo.

(3) Esta produção surgiu de improviso no curso de uma reunião familiar em que se não cogitava de assuntos espíritas. O poeta desencarnou no século passado e o médium é deste século; e conquanto fosse intelectual de prol, a seu tempo, é hoje um nome esquecido, fora dos meios culturais. Ninguém ali o conhecera nem dele se lembraria, exceto uma senhora que, em menina, lhe assistira aos funerais, em Vassouras, onde ele tem precioso jazigo, oferecido pela população local.

Fim